

Igor Maciel da Silva

ELAS SE DIVERTEM (Barbacena – MG, 1914 a 1931)

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - UFMG

2018

Igor Maciel da Silva

ELAS SE DIVERTEM (Barbacena – MG, 1914 a 1931)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer.

Linha de pesquisa: Lazer, história e memória

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Rosa

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - UFMG

2018

S586l Silva, Igor Maciel da
2018 Elas se divertem (Barbacena - MG, 1914 a 1931). [manuscrito] / Igor Maciel da Silva - 2018.
135 f., enc.: il.

Orientadora: Maria Cristina Rosa

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 118-135

1. Lazer - Teses. 2. Mulheres - Aspectos sociais - Teses. 3. História - Teses. I. Rosa, Maria Cristina. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB 6: n° 3132, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



ATA DA 136ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

IGOR MACIEL DA SILVA

Às 14h00min do dia 18 de julho de 2018 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho "ELAS SE DIVERTEM (Barbacena – MG, 1914 a 1931)", requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, a Presidenta da Comissão, Profa. Dra. Maria Cristina Rosa, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Profª. Dra. Maria Cristina Rosa (Orientadora)	X	
Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias (UFMG)	X	
Profª. Dra. Silvana Vilodre Goellner (UFRGS)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: Aprovado

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pela Presidenta da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidenta encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Este documento tem validade de 60 dias.

Belo Horizonte, 18 de julho de 2018.

Profª. Dra. Maria Cristina Rosa _____

Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias _____

Profª. Dra. Silvana Vilodre Goellner _____

“ [...] Na noite da vitória
Emocionada, entre lágrimas falou:
- "Nem sempre a minha vida foi tão bela
Mas o que passou, passou...
Dedico esse título a mamãe
Que tantos sacrifícios fez
Pra que eu chegasse aqui, ao apogeu
Com o auxílio de vocês".
Guardarei para sempre
Seu retrato de *miss* com cetro e coroa
Com a dedicatória que ela
Em letra miúda, insistiu em fazer:
"Pra que os olhos relembrem
Quando o teu coração infiel esquecer".

João Bosco. *Miss Suéter*, 1976.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a UFMG por me proporcionar momentos de formação profissional e humana inenarráveis e a CAPES pela concessão da bolsa de Mestrado.

Maria Cristina Rosa, obrigado pela orientação, paciência, confiança e ensinamentos múltiplos. Sobretudo aquele que pretendo levar para a vida toda, o de que não adianta saber os nados avançados da “natação” se eu não souber “boiar”.

Cleber Dias, obrigado por me apresentar o Triângulo Mineiro e consequentemente Barbacena. Regiões geograficamente díspares, mas que se conectaram no meu percurso acadêmico.

Silvana Goellner e Victor Melo, grandes inspirações, obrigado pelos tão cuidadosos pareceres do Projeto de Pesquisa que foram norte para continuar.

Silvana, Cleber, José Alfredo e Flávia obrigado por aceitarem compor a banca de avaliação final da pesquisa. Silvana e Cleber, banca titular, obrigado pelas pontuações, conselhos, diálogos, elogios e toda emoção.

Ao pessoal da Biblioteca Luiz de Bessa, a minha gratidão pela atenção, do mesmo modo à equipe que compõe a secretaria da Pós em Lazer.

Sarah, obrigado por tudo! Digo, sem pieguices, que se não fosse o seu incentivo, credibilidade e paciência para comigo eu não teria feito os investimentos que faço neste caminho acadêmico. Obrigado pela confiança, amizade, credibilidade, carinho, risadas, ensinamentos! Além de amiga é uma grande inspiração profissional para mim!

Lao, obrigado pela amizade, confiança, muitos ensinamentos, muitas trocas, credibilidade, afeto, e muitas ‘histórias’! A escrita deste texto tem muitas das inspirações que me atribui. Obrigado, mesmo!

As demais pessoas que me incentivaram a tentar o Mestrado, as que me ajudaram na escrita e reformulação do Projeto e do texto da dissertação, e há muitas outras que me inspiraram e fizeram este ciclo mais leve, a minha gratidão. Ousarei citar alguns nomes: Elaine. Marília. Marina Guedes. Amanda. Ana. Carolzinha. Cinthia. Lorena. Luíza. Rosa. Pedro. Gabi Rosa. Letícia. Luciano Coelho. Marcília. Meily. Nicole. Pépé. Romário. Tarcísio (Tátá). Tia Miriam e Tio Du. E claro, a turma do Mestrado, em especial, Larissa e Renata.

DO MAIOR INCENTIVO

“Desde que eu ia à escola, **minha mãe** interessava-se pelos meus êxitos, meus progressos, e contava mais na minha vida. Parecia-me ser de uma espécie mais rara do que o resto dos homens” (BEAUVOIR, 2017, p. 28, **grifo meu**).

DA RELAÇÃO COM A PESQUISA

“Talvez esse tenha sido o meu maior esforço de vida: para compreender minha não inteligência fui obrigada a me tornar inteligente. (Usa-se a inteligência para entender a não inteligência. Só que depois o instrumento continua a ser usado – e não podemos colher as coisas de mãos limpas.)” (LISPECTOR, 1978, p. 23).

DO MAIOR APRENDIZADO

“Se somos incapazes de nos lembrar de tudo, somos ainda mais incapazes de tudo narrar; a idéia da narrativa exaustiva é uma perfeita insensatez” (RICOEUR, 2003, p.7).

“A impressão que eu tenho é a de não ter envelhecido embora eu esteja instalada na velhice. O tempo é irrealizável. Provisoriamente, o tempo parou pra mim. Provisoriamente. Mas eu não ignoro as ameaças que o futuro encerra, como também não ignoro que é o meu passado que define a minha abertura para o futuro. O meu passado é a referência que me projeta e que eu devo ultrapassar. Portanto, ao meu passado eu devo o meu saber e a minha ignorância, as minhas necessidades, as minhas relações, a minha cultura e o meu corpo. Que espaço o meu passado deixa pra minha liberdade hoje? Não sou escrava dele. O que eu sempre quis foi comunicar da maneira mais direta o sabor da minha vida, unicamente o sabor da minha vida. Acho que eu consegui fazê-lo; vivi num mundo de homens guardando em mim o melhor da minha feminilidade. Não desejei nem desejo nada mais do que viver sem tempos mortos” (BEAUVOIR, s/d).

RESUMO

A análise dos divertimentos com foco nas mulheres é um tema ainda pouco evidente nas pesquisas dos Estudos do Lazer e da História das Mulheres no Brasil. Com a presente dissertação objetivamos compreender as formas de participação das mulheres de Barbacena nos divertimentos de 1914 a 1931. Em específico, buscamos apontar os divertimentos presentes nessa cidade no período estudado; identificar em quais divertimentos as mulheres participavam e quais mulheres eram essas; compreender como as mulheres se divertiam, com quem, onde e como participavam desses divertimentos; investigar quais eram os sentidos e significados atribuídos a essas práticas; e, por fim, interpretar o que era aconselhado e censurado em relação aos divertimentos e a participação das barbacenenses. Para tanto, se constituiu como principal fonte de pesquisa o jornal *Cidade de Barbacena*, considerado o principal da região, junto a outras fontes como o jornal *O Sericicultor*, *Olympic Jornal*, relatos memorialísticos, dicionários, anuários e almanaques. A análise de dados foi pautada em duas principais categorias: Cines-Teatro e Práticas Corporais. Em síntese, constatamos que as barbacenenses participaram dos divertimentos como espectadoras, organizadoras e integrantes. Espectadoras, por meio da assistência de sessões fílmicas, variadas apresentações artísticas, jogos de futebol, cavalhadas e corridas de cavalos. Organizadoras de eventos beneficentes que incluíram apresentações teatrais, literárias, musicais, de dança e cinema. Integrantes de programações de divertimentos como amadoras, que incluíram apresentações artísticas teatrais, literárias e musicais, de times de futebol no posto de Madrinhas, de práticas do atletismo como competidoras, de patinação e de dança, de representações das cavalhadas, de escotismo na função de Rainha e *granduquezas*, do *footing* na Rua 15 de Novembro dentre outras. Foram as barbacenenses das classes mais abastadas as que tiveram destaque nas fontes mobilizadas, contudo muitos indícios demonstram a participação ou o pedido de participação das mulheres de outras classes, como as pobres. As professoras normalistas exerceram protagonismo nas programações de divertimentos. Além de espectadoras e integrantes de apresentações artísticas foram promotoras e organizadoras de entretenimentos, o que implica dizer que ser professora no período estudado e no contexto de Barbacena foi algo que permitiu trânsito de mulheres em diversos lugares dessa sociedade.

Palavras-chave: Mulheres – Condições Sociais. Lazer – Aspectos Sociais. Lazer – História. Diversões. Barbacena (MG) - História.

ABSTRACT

The analysis of amusements that focus on women is still not an evident theme in researches of Women's History and Leisure Studies in Brazil. Through the present dissertation we aimed to comprehend the ways in which women from Barbacena engaged in the amusements from 1914 to 1931. Specifically, we intended to point out amusements current in the city during the time studied; to identify what were the amusements in which women engaged and which women were those; to comprehend how women had fun, with whom, where and how they engaged in these amusements; to investigate which were the senses and meanings given to those practices; and, finally, to interpret what was advised and censored related to the amusements and to the engaging of women from Barbacena. For such, the newspaper *Cidade de Barbacena* was constituted as a main source. It was considered as the main one of the region, along with other sources as *O Sericicultor*, *Olympic Jornal*, memory reports, dictionaries, annuals, and almanacs. The data analysis was based into two main categories: Cine-Theaters and Corporal Practices. In summary, we verified that the Barbacena women participated in the amusements as spectators, planners, and members. Spectators attending film sessions, various artistic presentations, soccer games, horse riding parades and competitions. Organizers of charity events that included theatrical, literary, musical, dance and cinema presentations. Members of amusements plans as amateurs which included theatrical, literary and musical artistic shows, in soccer teams in the position of sponsors, in athletic practices as competitors, in skating and dance, in horse riding parades representation, in scouting and as Queen and Gran-Duchess in the *footing* on *15 de Novembro* street, among other activities. The Barbacena women of wealthiest classes were the prominent ones in mobilized sources, however many evidences show participation or requests for participating by women from other classes, as the poor ones. Primary teachers had a prominent role in the schedules of amusements. Besides spectators and members of artistic shows, they were also promoters and planners of entertainment, which implies that being a teacher in the analysed time and in Barbacena context was something that permitted the transit of women in several places of that society.

Keywords: Women - Social Conditions. Leisure - Social Aspects. Leisure – History. Fun. Barbacena (MG) – History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Trajetó metodológico	15
Recorte temporal.....	16
Mobilização de fontes	16
A Fonte.....	16
Outras fontes, outros percursos... ..	20
Coleta e análise de dados	22
Conceitos-chave.....	23
Enfoque historiográfico	25
1 “VARIOS ASPECTOS DE BARBACENA”	28
2 ELAS SE DIVERTEM NOS CINES-TEATRO	52
2.1 Enquanto cine	52
2.1.1 O cinema na cidade: sujeitos, sujeitas, salas e sentidos	54
2.1.2 O público.....	60
2.1.3 Sobre elas	65
2.2 Enquanto teatro	74
3 ELAS SE DIVERTEM NAS PRÁTICAS CORPORAIS	86
3.1 Futebol	86
3.2 Atletismo.....	93
3.3 Patinação.....	95
3.4 Cavalhadas	98
3.5 Escotismo.....	100
3.6 Danças.....	102
3.7 Corridas de cavalos	111
CONCLUSÃO	116
REFERÊNCIAS	118

INTRODUÇÃO

Objetivamos com esta dissertação compreender as formas de participação das mulheres nos divertimentos de Barbacena (Minas Gerais), nos anos de 1914 a 1931. A principal fonte de pesquisa foi o jornal *Cidade de Barbacena*.

Definimos participação como o ato de estar, interagir, intervindo ou não; o exercício de algum papel de forma destacada, secundária, de forma ativa, etc. Participação sugere, sobretudo, presença, partilha.

Os divertimentos são os momentos dedicados à recreação, entretenimento e distração (FIGUEIREDO, 1925-26). São seus sinônimos esses mesmos termos - recreação, entretenimento e distração - assim como a palavra diversão. Divertir é afastar-se de uma ocupação séria e se entregar a uma atividade considerada menos necessária, que distrai, dá prazer (ROSA, 2005). Divertir é contemplar a natureza em um piquenique, é ir ao cinema, dançar, assistir ou se exercitar em um esporte ou em outra prática corporal. Divertir é também organizar e participar de uma festa ao mesmo tempo. É deixar fruir! “O divertimento é, pois, algo que não edifica, não é sólido. É espinho entre flores. É inútil, diverte, dá prazer; é doce, mas perigoso” (ROSA, 2005, p. 102).

Em Barbacena, entre os anos de 1914 a 1931, aos divertimentos estavam agregados alguns adjetivos, como higiênico, útil, agradável, saudável e elegante, visto que os mesmos compuseram valores e ideários desejados naquela época, relacionados a uma dita modernidade (OS DEZ MANDAMENTOS DA HYGIENE, 1915, n. 1171, p. 1; ALCANTARA, 1918, n. 1399, p. 1; ALCANTARA, 1918, n. 1428, p. 2).

Para Singer (2004), a modernidade, em suma, tem a ver com um bombardeio de estímulos, que podem ser sensoriais, neurológicos, visuais, comportamentais, etc. É uma ideia que pode ser entendida das seguintes formas:

Como um conceito moral e político, a modernidade sugere o “desamparo ideológico” de um mundo pós sagrado e pós-feudal no qual todas as normas e valores estão sujeitos ao questionamento. Como um conceito cognitivo, a modernidade aponta para o surgimento da racionalidade instrumental como a moldura intelectual por meio da qual o mundo é percebido e construído. Como um conceito socioeconômico, a modernidade designa uma grande quantidade de mudanças tecnológicas e sociais que tomaram forma nos últimos dois séculos e alcançaram um volume crítico perto do fim do século XIX: industrialização, urbanização e crescimento populacional rápidos; proliferação de novas tecnologias e meios de transporte; saturação do

capitalismo avançado; exploração de uma cultura de consumo de massa e assim por diante (SINGER, 2004, p. 95).

Grosso modo, no Brasil o ideário de modernidade compreendeu o desejo de desvencilhamento dos costumes presentes no país em sua época escravagista, ou seja, certo rompimento com o que era considerado não civilizado, ultrapassado. Por isso, apropriou-se de modos, ideologias e práticas de lugares vistos como adiantados, como, por exemplo, França e Inglaterra (LUCENA, 2001).

Dentre as muitas mudanças sugeridas pela modernidade no Brasil, destacamos os investimentos na urbanização, sanitização e higienização, tanto da infraestrutura urbana quanto dos modos citadinos. Em específico, sobre a remodelação das cidades, essa envolveu a construção de espaços de sociabilidades e divertimentos, pois se entreter fora das paredes domésticas era um dos fatores que demonstrava a modernidade de um lugar (MELO, 2001; GOELLNER, 2008; DEL PRIORE, 2017).

O ideário de modernidade fomentou possibilidades que incentivaram e censuraram a presença das mulheres nos espaços públicos das cidades, um dos principais espaços onde aconteciam as práticas de divertimentos (GOELLNER, 2008). Dessa forma, a conduta da mulher, reduzida ao espaço privado e aos cuidados maternos, era confrontada pelos modos sugeridos pela modernidade, os quais colocavam a mulher em maior contato com a esfera pública em suas vivências sociais (RAGO, 2001; RAGO, 2004; DEL PRIORE, 2014; GOELLNER, 1999).

Trindade (1996), ao estudar espaços onde mulheres de Curitiba (PR) estiveram presentes entre o século XIX e início do século XX, aponta que o desenvolvimento urbano da capital paranaense fomentou a presença das curitubanas nos momentos de lazer, termo entendido por nós como sinônimo de diversão¹:

O lazer é responsável por uma invasão feminina dos espaços da cidade. Trata-se de um novo domínio, oriundo em grande parte do desenvolvimento urbano, no qual a mulher que a sociedade conservadora oitocentista segrega nas dimensões do privado, retorna às ruas para nelas despende seu tempo livre nas lojas, nos parques, nas casas de espetáculo, nos campos de esportes, nos salões dos clubes recreativos (TRINDADE, 1996, p. 112-113).

Identificamos a existência da divulgação de dois estereótipos de conduta referentes à mulher em Barbacena. O primeiro deles seria o da a mulher-mãe, que dedicaria o seu cotidiano principalmente às atividades incluídas dentro das paredes de

¹ Para uma discussão profícua sobre os entendimentos desses termos e os usos nas pesquisas que se debruçam a estudar a história do lazer, sugerimos consultar Melo (2011).

casa, “pois as mulheres que amam a vida de passeios e que se julgam felizes sobre os olhares curiosos da gente, nunca poderão se achar bem no silencio das paredes domesticas” (AMOR À CASA, 1929, n. 2460, p. 3). O segundo seria o de uma nova mulher, a moderna, incentivada a estar no espaço público para praticar o *footing*² (ALCANTARA, 1918, n. 1428, p. 2), “joga tenis, o golfe durante o dia e á noite dança sem estar fadigada” (ACOLA’..., 1925, n. 2114, p. 1); ou seja, está no espaço público e nos divertimentos.

Mesmo com a divulgação de que as mulheres deveriam cuidar de suas famílias no âmbito privado, as barbacenenses pareceram se situar na conduta da mulher moderna, a que se divertia no espaço público e de variadas formas. Moças, senhorinhas, senhoritas e senhoras barbacenenses compareceram às sessões fílmicas e aos jogos de futebol, praticaram o atletismo e a patinação, organizaram e integraram festas e as programações artísticas desses momentos.

Mesmo que existam produções de muitas temáticas sobre Barbacena que possam apresentar em suas narrativas nuances sobre a participação das mulheres em entretenimentos, não encontramos investigações específicas sobre esse tema. Por isso, esta dissertação trata de um tema inédito, pois não foi localizado nenhum trabalho acadêmico que se dedicou a estudar as mulheres de Barbacena nos divertimentos, menos ainda sobre a forma como elas participam dessas práticas no período demarcado. Essa consideração dialoga com a afirmação de Pimenta (2015), que diz existir uma lacuna nos estudos sobre Barbacena tendo como recorte temporal as décadas iniciais do século XX.

Dois estudos oferecem pistas sobre a participação das barbacenenses nos divertimentos, a dissertação de Pimenta (2015), intitulada “Duas faces de uma mesma moeda: recepção e circulação do ideário fascista e integralista em Barbacena - MG através do casal Ines e Aroldo Piacesi, 1924-1945”, e a tese de Guimarães (2016), cujo título é “Maria Lacerda de Moura e o “estudo científico da criança patricia” em Minas Gerais (1908-1925)”.

Pimenta (2015) investiga a trajetória política do casal de italianos radicados em Barbacena, Aroldo Piacesi e Ines Piacesi, entre 1924 a 1945, que dirigiram um cine-teatro na cidade, o *Cine-Theatro-Apollo*. Guimarães (2016) analisa os escritos da

² O *footing* foi uma prática de encontro muito comum na primeira metade do século XX no Brasil e tinha a principal finalidade de jovens, homens e mulheres, flertarem enquanto caminhavam pelas ruas, praças, portas de cinema, etc. (SILVA, 2002).

professora da *Escola Normal de Barbacena*, Maria Lacerda de Moura³, sobre a assistência à infância, tendo como recorte temporal os anos de 1908 e 1925. Ao dizer da trajetória da mesma na cidade, cita rapidamente o seu envolvimento com a promoção de divertimentos que tinham como fim a caridade.

Acrescenta-se à carência de estudos sobre Barbacena o fato de a maioria das pesquisas sobre a cidade se referir aos âmbitos da saúde mental e das práticas manicomiais desenvolvidas na região⁴, o que pode ser motivado tanto pelo envolvimento do município com a manutenção de espaços de promoção à saúde desde o século XIX, em especial a saúde mental, quanto pela negligência de profissionais envolvidos nessas práticas ao longo da história de Barbacena.

Assim, dedicar ao estudo das formas de participação das barbacenenses nos divertimentos é uma oportunidade para entender a inserção das mulheres em práticas que proporcionavam diferentes possibilidades de sociabilidades no período estudado, o contexto em que aconteciam e as configurações que se deram. É também uma oportunidade de contribuir com a memória de Barbacena, ampliando a compreensão dessa sociedade para além das práticas médicas/psiquiátricas desenvolvidas na localidade.

³ Maria Lacerda de Moura nasceu em Manhuaçu (MG) em 1887. Aos quatro anos de idade mudou-se para Barbacena com o pai, Modesto de Araujo Lacerda. Em 1904 formou-se como normalista em Barbacena e começou a trabalhar como professora da Escola Normal da cidade em 1908, lecionando as disciplinas de Psicologia Experimental, Higiene e Trabalhos Manuais. Em 1914 assumiu a direção do *Pedagogium*, um anexo da Escola Normal onde o corpo discente desenvolvia atividades práticas (GUIMARÃES, 2016). Além de professora em Barbacena, foi uma grande defensora dos direitos das mulheres de sua época. No início da década de 1920 teceu intercâmbios com o movimento sufragista brasileiro e juntamente com a feminista Bertha Lutz dirigiu um grupo de estudos intitulado de *Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher* (HAHNER, 2003). Em busca de emancipar a sua atuação em movimentos sociais, mudou-se para São Paulo entre 1922 e 1923, onde desenvolveu intensa relação com o anarquismo e com o movimento operário. Algumas referências citam que essa mudança se deu no ano de 1921, contudo identificamos que em 1922 a professora ainda fazia parte do corpo docente da Escola Normal Municipal de Barbacena (ALMANAK LAEMMERT, 1922, p. 4152).

⁴ Digitando a palavra-chave 'Barbacena' na Plataforma de Pesquisa *Scielo*, foram identificados 38 artigos científicos, em suma, sobre saúde mental. Já o *Repositório da Produção Científica e Intelectual da UNICAMP*, mostrou produções, entre teses e artigos de eventos e de periódicos sobre variados temas, entre eles, história de práticas de saúde, saúde bucal, saúde manicomial, geologia, percurso historiográfico do comércio africano, tecnologias, e estudos biográficos. No *Repositório de teses e dissertações da UFMG* encontramos 19 resultados, sendo o produto de 7 teses e 12 dissertações, que incluem temas diversos, entre eles, escrita de livros didáticos, arquitetura, saúde mental, saúde de recém-nascidos, saúde pediátrica, saúde de discentes com necessidades especiais em escolas do município, suicídio, e por fim, sobre a atuação de Maria Lacerda de Moura na educação local (GUIMARÃES, 2016). No *Repositório digital de teses e dissertações da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG)* encontramos 94 resultados, os quais envolvem saúde mental, educação e divertimentos. Entretanto, as pesquisas sobre divertimentos produzidas em Juiz de Fora não investigaram tais práticas em Barbacena especificamente, e sim divertimentos e práticas corporais juizforanas entre o final do século XIX até 1915, citando Juiz de Fora como sede de disputas de futebol entre times locais e times de Barbacena (MORORÓ, 2012; SOARES, 2010).

Mesmo que esta dissertação tenha como recorte espacial a cidade de Barbacena, também é possível produzir relações de proximidade acerca das formas de participação de mulheres nos divertimentos em outras regiões do Estado no período estudado, dado que “os fenômenos humanos se orientam, antes de tudo, por cadeias de fenômenos semelhantes” (BLOCH, 2001, p. 130). Também porque, segundo Dias (2017, p. 1), “é crônica ainda a falta de pesquisas e reflexões históricas sobre o lazer”, do mesmo modo que percebemos carência de produções acadêmicas que se dediquem à participação das mulheres nos divertimentos de Minas Gerais como objeto de estudo.

E afinal, por que um homem quis pesquisar a participação das mulheres nos divertimentos? Inicialmente pelo fato de que, enquanto graduando em Educação Física na Universidade do Estado de Minas Gerais, entre os anos de 2013 e 2016, tive a oportunidade de participar de grupos de pesquisas, congressos, seminários e me apropriar de leituras que tiveram como pauta, principalmente, discussões sobre a história da Educação Física e dos divertimentos, em especial dos esportes. Nesses assuntos, a participação das mulheres sempre me reteve a atenção por perceber que entre os séculos XIX e XX, o “âmbito dos entretenimentos, especialmente as iniciativas esportivas foi um importante fórum” de incentivo ao protagonismo das mulheres no espaço público (MELO, 2017, p. 86; MELO, 2007)⁵.

Como um dos pré-requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física era a apresentação de uma monografia, escolhi na ocasião dissertar sobre a presença das mulheres nos esportes em Uberaba e Uberlândia (MG), na primeira metade do século XX⁶. As fontes desse trabalho acadêmico foram disponibilizadas e acessadas durante a Iniciação Científica realizada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), vinculada ao projeto de pesquisa *História do Esporte no Triângulo*

⁵ As principais leituras que me despertaram interesse foram de autoria do professor Victor Andrade de Melo e da professora Silvana Vilodre Goellner. Vale dizer que quando integrei um projeto do Centro de Memória da Educação Física do Esporte e do Lazer (CEMEF) da UFMG em 2014, sob a orientação da Professora Doutora Meily Assbú Linhales, que objetivou fazer a conferência e retranscrição das fitas de áudio da pesquisa de Mestrado do professor Lino Castellani Filho, intitulada “Educação Física no Brasil: a história que não se conta” (1988), ao ouvir a professora e nadadora Maria Lenk contar sobre a sua trajetória na constituição da Educação Física no Brasil, senti muita vontade de saber mais sobre como as mulheres estiveram presentes nos esportes e em outras práticas corporais no início do século passado.

⁶ SILVA, Igor Maciel da. **As “flores do sertão em campo”**: a presença feminina no esporte em Uberaba e Uberlândia na primeira metade do século XX. 2016. 53 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Escola de Educação Física, Universidade do Estado de Minas Gerais, Ibitiré, 2016. Uma versão posterior desse trabalho consta em Silva (2017).

*Mineiro*⁷, que fez parte de um projeto maior, intitulado *História do Esporte no Sertão do Brasil*.

Nos últimos meses da Iniciação Científica foram coletadas na Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa⁸ reportagens sobre o futebol em Barbacena, entre os anos de 1924 e 1930, tendo como fonte o jornal *Cidade de Barbacena*. Nas páginas desse jornal, além do tema pesquisado, observei a presença das mulheres em cines-teatro, festas, *chás dansantes*⁹, *pic-nics*, blocos de carnaval, concursos de beleza, *footing* etc., de diferentes formas que incitaram os seguintes questionamentos: Quem eram essas mulheres? Quais as formas de participação delas nesses e em outros divertimentos? Em quais divertimentos participavam? As mulheres se divertiam nas práticas ou faziam dos divertimentos outras possibilidades? Se sim, quais eram e como se deram essas possibilidades?

Por meio desses questionamentos definimos para esta pesquisa o objetivo geral de compreender as formas de participação das mulheres nos divertimentos de Barbacena entre os anos de 1914 e 1931. Já os objetivos específicos foram os seguintes: apontar os divertimentos presentes em Barbacena nessa temporalidade; identificar em quais divertimentos as mulheres participavam e quais mulheres eram essas (possível classe, faixa etária, profissão, etc.); compreender como as mulheres se divertiam, com quem, onde e como participavam desses divertimentos; investigar quais eram os sentidos e significados atribuídos a essas práticas; interpretar o que era aconselhado e censurado em relação aos divertimentos e à participação das mulheres.

Trajetó metodológico

Segundo Melo (2011, p. 77), “a ferramenta fundamental para o pesquisador que decide se dedicar à investigação histórica da diversão é o mesmo arcabouço teórico e metodológico que a disciplina história tem construído no decorrer do tempo”. Desse modo, se fazem necessárias algumas definições, como, por exemplo, o problema de

⁷ Projeto financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG - UFMG), vigência de maio de 2014 a janeiro de 2016. Orientador: Professor Doutor Cleber Augusto Gonçalves Dias.

⁸ A Hemeroteca Histórica faz parte do complexo da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. Endereço: Praça da Liberdade, nº 21, 3º andar, Bairro Funcionários, Belo Horizonte (BH) – MG.

⁹ Manteremos a ortografia conforme a fonte consultada. Quando alguns termos como nomes de práticas, clubes, cinemas, Ligas, etc. estiverem desvinculados de citações diretas, esses aparecerão em *itálico*.

pesquisa, o recorte espacial e temporal, a mobilização de fontes, a operação com conceitos e a escolha do enfoque historiográfico (MELO, 2011).

Neste tópico constam os procedimentos metodológicos que envolveram a definição do recorte temporal, a mobilização de fontes, a coleta e análise de dados, a apresentação dos conceitos-chave e do enfoque historiográfico escolhido, tendo em vista que as definições do problema de pesquisa e o recorte espacial estão presentes na introdução.

Recorte temporal

Delineamos como recorte temporal a data que compreende a segunda edição do *Cidade de Barbacena* que abrangeu o período de 17 de maio de 1914 a 5 de setembro de 1931, porque os dados desse jornal referentes aos anos de 1924 a 1930, os quais incitaram os questionamentos balizadores desta pesquisa, estão sediados nessa temporalidade, e acreditamos que o estudo de uma edição seria coerente com o tempo de duração do mestrado.

Este recorte temporal também foi definido porque acreditamos ser um período de estudo possível para redarguir aos objetivos propostos, visto que a pesquisa de Maluf e Mott (1998) demonstra que as três primeiras décadas do século XX sediaram inúmeras mudanças no comportamento das mulheres e que algumas dessas transformações diziam da maior presença das mesmas no espaço público das cidades brasileiras, o que, de certa forma, envolve pensar os fenômenos acontecidos nesse espaço, como os divertimentos.

Mobilização de fontes

A principal fonte desta dissertação é o jornal *Cidade de Barbacena*, disponibilizado no arquivo da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, em Belo Horizonte. Abaixo apresentaremos informações acerca desse jornal, como também de outras fontes pesquisadas.

A Fonte

“A imprensa foi parte fundamental do tempo histórico que chamamos de modernidade” (CUNHA JUNIOR *et al.*, 2011, p. 14). Logo, a potencialidade de termos um jornal como a principal fonte desta pesquisa se dá porque os jornais são considerados como documentos¹⁰ de maior periodicidade e disposição de informações diversificadas nos anos estudados, pois têm o “melhor conhecimento das sociedades ao nível de suas condições de vida, manifestações culturais e políticas” (ZICMAN, 1985, p. 89). Assim, podem se constituir em documentos importantes para se entender “o lugar reservado às mulheres em diferentes épocas” (DE LUCA, 2011, p. 126) e em diferentes acontecimentos da vida cidadina.

Segundo Resende (2012, p.15), os jornais de Barbacena são “fontes imprescindíveis para o estudo da vida política, social, cultural e econômica da região”, já que a atividade de imprensa na cidade acontece desde que essa ainda era uma Vila, em 1836, com a inauguração de seu primeiro jornal, *O Parahybuna*. Entre 1836 e 1990, a cidade publicou 251 títulos de diferentes impressos, jornais e revistas, alguns de vida efêmera e outros de publicação intensa (SAVASSI, 1991).

Escolhemos o *Cidade de Barbacena* como fonte principal porque no arquivo consultado ele é o jornal nativo que tem a periodicidade de publicações mais significativa. Também é considerado “a mais longeva publicação periódica da cidade, constituindo 95 anos de história” (RESENDE, 2012, p. 29)¹¹.

O *Cidade de Barbacena* foi fundado em 1897, teve seis edições (SAVASSI, 1991) e foi extinto em 23 de janeiro de 1993 (RESENDE, 2012). Instaurado por Emílio Gonçalves Júnior, professor de Latim e Língua Portuguesa e diretor da primeira edição do jornal, foi inaugurado em 23 de janeiro de 1898 (MASSENA, 1985a).

Em seu primeiro número lê-se:

compreende que a imprensa, o *Caminho de ferro* dos interesses sociaes, ha de ser sempre impessoal; e não se deve supor um homem que fala, mas sim o

¹⁰ Documentos são considerados como testemunhos escritos do passado. Podem ser entendidos como provas históricas e também como vestígios (LE GOFF, 2013; BLOCH, 2001). São alguns exemplos de documentos: jornais, revistas, leis oficiais (LE GOFF, 2013).

¹¹ Na Hemeroteca Histórica existem outros jornais de Barbacena, porém muitos extrapolam a temporalidade desta pesquisa, e outros, mesmo que estejam situados no período estudado, possuem poucas edições disponíveis. Seguem os títulos e os anos disponibilizados pelo arquivo: *A alvorada* (1934); *O bem-te-vi* (1932); *Clima* (1980); *Correio da Serra* (1977-1981); *Correio mineiro* (1945, 1964, 1967); *Família paroquial* (1961-1980); *Folha de Barbacena* (1895); *A folha* (1893, 1894, 1897); *Gazeta de Barbacena* (1884); *Jornal da tarde* (1916, 1918, 1917); *Jornal de Barbacena* (1927, 1933, 1934, 1932); *A lavoura* (1902); *O mineiro* (1887); *O nacionalista* (1937, 1938, 1940); *A noite* (1915, 1916); *O Parahybuna* (1837); *Planalto de Minas* (1908); *O Revolucionário* (1930); *O sericultor* (1909, 1915, 1917, 1918).

Jornal que aconselha; então a Cidade de Barbacena vae ser calma, meditada, imparcial, independente (CIDADE DE BARBACENA, 1898, n.1, p. 1).

Contudo, mesmo que apresentado como impessoal e também como um “órgão de interesse do povo”, esse jornal assumiu diferentes opiniões “em relação aos acontecimentos municipais, estaduais e do Brasil, modificando suas posturas diante do debate e da configuração política do momento” (RESENDE, 2012, p. 29).

A segunda edição do jornal, pesquisada neste trabalho, inaugurada em 17 de maio de 1914 e findada em 5 de setembro de 1931, foi dirigida por dois filhos de Emílio: o jornalista, professor e diretor do *Grupo Escolar de Barbacena*, Carlos Benjamin Gonçalves, e Paulo Emílio Gonçalves, jornalista e colunista do próprio jornal (MASSENA, 1985a). Nas palavras de Emílio Gonçalves: “[...] antigos e dedicados companheiros de trabalho, [...] farão prosseguir sob a mesma orientação e obedecendo ao seu antigo programma [...]” (CIDADE DE BARBACENA, 1914, n. 1024, p. 1).

Em 17 de maio de 1914 o jornal apresentou as seguintes informações: circulação “aos domingos e quintas-feiras, assinaturas custavam 15\$000¹² por anno, 8\$000 por semestre e o número avulso, 200 réis”. Trabalhavam com “pagamento adiantado” (CIDADE DE BARBACENA, 1914, n. 1024, p. 1).

Sobre os seus dias de circulação, mesmo *a priori* estabelecidos aos domingos e quintas-feiras, alguns números foram publicados às quartas e sábados, porém de forma não contínua e sempre retomando a sua programação inicial: quinta-feira e domingo. Em 19 de outubro de 1927 a sua publicação foi definida para quarta-feira e sábado (CIDADE DE BARBACENA, 1927, n. 2338, p. 1), mantendo-se esses dias até o último número que compreendeu a segunda edição. Já o número de páginas do jornal oscilou entre quatro e seis, abrigando seções, colunas, anúncios, notícias e propagandas, dentre as quais destacamos a seguir as que encontramos informações sobre os divertimentos.

A seção *Diversões* noticiava a agenda dos divertimentos do município, com destaque às programações dos teatros-cinema, cines-teatro e salas de cinema. Quando se tratava de questionamentos sobre o mau comportamento das pessoas nas salas de cinema, discordância da música orquestrada com a fita projetada, reflexões sobre a capacidade instrutiva do cinema etc., os textos eram divulgados na seção *Pelos cinemas* ou em *Topicos da semana*.

¹² A moeda da época era conto de réis.

As seções *Sports*, *Secção Sportiva* e *Foot-Ball* narravam, sobretudo, os enredos das partidas de futebol. Foram assinadas pelo pseudônimo Calvo, sendo que esse articulista assinou as duas primeiras seções de forma prevalente e a última não.

Já a seção *Sociaes* noticiava programações de aniversários, casamentos e núpcias; jantares dedicados a hóspedes ilustres presentes na cidade; datas e notícias de eventos nos clubes recreativos, etc. Identificamos detalhes mais aprofundados a respeito de dois articulistas que assinaram essa seção: Ines Piacesi, também conhecida pelos pseudônimos SENY e D. Paula, e Vito Leão, que fez uso do pseudônimo Rogerio de Alcantara.

Ines Piacesi foi uma italiana radicada em Barbacena, filha de Orlando Piergentili, um importante incentivador do cinema e de outros divertimentos na cidade. Conhecida como uma destacada intelectual no município, a sua formação escolar se deu no *Colégio Imaculada Conceição* e na *Escola Normal*, ambas as instituições barbacenenses. Pelo seu pendor para a escrita, Ines coordenou juntamente com o seu marido Aroldo Piacesi, a redação e manutenção na cidade dos semanários *Apollo* *Jornal*¹³ e *Rubicon*¹⁴, como também assinou seções dos jornais *O Sericicultor* e *Cidade de Barbacena*, usando os pseudônimos SENY e D. Paula (PIMENTA, 2015).

Ines Piacesi afirmava em seus textos que a mulher deveria participar da vida política do país de forma submissa ao homem, como também, que a manutenção do bem-estar dos filhos e do marido era responsabilidade do sexo feminino, possivelmente para compartilhar com o público leitor dos jornais alguns dos ideais católicos e integralistas que acreditava (PIMENTA, 2015).

Vito Leão foi um poeta carioca instalado em Barbacena desde meados de 1917, que ora assinou no *Cidade de Barbacena* o seu nome de batismo, ora o seu pseudônimo, Rogerio de Alcantara (MASSENA, 1985a). No uso de seu pseudônimo contribuiu não só com a escrita do *Cidade de Barbacena*, como também foi o responsável pela organização de divertimentos na cidade, a exemplo de um concurso de elegância feminina no ano de 1917 (SOCIAES, 1917, n. 1342, p. 1). O articulista também tentou organizar na cidade o *Club dos Solteiros*. Esta ação, segundo o outro jornal local, *O Sericicultor*, além de alarmar as moças, “na suposição de que se trate de um *complot* contra o casamento...”, foi encarada como petulante, pois Rogerio era

¹³Circulação de 12 de agosto de 1923 a 1 de janeiro de 1924 (SAVASSI, 1991).

¹⁴Circulação de 14 de junho de 1935 a 22 de junho de 1952 (SAVASSI, 1991).

reconhecido como “o mais assanhado e incorrigível namorado que existe no planeta!” (ECHOS SOCIAIS, 1917, n. 14, p. 3).

O *Cidade de Barbacena* não abrigou seções Policiais em suas páginas nos anos estudados. Tal constatação sugere que temos uma fonte em que encontramos, sobretudo, as formas de participação lícitas das mulheres nos divertimentos, ou seja, a participação em divertimentos autorizados pela sociedade barbacenense¹⁵.

Por fim, segundo Massena, o *Cidade de Barbacena* “é um jornal que merece o maior respeito e prestígio de que desfruta, porque jamais deixou de conservar a linha de compostura e elevação com que trata os assuntos que focaliza” (MASSENA, 1985a, p. 207).

Outras fontes, outros percursos...

Identificamos e procuramos mais fontes sobre o nosso objeto de pesquisa, como outros jornais, documentários, acervos fotográficos, acervos pessoais, revistas e livros. A seguir mencionaremos os investimentos realizados nessas buscas. Mesmo que alguns documentos não tenham sido encontrados, acreditamos ser de grande importância a apresentação de tais percursos, já que a ausência é também um dado e pode estimular futuras investigações, como nos inspira a leitura de Ricoeur (2003).

Pelo fato de alguns articulistas do *Cidade de Barbacena*, como Ines Piacesi, contribuírem com a escrita de outros jornais locais, como *O Sericicultor*, escolhemos acessar os números desse jornal existentes na Hemeroteca Histórica, os quais somam um número de cada um destes respectivos anos: 1915, 1917 e 1918. *O Sericicultor* foi um jornal editado na antiga Colônia Rodrigo Silva por Almicar Savassi, um dos idealizadores da Estação Sericícola¹⁶ da cidade, tendo circulado de 1906 a 1923 de forma intermitente (SAVASSI, 1991).

Constatamos também, por meio da coleta de dados no *Cidade de Barbacena*, a existência de sinopses de três documentários que foram produzidos sobre

¹⁵ Fazemos tal afirmação porque a existência de seções Policiais em jornais de Belo Horizonte possibilitou a Vilhena (2011) pesquisar as práticas desautorizadas de lazer e de divertimentos e a vadiagem veiculadas pela imprensa belo-horizontina entre os anos de 1895 e 1922. Outro tipo de fonte para o estudo das práticas de divertimentos desautorizadas podem ser os próprios documentos do cotidiano da Polícia, como nos apresenta o estudo de Silva (2009).

¹⁶ A Estação Sericícola de Barbacena, considerada a primeira indústria do tipo no Brasil, foi fundada em meados de 1898 em um lugar conhecido como Colônia Rodrigo Silva (SAVASSI, 1991), inaugurada na região de Barbacena em 1888, destinada no início a acolher imigrantes italianos, principalmente lavradores, que investiram na cultura do milho, batata, feijão e vinho (PIMENTA, 2015). Posteriormente abrigou também alemães, russos, austríacos e portugueses (SENNA, 1909).

o município na década de 1920 e que focalizaram espaços de divertimentos. Foram eles: *Vistas de Barbacena* (1923), *Varios aspectos de Barbacena* (1924) e *Barbacena em Revista* (1927). Acreditamos na possibilidade de assistir a esses documentários para verificar se poderíamos tê-los como fontes da pesquisa, pois foram produzidos em anos situados dentro do recorte temporal desta dissertação. Para tanto, acessamos *on-line* informações sobre os acervos dos seguintes arquivos: Arquivo Público Mineiro (BH - MG), Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi (Barbacena - MG), Cinemateca Digital (SP), Hemeroteca Digital (RJ) e Arquivo Nacional (RJ). De forma presencial consultamos a Coleção Mineiriana (BH - MG), Museu da Imagem e do Som (BH - MG) e Arquivo fílmico da Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG (BH - MG).

Com essas buscas descobrimos que outros documentários, além dos já citados, foram produzidos sobre a cidade de Barbacena e registraram alguns espaços e momentos de divertimentos, como também focalizaram mulheres da região. Foram eles: *Raid de Infantaria da Linha de Tiro 81* (1912), *As Cavalhadas* (1915), *Uma transformista original* (1915), *Uma visita ao Colégio Militar de Barbacena* (1916) e *A cidade de Barbacena* (1923). Infelizmente não os encontramos, porém tivemos acesso às suas sinopses na obra de Galdino (1983). No jornal *Cidade de Barbacena* encontramos as sinopses referentes aos documentários *Vistas de Barbacena* (1923), *Varios aspectos de Barbacena* (1924) e *Barbacena em Revista* (1927)¹⁷.

Outro arquivo consultado de forma presencial foi o Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi. Localizado em Barbacena¹⁸, possui jornais da cidade disponibilizados em forma física. Inicialmente, a busca nesse arquivo teve como objetivo consultar o resultado do concurso de elegância organizado por Rogerio de Alcantara em 1917, já que o exemplar existente na Hemeroteca Histórica está ilegível. Junto a essa busca procuramos também exemplares do *Olympic Journal*, periódico que esteve diretamente ligado a um time de futebol fundado em Barbacena no período estudado.

O *Olympic Journal*, uma publicação do clube de futebol barbacenense *Olympic Football Club*, circulou como jornal de forma intermitente entre os anos de 1926 e 1954 e, do mesmo modo, como revista a partir de 1958. Encontramos um

¹⁷ Galdino (1983) cita outros títulos produzidos sobre Barbacena, porém as suas sinopses não se referem explicitamente aos divertimentos.

¹⁸ Endereço: Rua General Camara, n. 11, Centro, Barbacena – MG.

número referente a cada um dos seguintes anos: 1926, 1946, 1948, 1952 e 1958. Transcrevemos dados correspondentes ao ano de 1926, já que os outros não compreendem a temporalidade desta pesquisa.

Ainda sobre a pesquisa de fontes em Barbacena, procuramos acervos fotográficos, acervos pessoais, revistas e livros nos seguintes lugares: sebos e livrarias do município; Museu Municipal; Sede social do *Olimpic Futebol Club* e Sede social do Clube Barbacenense. Esses dois últimos locais foram inaugurados na temporalidade desta pesquisa e ainda estão ativos na cidade.

A principal revista procurada nos sebos e livrarias de Barbacena foi *Barbacena à la Minute*, assinada por Vito Leão em 1919 (BARBACENA “Á LA MINUTTE, 1919, n. 1512, p. 1), e o principal livro *O succo barbacenense*, também de mesmo ano, de autoria de Rogério de Alcantara (UM LIVRO DE SUCESSO EM BARBACENA, 1919, n. 1539, p. 1).

Dito isso, as publicações realizadas no jornal *Cidade de Barbacena* de 17 de maio de 1914 a 5 de setembro de 1931 constituíram a fonte principal desta dissertação, assim como os seguintes documentos: os jornais *O Sericicultor* e *Olympic Jornal*, livros de memorialistas (MASSENA, 1985a; MASSENA, 1985b; SAVASSI, 1991), anuários, almanaques e dicionários.

Ademais, ao elegermos o jornal *Cidade de Barbacena* como a principal fonte desta pesquisa reconhecemos que isso pode denunciar limites interpretativos quanto à análise de dados. Contudo, o grande volume de informações coletadas nesse documento nos fez perceber que o tempo de duração da pesquisa do mestrado é realmente finito para proposições ainda mais densas.

Coleta e análise de dados

A coleta de dados no jornal *Cidade de Barbacena* foi realizada na Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, a qual disponibiliza de forma digitalizada exemplares da edição inaugural do jornal em 1898 até o ano de 1983.

A leitura, seleção e transcrição dos dados se deram a partir das perguntas base desta dissertação. Para tanto, adotamos o principal critério de transcrever tudo o que foi divulgado sobre divertimentos: anúncios de espetáculos, festas e relatos desses acontecimentos, programação de sessões fílmicas, crônicas de futebol, etc., tudo isso

presente nas seções *Diversões, Sociaes, Pelos Cinemas, Topicos da semana, Pelo Sport, Sports, Foot-ball e Secção Sportiva*, ou propagadas nas páginas do jornal sem estar associado a seções ou colunas.

Terminada a coleta, os dados foram categorizados levando-se em consideração os lugares de divertimentos identificados: teatros-cinema, cines-teatro, salas de cinema; campos de futebol; associações (clubes); residências; hotéis e pensões; hospitais; ruas; praças; fazendas e natureza.

As categorias centrais de análise foram propostas por práticas de divertimentos, como, por exemplo, prática corporal, visto que o “espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam” (CERTEAU, 1998, p. 202), ou seja, o espaço é o significante das práticas sediadas em um lugar, as quais produzem sentidos que se configuram em um espaço. Nesta pesquisa o divertimento é entendido também como o seu próprio espaço e não como uma prática apenas nomeada.

Na organização inicial do trabalho as categorias de análise foram: Cines-Teatro, Festas, Encontros e Práticas Corporais. Contudo, no desfecho das análises conseguimos nos atentar especificamente às formas de participação das barbacenenses nos Cines-Teatro e nas Práticas Corporais devido ao tempo da escrita do texto.

Finalmente, a pesquisa bibliográfica se pautou no estudo de publicações, tais como teses, dissertações, livros e artigos. Em outras palavras, resultados de investigações sobre o tema de interesse (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009). As principais plataformas consultadas foram: Biblioteca digital da UFMG, Repositório de teses e Dissertações da UFMG, Biblioteca digital da Universidade Estadual de Campinas, Biblioteca digital da Universidade de São Paulo, Repositório digital de teses e Dissertações da Universidade Federal de Juiz de Fora, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, *Scielo*, CAPES e *Google acadêmico*.

Conceitos-chave

Os conceitos-chave mobilizados nesta pesquisa foram os seguintes: divertimento, espaço, sociabilidade, representação e emancipação. O conceito divertimento está na introdução do trabalho, por isso, abaixo consta a apresentação dos conceitos espaço, sociabilidade, representação e emancipação.

“*O espaço é um lugar praticado*” (CERTEAU, 1998, p. 202). O lugar por si só é definido pela estabilidade dos elementos que o compõe: uma rua onde existam somente construções é um lugar, ao passo que o espaço está relacionado ao movimento, às relações que acontecem no lugar. “Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (CERTEAU, 1998, p. 202), do mesmo modo que um cine-teatro enquanto não sedia nenhuma programação, ou qualquer outra atividade que envolva pessoas, é um lugar até que ali se manifestem práticas.

O conceito de espaço é importante porque é no lugar praticado, ou seja, no espaço, que as interações sociais acontecem. Dessa forma, a compreensão da participação das mulheres nos espaços de divertimento perpassa o entendimento destes como lugares praticados, onde o ato social de divertir-se é vivido e percebido.

Sociabilidade foi um termo encontrado no jornal *Cidade de Barbacena*, utilizado pelo articulista Rogério de Alcantara para se referir a falta de programações de divertimento na cidade em 1918, demonstrando relação direta com a interação entre as pessoas (ALCANTARA, 1918, n. 1399, p. 1). O termo abarca também um sentido dialógico como o proposto por Simmel (1983), pois para o autor, sociabilidade é o resultado das ações em sociedade entre os indivíduos que partem de propósitos recíprocos, sentimentos comuns que formam uma unidade (SIMMEL, 1983).

O conceito de sociabilidade tem importância nesta narrativa, pois da mesma forma que entendemos “*o espaço como um lugar praticado*” (CERTEAU, 1998, p. 202), compreendemos que as práticas de divertimentos acontecidas nesse lugar promovem sociabilidades. Assim, pelo fato de pesquisarmos as formas de participação das mulheres de Barbacena nos divertimentos, assimilamos que participar é interagir, intervir.

Já representação é a apresentação de uma realidade ou do desejo de uma realidade que quer “*tirar*” ou “*acrescentar*” nos corpos o que lhes sobra ou falta (CERTEAU, 1998, p. 239). Segundo esse autor, a representação visa moldar comportamentos, autorizar práticas, como também desautorizar. A efetividade da representação se dá por meio de discursos que se apresentam como normatizantes das experiências sociais, como discursos que possuem o peso da lei e, por isso, ganham credibilidade e adeptos (CERTEAU, 1998).

As considerações sobre o conceito de representação propostas por Certeau (1998) corroboram as reflexões de Louro, pois para essa autora a representação deve ser

entendida “não como um reflexo ou espelho da realidade, mas como sua constituidora” (LOURO, 1997, p. 99). Podem ser agentes que constituem as representações: “a imprensa, a televisão e o cinema, a propaganda e a moda, as igrejas, os regulamentos jurídicos e educacionais” (LOURO, 1997, p. 100).

O conceito de representação tem importância para esta pesquisa porque buscamos compreensões para as perguntas aqui propostas em documentos que trazem idealizações de uma época, de um público leitor, de sujeitos que idealizaram práticas que podem ter sido vivenciadas da forma como foram apresentadas e/ou forjadas por meio de representações. Também se faz pertinente considerar que diferentes representações foram noticiadas acerca da conduta desejável às barbacenenses.

Por fim, emancipação é um termo que foi identificado no jornal *Cidade de Barbacena* e será utilizado com dois significados: o primeiro, conforme foi revelado pela própria fonte, diz da mulher se tornar esposa, companheira de um marido. O segundo é “tomar sobeja liberdade” (SILVA, 1789, p. 654), isto é, conquistar liberdade mais do que necessária, o qual foi mobilizado especialmente em interpretações que buscam mostrar como as cidadinas, nas formas de participação dos divertimentos, foram além de algumas representações vigentes às mulheres, como, por exemplo, a expectativa de que se emancipassem via vida matrimonial.

Enfoque historiográfico

O enfoque historiográfico escolhido foi a História das Mulheres, qual faz parte do campo de pesquisa História das Mulheres e das Relações de Gênero (SOIHET; PEDRO, 2007).

As investigações desse enfoque objetivam dar destaque à atuação das mulheres em diferentes sociedades e em distintos períodos, demonstrando fissuras, oportunidades e acontecimentos que essas buscaram para se emancipar diante de discursos que as inferiorizaram e universalizaram homens (LEITE, 1994; RAGO, 1995).

A História das Mulheres investiga lugares privilegiados e de privilégio onde algumas mulheres estiveram, os quais o ensino da História nos cursos de Graduação e no cotidiano da educação básica ainda não enfatiza, por exemplo (RAGO, 1995; NORONHA, 2015). A História das Mulheres apresenta à História aquelas que ultrapassaram limites impostos ao seu sexo no passado e que, por isso, somaram à

emancipação de suas semelhantes no tempo presente (LEITE, 1994; RAGO, 1995; SOIHET; PEDRO, 2007; NORONHA, 2015).

A constituição do enfoque historiográfico História das Mulheres, assim como de suas pesquisas, atém-se aos diálogos com outros campos historiográficos, como a História Social e a História Cultural (RAGO, 1995).

Diante do exposto, organizamos esta Dissertação nos seguintes tópicos:

1) **“VARIOS ASPECTOS DE BARBACENA”**. Neste capítulo consta a apresentação do município, o que envolveu escrever a respeito de alguns reconhecimentos que Barbacena tem no território mineiro, como a fama de ‘Princesa dos Campos’, ‘Cidade das Rosas’ e ‘Cidade dos Loucos’; a sua localização geográfica e datas que se referem a inauguração dessa região como aldeia, arraial, vila e cidade. Logo, apresentamos um pouco da dinâmica da vida citadina no período estudado, priorizando aspectos da infraestrutura, dos divertimentos e da presença das mulheres nesses âmbitos.

2) **ELAS SE DIVERTEM NOS CINES-TEATRO**. Este capítulo destacou as formas de participação das mulheres nos teatros-cinema, cines-teatro e salas de cinema, incluindo tanto a presença em projeções fílmicas quanto em apresentações artísticas. Pelo fato de o cinema e o teatro acontecerem nos mesmos espaços, faremos a sua análise no mesmo capítulo. Para tanto, abreviamos estes divertimentos no título desse tópico como Cines-teatro, não somente para dizer das programações dos lugares formatados como cines-teatro, mas também das duas manifestações em específico. No que tange às projeções fílmicas, buscamos analisar a presença das mulheres, sobretudo nas sessões que à elas foram dedicadas e franqueadas, assim como outras formas de sociabilidade que essas projeções permitiam, como a prática do *footing*. Nas apresentações artísticas destacamos a participação das barbacenenses como integrantes e organizadoras de divertimentos nos teatros-cinema, cines-teatros e salas de cinema, quando esses locais não projetavam filmes.

3) **ELAS SE DIVERTEM NAS PRÁTICAS CORPORAIS**. Este capítulo diz da participação das barbacenenses nas práticas corporais futebol, atletismo, patinação, cavallhada, escotismo, dança e corrida de cavalos. No futebol, as barbacenenses participaram da assistência dos jogos, demarcaram o início de partidas, foram

torcedoras e madrinhas de times locais. Já no atletismo, elas competiram nas provas de corridas com obstáculos. Na patinação, de forma explícita, participaram de sua prática dissociada da competição esportiva. Nas cavalhadas, uma cidadina participou como princesa. No escotismo, foram Rainha, *granduquezas* e integrantes de programas que contaram com apresentações artísticas. Nas danças, envolveram-se tanto com sua prática como com a organização de programações que as incluíam. Por fim, nas corridas de cavalos não identificamos a participação explícita das cidadinas, contudo, embasados na historiografia que diz do a cometimento dessa prática em outras regiões do Sudeste, como Belo Horizonte (RODRIGUES, 2006) e Rio de Janeiro (MELO, 2007), por meio da participação recorrente de mulheres como público assistente desde o final do século XIX, tecemos algumas reflexões sobre a possível presença das barbacenenses nas corridas de cavalos.

1 “VARIOS ASPECTOS DE BARBACENA”¹⁹

BARBACENA,

Ha mulheres que, pela sua belleza e pelos seus encantos, exercem na gente uma influencia mysteriosa: basta que as contemplemos de relance para subitamente, por ellas nos apaixonarmos. Essa mysteriosa influencia que se observa no tocante das mulheres, nota-se tambem em relação ás cidades: quem vê Barbacena, sua incomparavel e magestosa natureza, seus morros de campinhas verdejantes e infinitas, este céu eternamente azul: quem priva com o seu povo bom, cavalheresco e insinuante; quem sente o frescor das brisas deliciosas que sopram os ventos desta terra, fica logo por ella apaixonada, e só pôde deixal-a com um pedaço de sua'alma. Barbacena é uma terra que bole com o coração da gente, que faz vibrar intimamente a noss'alma, que inspira poesia, que infunde amor... (BRAGA, 1916, n. 1216, p. 1).

A identidade de Barbacena no território mineiro perpassa por alguns reconhecimentos que a faz ter as seguintes perífrases: ‘Princesa dos Campos’, ‘Cidade das Rosas’ e ‘Cidade dos Loucos’. A partir do fragmento acima comentaremos sobre os sentidos desses termos.

Pela “incomparavel e magestosa natureza da cidade, e seus morros de campinas verdejantes e infinitas” (BRAGA, 1916, n. 1216, p. 1), Barbacena é conhecida como a ‘Princesa dos Campos’ (SAVASSI, 1991). Até mesmo o escritor mineiro Guimarães Rosa afirmou que os campos da região possuem beleza que não pode ser comparada com a de nenhum outro campo do mundo (MASSENA, 1985a).

Em virtude do “frescor das brisas deliciosas que sopram os ventos desta terra” (BRAGA, 1916, n. 1216, p. 1), Barbacena investiu no cultivo de rosas e cravos, pois essas flores encontraram na região o clima adequado à sua cultura, fazendo o município ser reconhecido também como a ‘Cidade das Rosas’ (GARDEN, 1940).

Do mesmo modo, pelo “frescor das brisas deliciosas que sopram os ventos desta terra” (BRAGA, 1916, n. 1216, p. 1), Barbacena investiu no que Massena (1985b) denominou de indústria da saúde. Isto é, existiu a crença de que a benignidade do clima local proporcionaria “a cura dos que precisam de tratamento para o organismo combalido ou de repouso para readquirir energias gastas” (MASSENA, 1985b, p. 541). Foram muitos os espaços inaugurados na região entre o século XIX e século XX

¹⁹ Esse título corresponde ao nome de um filme produzido sobre a cidade por uma empresa local, *Scab Film*, projetado no *Cinema Apollo* na segunda-feira dia 28 de abril de 1924 (PELOS CINEMAS, 1924, n. 1990, p. 1).

voltados para a assistência à saúde, como a Santa Casa de Misericórdia, Sanatório, Enfermaria Militar, Hospital Colônia e Manicômio (MASSENA, 1985b).

A presença do Hospital Colônia em Barbacena foi uma das principais causas do reconhecimento do município como a ‘Cidade dos Loucos’. Fundado em 1903, foi destinado ao tratamento de “psicopatas indigentes” (MASSENA, 1985b, p. 559), pois existia a crença de que o clima da região, “com temperaturas médias bem baixas para os padrões brasileiros, faria com que os doentes mentais ficassem mais quietos e menos arredios, supostamente, facilitando o tratamento” (CIMINO, 2013, p. 40). Contudo, pelo excedente de pacientes abrigados nesse recinto e a precariedade das terapêuticas realizadas, ao invés de propiciar possíveis curas, o Hospital viabilizou um montante de óbitos, sendo apelidado até mesmo de ‘sucursal do inferno’ (FRANCO, 2015), e assim, Barbacena ficou conhecida como a ‘Cidade dos loucos’²⁰.

Barbacena está localizada na Microrregião de Campo da Mantiqueira. Inicialmente, onde hoje está o município, havia uma aldeia habitada por índios Puris, de origem Tupi, denominada de Borba do Campo. Missionários jesuítas promoveram o doutrinamento religioso dos índios, e em meados do século XVIII o número de moradores da aldeia aumentou, pois além dos nativos e dos jesuítas, essa região foi habitada por portugueses e paulistas (FERREIRA, 1948).

Com o aumento da população local, a aldeia passou a ser denominada de Arraial da Borba de Campolide, nome que permaneceu até meados de 1730, quando a primeira igreja da região foi construída e o arraial foi chamado de Arraial da Igreja Nova da Borba do Campolide. Em 14 de agosto de 1791 o arraial foi elevado a vila pelo Visconde de Barbacena, na época o Governador da Capitania de Minas, o qual deu o nome de seu título a região que passou a denominar-se Vila de Barbacena, desvinculando-se a partir de então das vilas de São José (atual cidade Tiradentes) e de São João Del Rei (FERREIRA, 1948).

Segundo Teixeira (2005), na transição entre os séculos XVIII e XIX, a Vila de Barbacena teve grande importância econômica para a Capitania de Minas. Isso se deu por alguns motivos, como a sua localização geográfica no caminho estratégico entre as regiões auríferas mineiras e a Capital da República, na época a cidade do Rio de Janeiro, denominado Caminho Novo, o que permitiu a região se tornar ponto de comércio e hospedagem para autoridades e tropeiros. Barbacena também desenvolvia

²⁰ Para mais detalhes sobre essa temática sugerimos consultar Ratton (1979); Massena (1985b); Arbex (2013).

atividade agropecuária de exportação para o Rio de Janeiro, de queijo, toucinho, algodão, gado bovino, mulas, galinhas, e distribuía em Minas Gerais “mercadorias européias, sobretudo portuguesas e inglesas como chitas, panos, rendas, utensílios de ferro, vinho, cerveja, licores entre outros” (TEIXEIRA, 2005, p. 3).

A Vila de Barbacena foi emancipada como cidade a partir da lei n. 163 de 9 de março de 1840, por intermédio do Deputado Joaquim Dias Bicalho, o qual afirmou que na região existia um grande número de sujeitos aptos ao trabalho e à desenvolver outras funções que poderiam beneficiar a província mineira, por isso a Vila de Barbacena deveria ser elevada a cidade (SAVASSI, 1991).

Barbacena foi uma das opções para ser a nova capital de Minas Gerais no final do século XIX, em substituição a Ouro Preto, disputando esse lugar com Juiz de Fora, Paraúna, Várzea do Marçal e Curral Del Rei, a futura capital Belo Horizonte (SILVEIRA, 2006a). No entanto, mesmo com a proximidade geográfica a sede da República, o que poderia facilitar, por exemplo, trocas econômicas entre os Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, Barbacena foi eliminada da possibilidade de vir a ser a sucessora de Ouro Preto. Isso porque, mesmo que a região tivesse potenciais ferroviários e gerasse lucros vindos da lavoura cafeeira, “a topografia caprichosa e irregular não permitia o estabelecimento, em boas condições técnicas e higiênicas, superior a 50.000 habitantes” (SILVEIRA, 2006a, p. 54).

Desde as décadas finais do século XIX, Barbacena era comandada por fazendeiros e pecuaristas (GUIMARÃES, 2016), e se encontrava imersa em um regime político oligárquico, em que as famílias barbacenenses de sobrenomes Andrada e Bias Fortes revezavam e disputavam os cargos políticos da cidade e de Minas Gerais (CAETANO, 2008; DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO, 2011a; DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO, 2011b).

Segundo Caetano (2008), essas famílias tiveram muitos conflitos entre si por disputas de poder em Barbacena ao longo da história do município, fazendo a localidade ser reconhecida também como terra de embates políticos entre Andrada e ‘Bias’. Entretanto, o fato de em 1926, José Francisco Bias Fortes ocupar a direção da Secretaria de Segurança e Assistência Pública de Minas Gerais, a convite do então presidente do Estado, seu conterrâneo, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, possivelmente se apresenta como outra vertente do trato entre os membros dessas famílias, ou mesmo, que a relação desses fora de Barbacena se diferenciava das

existentes enquanto residentes na cidade (DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO, 2011b).

Na virada do século XIX para o XX, Barbacena estava entre as dez cidades que possuíam o maior movimento financeiro de Minas Gerais, juntamente com Juiz de Fora, Leopoldina, Uberaba, Carangola, Muriaé, São João del Rei, Cataguazes, Mar de Espanha e Belo Horizonte (ALMANAK LAEMMERT, 1900).

Em 1900 “a população de todo o município era de 74.895 habitantes, sendo homens 38.484 e mulheres 36.411” (SENNA, 1909, p. 223), e no ano de 1915 somava uma população com cerca de 90.000 pessoas (ALMANAK LAEMMERT, 1915).

Nas primeiras décadas do século XX o cotidiano de Barbacena era fomentado por opiniões machistas e burguesas (GUIMARÃES, 2016), assim como era considerada uma “pequena cidade conservadora e dominada pelo clero ultramontano”²¹ (SCHPUN, 2004, p. 334). Essas características podem parecer com as de muitas outras cidades mineiras nesta temporalidade, sobretudo, as que dialogavam com o interesse de se formatar nas diferentes cidades do Estado o ideal da ‘Tradicional Família Mineira’ (DUARTE, 1995; OLIVEIRA; MARTINS, 2011; SANTIROCCHI, 2011).

Ainda sobre a Barbacena do início do século XX, algumas características a distinguiam economicamente e socialmente no território mineiro, como a fama de pioneira nos investimentos na indústria de laticínios e progresso na agricultura, proporcionado principalmente pela dedicação dos imigrantes italianos presentes na região, esses que também se envolveram com a constituição da Estação Sericícola e com a popularização do cinema, uma importante parte do mercado de entretenimento local (SAVASSI, 1991; PIMENTA, 2015; GUIMARÃES, 2016).

Entre 1914 a 1931 os investimentos na agricultura, comércio, indústrias, infraestrutura da cidade e nos entretenimentos continuaram a ser destacados em Barbacena. Privilegiamos a diante os que se referem a indústria, infraestrutura e entretenimentos, assim como a presença das cidadinas nesses âmbitos.

Com relação às indústrias da região, além de achar-se em Barbacena a indústria sericícola, identificamos que no período estudado existiam indústrias alimentícias, uma fábrica de produção de cervejas e indústrias têxteis.

²¹ O clero ultramontano foi representado no início do século XX por atitudes da Igreja Católica de combate ao protestantismo e outras idéias modernizantes, como o liberalismo, a maçonaria, o espiritismo e o ensino laico (SILVEIRA, 2006b; OLIVEIRA; MARTINS, 2011; SANTIROCCHI, 2011).

A fábrica de produção de cervejas *Saxonia*, produzia “*cervejas pilsen clara, bock escura, select clara, aguas mineraes e gazozas*” (ALMANAK LAEMMERT, 1916, p. 3315). Em 1915 a dúzia da *pilsen* e *bock* foi anunciada a 7 contos de réis e a soda a 3 contos de réis (GRANDE FABRICA DE CERVEJA, 1915, n. 1089, p. 3). Alguns autores como Soares (2010) e Cunha Junior *et al.* (2011) apontam que no espaço das fábricas de cerveja de Juiz de Fora nos anos finais do século XIX e início do século XX, aconteciam aulas de ginástica e atletismo, apresentações de espetáculos musicais e promoção de diversos bailes, o que não identificamos ter também na *Saxonia* nos anos estudados.

Da produção têxtil local, existia uma “*industria exclusivamente feminina*” de fabricação de roupas infantis, instalada no recinto da fábrica de meias do senhor Adolpho Braga, sob a direção de sua esposa, D. Iris Braga (D. PAULA, 1922, n. 1764, p. 2). Mesmo que D. Iris fosse a diretora dessa indústria, D. Paula, articulista do *Cidade de Barbacena*, destacou em seu texto intitulado *O feminismo na industria*, que esse trabalho era uma conquista do feminismo porque era uma atitude positiva da mulher em ajudar o seu marido, e não como uma forma de emancipação do sexo feminino (D. PAULA, 1922, n. 1764, p. 2):

[...] Terninhos, pompons, gorros, blusinhas, etc., etc., em lã, sêda e algodão, lá estão a patentear a habilidade dumas maosinhas de fada, e arrojo descabido duma vontade de mulher. [...] Agora, docéis e submissas, ellas fazem prodígios, apesar de não poderem produzir tanto quanto o consumo pede. E’ preciso que todos se certifiquem de que digo, indo visitar esta nova fonte d’industria – producto genuino do bom feminismo, pratico, fecundo, prepulsionador. E’ assim que a grande mola do feminismo caminha; é assim que no Brasil mesmo, apesar da pouca necessidade que a vida requer, a mulher vae trabalhando ao lado do homem; o que elle não conseguiu sosinho, conseguil-o á força do carinho incitador, da paciencia e bondade de sua meiga companheira [...] (D. PAULA, 1922, n. 1764, p. 2).

A inserção das mulheres no mercado de trabalho na virada do século XIX e início do século XX foi vista pela sociedade brasileira como uma atitude de desvio do sexo feminino, já que o espaço privado era considerado “*como lugar natural da esposa – mãe – dona de casa e de seus filhos*” e “*o trabalho feminino fora do lar levaria a desagregação da família*” (RAGO, 2004, p. 591; 588). Porém, quando o trabalho se demonstrava análogo as tradicionais tarefas domésticas e familiares, como, por exemplo, os cuidados maternos, envoltos de amor e entrega, ele era permitido às mulheres (HAHNER, 2003; LOURO, 1997).

Sobre a referida conquista do feminismo citada por D. Paula, tomamos emprestada a consideração de Goellner (1999), de que no início do século XX:

Dentro dos padrões idealizados para um e outro sexo, o trabalho feminino, apesar de algumas vezes ser incentivado não representa possibilidade de emancipação individual e social das mulheres. Nem mesmo a desobriga das rotineiras atividades que realiza no espaço íntimo do lar e da família. Quando apresentado dentro dessa perspectiva, o termo “feminismo”, antes de representar o movimento de luta de determinados grupos de mulheres que procuram exercer seus direitos de cidadãs, refere-se tão somente à reafirmação daquelas características que prendem as mulheres aos domínios de sua natureza e que consolidam uma representação tradicional de feminilidade (GOELLNER, 1999, p. 130-131).

Desse modo, a possibilidade de trabalho para as barbacenenses na referida indústria não se reportava claramente a perspectiva de emancipação individual e social das mesmas, fazendo-se notar que as mulheres envolvidas possuíam características que as remetiam ao cuidado com a família e a inferioridade física. Isso pelo motivo de esse trabalho só poder ser feito por meio de mão-de-obra delicada e submissa, e a força das trabalhadoras não ser proveniente de características anatômicas, mas sim do carinho, paciência e bondade, atributos da conduta de uma das representações de mulher presente em Barbacena, a mulher-mãe (D. PAULA, 1922, n. 1764, p. 2).

Dos investimentos na infraestrutura de Barbacena no período estudado, a estrada de ferro já existente na região foi ampliada²² e estradas de automóveis conectando a cidade a outros municípios foram abertas (A LIGAÇÃO RODOVIARIA...,1928, n. 2395, p. 1). Preocupou-se também com saneamento, higienização e urbanização da região, empenhando-se em construir instalações e edifícios no “estilo moderno” (BARBACENA TERÁ..., 1928, n. 2388, p. 1) ou valorados com os seus sinônimos, como o termo *chic*. Energia elétrica, *radiotelephone*, *motocyclettes*, *autommoveis* e *auto-omnibus* também fizeram parte do cotidiano da ‘Cidade das Rosas’ entre os anos de 1914 a 1931.

Possivelmente, esses investimentos na infraestrutura cidadina fizeram parte das intenções de muitas reformas que se queria fazer no país. Citamos primeiramente a influência da instauração da Primeira República no Brasil, pois esse acontecimento fez com que muitos dos costumes coloniais fossem considerados ultrapassados perante aos ideais de modernidade que se gestava para a arquitetura e para os comportamentos das cidadinas e dos cidadãos (VEIGA, 2000). Além dos ideais republicanos, o período

²² Para mais detalhes sobre a estrada de ferro presente em Barbacena, sugerimos consultar Santos (2009).

estudado também foi influenciado pelas inovações científicas e tecnológicas advindas principalmente da Europa, em especial de Paris, onde acontecia o fenômeno conhecido como *Belle Époque* (ROCHA, 2014).

Vale destacar que a *Belle Époque* aconteceu primeiramente na França e teve como marco temporal o período de meados de 1878 até meados de 1914. Definida como uma época que buscou reconfigurar os comportamentos dos franceses tendo como escopo o luxo, a beleza e o requinte para os costumes e práticas, também inaugurou melhorias urbanas como a energia elétrica (ROCHA, 2014). Tais investimentos ganharam notoriedade e circularam em outras regiões e continentes, sendo ressignificados como “afirmações dos valores burgueses no mundo todo”, em prol de atitudes que deveriam envolver novos padrões de civilidade, progresso e conforto material para as elites, as quais foram vivenciadas como parte constituinte da modernidade (BARROS, 2005, p. 10).

Grosso modo, no Brasil, a *Belle Époque* foi caracterizada como “o período em que a influência francesa sobre a elite brasileira atingiu o seu auge”, ficando mais bem evidenciada até meados de 1920 (ROCHA, 2014, p. 25). De forma mais específica, a *Belle Époque* brasileira pode ser caracterizada pela aplicação de capitais na industrialização em diferentes lugares do país, a citar o investimento na exploração da borracha em Manaus e o desenvolvimento da ferrovia no Sudeste (BARROS, 2005).

Todavia, a influência da *Belle Époque* em Minas Gerais pode ser identificada em investimentos que vão além do que se fez com a ferrovia, como a inauguração da eletricidade em Juiz de Fora em 1889. “A implementação de tal serviço na cidade evidencia o período a que se denomina *Belle Époque*” (BARROS, 2005, p. 1), que além de proporcionar força-motriz para as indústrias juizforanas, permitiu melhorias das condições de circulação noturna nesse município, assim como a instauração de novas formas de sociabilidade e divertimentos:

[...] cinemas, parques, bares, concertos musicais ao fonógrafo, reuniões noturnas nas casas iluminadas eletricamente representam a gama de aspectos de intermediação da eletricidade nos costumes humanos (BARROS, 2008, p. 51).

Somam-se as reformas sugeridas pela instauração da Primeira República no Brasil e a influência da *Belle Époque*, investimentos sanitários, higiênicos e

comportamentais copiados de modelos europeus e norte-americanos em muitas regiões brasileiras (BARROS, 2005).

Em Barbacena, similarmente ao estudo feito sobre a cidade vizinha Juiz de Fora (BARROS, 2005; BARROS, 2008), a eletricidade pareceu facilitar e incentivar a circulação noturna no município, assim como as formas de sociabilidade e divertimentos, como, por exemplo, o *footing*:

Eureka! Eureka!

Aos que pensamos, está descoberto o motivo, pelo qual as nossas “encantadoras” viviam enclausuradas, muitas dentre ellas, em suas casas, negando-nos, num tremendo egoísmo, a alegria e a vida de suas presenças em o nosso “footing” vespertino pelas ruas da cidade.

Achamos, por certo, a solução do grave problema, agora resolvido.

Pois é de chamar atenção o maior movimento que, nestes ultimos dias, temos notado na cidade. A nova iluminação electrica é o “X” ambicionado, e, segundo nos parece, o seu valor corresponde á coragem das nossas “encantadoras”, coragem esta que, provavelmente, era problematica, diante da nossa parca e falha iluminação publica de outro’ra.

Gloria, portanto, á nova usina de Ilhêos que, além de nos trazer o entusiasmo e a alegria de muita e bôa luz, nos permite o gozo de uma outra luz, sobre todas maravilhosas, - a de belleza e da graça das <<encantadoras>> barbacenenses! (ALCANTARA, 1918, n. 1428, p. 2).

Divulgar que as melhorias na iluminação elétrica de Barbacena facilitariam o comparecimento das cidadinas no espaço público para praticarem o *footing*, nos leva a pensar que os investimentos em prol da modernidade ocorridos nesse período abrangeram tanto a infraestrutura de Barbacena quanto às práticas que se desenvolviam nos seus espaços. Essa interpretação dialoga com a afirmação de que “a modernidade transformou a estrutura não apenas da experiência diária fortuita, mas também a experiência orquestrada”, ou seja, as transformações aconteciam tanto no espaço urbano como nos entretenimentos sediados nesse espaço, e ambas de formas intensas (SINGER, 2004, p. 112).

Dessa forma, a iluminação elétrica de Barbacena que poderia ser considerada apenas como um investimento no espaço público, serviu também para facilitar a prática do *footing*, e mais do que isso, através do noticiamento supra é perceptível a importância conferida a presença das cidadinas no *footing*, pois além da “alegria de muito e bôa luz”, tal investimento permitiria “o gozo de uma outra luz, sobre todas as maravilhosas - a de belleza e da graça das <<encantadoras>> barbacenenses!” (ALCANTARA, 1918, n. 1424, p. 2).

Associar as mudanças no espaço urbano de Barbacena ao ideal de modernidade vigente e a promoção de divertimentos, dialoga com os estudos de Vilhena (2011) e Silva (2012).

Vilhena apresenta que algumas práticas de divertimentos em Belo Horizonte, assim como os seus espaços, a citar “a sociabilidade no âmbito do teatro, as festas nos *clubs*, os cinemas, as retretas e o *footing* nas praças e no Parque, e o circo” foram consoantes dos modelos de civilidade sinônimos de modernidade que se queria instaurar na nova capital mineira entre os anos de 1895 e 1922 (VILHENA, 2011, p. 374). Já Silva, ao estudar as manifestações de modernização da elite da cidade do norte de Minas Gerais, Montes Claros, entre os anos de 1889 e 1926, apresenta que “vivências de diversão foram um dos principais meios de preparar a população para a vida moderna e, ao mesmo tempo, sua adoção expressava um vínculo ao que era novo, à civilidade desejada” (SILVA, 2012, p. 135).

A respeito de outros investimentos no espaço público de Barbacena para a modernização do município, foi realizada a instalação de irrigadores nas principais ruas da cidade (A IRRIGAÇÃO DAS RUAS, 1922, n. 1815, p. 1), assim como aconteceu à remodelação das mesmas com calçamento de paralelepípedos e pedras fincadas, ambos os investimentos para solucionar o problema da poeira existente, pois tal fator ia contra as propostas higiênicas que se queriam instaurar na região (PELA HYGIENE, 1915, n. 1122, p. 1; A RUA 7 DE SETEMBRO..., 1927, n. 2335, p. 1).

Pedidos para a retirada de cachorros das vias e para a construção de mictórios públicos foram endereçados ao presidente da Câmara local, pois também foram considerados como necessidades imprescindíveis para a higiene da cidade, dado que, pelo mau hábito das pessoas estava ficando impossível transitar por certos pontos de Barbacena, “onde todo o mundo entende poder fazer uso de certas funções fisiológicas...” (A IRRIGAÇÃO DAS RUAS, 1922, n. 1815, p. 1). Soma-se a isso que a construção de mictórios fazia parte das ações para modernizar o município, visto que “centros adeantados de Minas, como Juiz de Fóra, Bello Horizonte, etc.” (MICTORIOS, 1919, n. 1515, p. 1) faziam tal investimento.

Já em construções existentes no espaço público de Barbacena que serviram para a promoção de divertimentos, melhorias foram feitas no Jardim Municipal, também conhecido como Praça da Intendencia, e na Praça Conde de Prados.

No Jardim Municipal se investiu na construção de passeios de um lado e de outro, “sendo utilizados ladrilhos de primeira qualidade, que dão um aspecto elegante e

vistoso” (JARDIM MUNICIPAL, 1924, n. 1982, p. 1). Também foi instalado um “aparelho de radiotelephonia”, que era de grande interesse para os comerciantes barbacenenses para que em determinadas horas ficassem “a par de todo o movimento bancario, bolsa, cambio, etc.” (BARBACENA VAE TER UM APARELHO..., 1926, n. 2191, p. 1).

A respeito das melhorias da Praça Conde de Prados, segundo o *Cidade de Barbacena*, municípios modernos investiam no cuidado de seus logradouros, e já que Barbacena queria estar afeita a essas localidades, cuidar da parte estética da cidade seria a nota *chic* de região. Assim, a Praça Conde de Prados “foi transformada num lindo jardim moderno” (FIGUEIREDO, 1928, n. 2408, p. 1):

O Dr. Amando Brasil, Chefe Executivo, vae incumbir a pessoa de gosto e afeita a cousas relacionadas com a floricultura, de trazer sempre bem tratados os diversos jardins publicos de Barbacena, que vão se tornar a nota chic de nossa terra.

Não podemos assim deixar de louvar a iniciativa do digno Presidente do Municipio, que se mostra interessante em cuidar da parte esthetica da cidade, patenteando, com esse seu gesto, ser um espirito moderno, que sabe qual a significação dos logradouros publicos, onde as flores são incontestavelmente, seu maior encanto.

Não ha cidade moderna que não apresente aos olhos dos forasteiros bellos jardins, que encham de suave perfume o ambiente em que é agradável respirar-se.

Nossa terra deve tel-os formosos. Que isto custe um pouco á Edilidade, porém, dar-se-á por bem empregada a verba destinada á manutenção delles, si todos comprehenderem sua benefica influencia, por isso que espalham o perfume, a sensação do prazer pelas cousas bellas (OS NOSSOS JARDINS, 1927, n. 2264, p. 1).

A reforma da Praça Conde de Prados foi fomentada pela preocupação de que Barbacena não parecesse mais arcaica, “edosa”, atrasada no que tange aos melhoramentos considerados como cultos e elegantes à época (TOPICOS DA SEMANA, 1928, n. 2405, p. 1). Realizado tal investimento, a cidade se mostrava faceira, possuidora de elementos que proporcionariam conforto e visibilidade a região.

Na inauguração do jardim da Praça Conde de Prados percebemos não só a preocupação com a sua reforma, mas também que eram as pessoas do “culto meio social” barbacenense que se encontravam nessa programação (TOPICOS DA SEMANA, 1928, n. 2405, p. 1):

[...] Ao som de uma banda de musica e sob suave temperatura que Junho nos está proporcionando, reuniram-se em companhia do Dr. Bias Fortes varias pessoas do nosso culto meio social, que quizeram dar o prestigio de sua presença ao acto inaugural de um jardim, onde se aspira o perfume de lindas

flores, estas emergindo de artisticos canteiros nos quaes se percebe o zelo de cuidadoso artista.

Esse logradouro que foi ideado para constituir-se nota elegante em nossa *urbs*, ainda não está completo: faltam-lhe, diz-nos o Dr. Brasil de Araujo, outros ornamentos a dar-lhe mais destacada belleza. Esses, porém, virão a seu tempo.

O que queremos agora frisar, e é o objectivo desta nota, é que Barbacena, apesar de cidade mais ou menos edosa, vae-se tornando faceira, graças ás iniciativas das ultimas administrações municipaes, interessadas em dotal-a de conforto, de elementos que a tornem immensamente procurada pelos forasteiros. Estes têm sempre palavras do justificado louvor, toda vez que observam os melhoramentos que, ultimamente, vêm sendo introduzidos na formosa cidade serrana (TOPICOS DA SEMANA, 1928, n. 2405, p. 1).

Além da preocupação com a estética de Barbacena - o que nesta temporalidade não foi um investimento somente da região, pois outros lugares do Estado de Minas Gerais e do país reestruturaram cada vez mais sua arquitetura em prol da modernidade desejada (VEIGA, 2000) - acrescentasse a preocupação de que as práticas de divertimentos acontecidas nos espaços das cidades também dialogassem com esse ideário de valorização plástica e sensitiva. Em outras palavras, não era necessário apenas inaugurar o jardim da Praça Conde de Prados, mas do mesmo modo, endossar esse momento com detalhes festivos que favoreceriam maior sinestesia, pois a presença de uma banda de música em tal ato faz com que essa inauguração seja percebida também como uma festa.

Segundo Del Priore (2017, p. 319), “a remodelação das cidades somava-se à crença de que as diversões em praças, teatros ou outros espaços deveriam atestar o grau de civilidade que o Brasil teria atingido”. Esses espaços citados pela autora dizem dos usos, sobretudo, de construções do espaço público e do próprio espaço público, como as ruas, pois o espaço doméstico na virada do século XIX para o século XX deixava de ser o lugar de preferência para a promoção de divertimentos (DEL PRIORE, 2017), fazendo com que:

A urgência de civilizar o país, modernizá-lo, espelhá-lo nas grandes potências industriais e inseri-lo no mercado de capitais redefine hábitos, atitudes e comportamentos de homens e mulheres na medida em que modificam-se, também, a oferta de serviços e produtos, as possibilidades de trabalho e de divertimento (GOELLNER, 1999, p. 16).

Os anos que compreendem a nossa pesquisa situam também a Primeira Guerra Mundial e o seu momento posterior. Segundo Sevcenko (1992), o período pós-guerra foi considerado como uma fase em que prevaleceu entre a geração emergente de jovens da elite, mulheres e homens brancos, os sentimentos de imediatividade,

efemeridade, excitação, e por isso o constante movimento, o que contrastava com muitos aspectos culturais dos séculos anteriores, pois se referiam a novas idéias, novos costumes, novas práticas. Nesse sentido, estar no espaço público e se divertir se formata em um estilo de vida da juventude elitista, segundo o estudo do autor sobre a cidade de São Paulo nos anos 20:

O antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está. Não é que repousar não seja mais viável, é que se tornou uma obsolescência, uma caduquice. Sob o epíteto de “diversões”, toda uma nova série de hábitos, físicos, sensoriais e mentais, são arduamente exercitados, concentradamente nos fins de semana, mas a rigor incorporados em doses metódicas como práticas indispensáveis da rotina cotidiana: esportes, danças, bebedeiras, tóxicos, estimulantes, competições, cinemas, chás, confeitarias, cervejarias, passeios, corridas, marchas, acampamentos, parques de diversões, patinação, passeios, natação, ginástica sueca, ginástica olímpica, ginástica coordenada com centenas de figurantes nos estádios, antes dos jogos e nas principais praças da cidade, toda semana. Muitos desses hábitos e práticas já existiam e estavam em vigência desde o começo do século, pelo menos. Mas é nessa conjuntura que eles adquirem um efeito sinérgico, que os compõem como uma rede interativa de experiências centrais no contexto social e cultural: como a fonte de uma nova identidade e de um novo estilo de vida. Ser público é composto maciçamente dos que então passam a ser chamados, exatamente por serem adeptos dessas práticas e dessa mentalidade, os “jovens”, expressão que adquire uma conotação toda especial e uma carga prodigiosa de prestígio (SEVCENKO, 1992, p. 33-34).

Sobre a presença das práticas de divertimentos em Barbacena, desde os anos iniciais do século XX a sociedade comercial *Piergentili & Piacesi*, representada por Orlando Piergentili e Aroldo Piacesi, dois italianos radicados em Barbacena, organizava programas de entretenimentos em sua sede no *Morro de Santa Thereza*, onde existia uma grande praça de esportes com velódromo, rинque de patinação (PIMENTA, 2015), e um grande salão que abrigava *soirées dansantes* (DIVERSÕES, 1915, n. 1117, p. 2).

Savassi (1991), Soares (2010) e Cunha Junior *et al.* (2011) sugerem a existência de times de futebol na cidade no primeiro decênio do século XX, seja em momentos que Barbacena sediava disputas com equipes de Belo Horizonte ou quando quadros barbacenenses iam a Juiz de Fora. Por exemplo, o encontro de outubro de 1904 entre o barbacenense *Hugo Braga Futebol Clube* e o belorizontino *Victor Serpa Futebol Clube* sediado em Barbacena (SAVASSI, 1991), e a partida de novembro de 1907 sediada em Juiz de Fora, entre o barbacenense *Dr. Cunha Foot-ball Club* e a equipe juizforana do *Athletico Club Granberyense* (SOARES, 2010; CUNHA JUNIOR *et al.*, 2011).

Entre 1914 e 1931, identificamos que os divertimentos que compunham o cotidiano da ‘Cidade das Rosas’ foram: *footing*; sessões fílmicas; momentos dançantes com variados nomes: *chá dansante*, *sorvete dansante*, *saráu dançante*, *soirée dansante*, entre outras denominações; concertos musicais; retretas; vesperatas; recitais; palestras; espetáculos teatrais, circenses e outros; festas beneficentes, cívicas, religiosas, campestres e literárias; *kermesses*; bailes e desfiles de carnaval; patinação; cavalladas; exposição pastoril; prática de tiro, xadrez, dominó, *bicycleta*; atletismo; *foot-ball*; escotismo; corrida de cavalos; concursos de beleza, elegância e feiúra.

Alguns divertimentos tiveram grande destaque nas páginas do *Cidade de Barbacena*, como cinema, futebol e os momentos de dança. Fazemos das palavras de Souza Neto (2010), pesquisador que se dedicou a estudar o torcer em Belo Horizonte entre os anos de 1904 e 1930, as nossas para justificar o privilégio do futebol e do cinema nas décadas iniciais do século XX:

O esporte bretão representava uma diversão diferenciada, única. Apenas as salas de cinema competiam com os campos de futebol como espaços de divertimento legitimamente instaurados. Tanto um como o outro permitiam a vertigem e o aflorar exaltado de emoções intensas. Filhos diletos da modernidade, futebol e cinema se afirmavam na vida das pessoas como principais vivências do tempo vago, e moldavam hábitos e costumes através dos códigos e signos de participação que ambos exigiam (SOUZA NETO, 2010, p. 119).

Outros entretenimentos, como o circo, que no século XIX desfrutava de grande prestígio em muitas cidades de Minas Gerais, como em Barbacena (DUARTE, 1995), pareceu não evidenciar-se tanto na agenda de diversões da ‘Cidade da Rosas’ no período estudado. Segundo Duarte (1995), a chegada do cinematógrafo em muitas cidades mineiras fez com que os cidadãos deixassem de frequentar os espetáculos circenses de forma intensa no início do século XX. Todavia, em Barbacena, mesmo com a chegada do cinema, o circo não deixou de se fazer presente nas programações de divertimentos da cidade, ainda que de forma não prevalente. Nas palavras do jornal:

American-Circus

Realizou-se ante-hontem a estréa dessa excellente companhia equestre. Si bem que modesta, compõe-se ella de um elenco de magnificos artistas, o que se verificou no optimo espectáculo que nos offereceu à sua estréa. Dentre os seus artistas, que receberam francos applausos na quinta-feira ultima, pedimos venia para destacar o Indio, o Cyclista e um dos seus trez bons palhaços, original e bastante.

Barbacena, nestes últimos tempos, tem sido ingrata com os artistas circenses que nos visitam, o que é para lamentar-se, pois os espetáculos do American Circus são bem dignos de ser vistos.

Para hoje e amanhã a companhia anunciou novas funções (AMERICAN-CIRCUS, 1928, n. 2375, p. 2).

As programações dos divertimentos se davam em horários diversificados. Aconteciam em *matinée* e *soirée*, sendo que a primeira designação se refere aos divertimentos situados após o meio-dia e o segundo termo se refere às programações acontecidas após o pôr do Sol.²³

Em muitos desses divertimentos percebemos a participação prevalente da “mocidade de nossa terra” (CIDADE DE BARBACENA, 1914, n. 1071, p. 1): senhorinhas e rapazes barbacenenses, o que não excluiu a presença das pessoas casadas (senhoras e senhores), crianças e também de autoridades. Em alguns momentos de entretenimentos, mesmo que destinados somente às mulheres, como programações de cinemas franqueadas, ambos os sexos estiveram presentes (CINE-LEAL, 1926, n. 2214, p. 2).

Sobre a condição das pessoas que compareciam aos divertimentos, percebemos a presença demarcada do “escól da sociedade”, isto é, da elite barbacenense (DIVERSÕES, 1917, n. 1344, p. 2), e de público pertencente “ao culto meio social” (TOPICOS DA SEMANA, 1928, n. 2405, p. 1), possivelmente formado por pessoas mais bem avantajadas financeiramente e que tinham maior acesso as programações de divertimentos. Todavia, identificamos também a presença dos estratos sociais mais baixos nos entretenimentos.

Os principais lugares que aconteciam os divertimentos na cidade eram os seguintes: ruas, jardins e praças; teatros-cinema, cines-teatro e salas de cinema; associações (clubes) carnavalescas, comerciais e recreativas; campos de futebol; igrejas; escolas; fazendas; *Colonia de Alienados* (Hospital Colônia); hotéis, pensões e residências.

A Rua 15 de novembro, considerada a principal via pública de Barbacena deu lugar a muitas construções modernas que abrigaram confeitarias, cafés, cinemas, associações e hospedou a céu aberto a prática do *footing*. No trecho a seguir percebemos

²³ Traduções de *Matinée* e *Soirée*, disponíveis em: *Matinée*: <http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/matin%C3%A9/49877?q=matin%C3%A9#49778> e *Soirée*: <http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/soir%C3%A9/73240?q=soir%C3%A9#72410> . Acesso em: 9 out. 2017.

a exaltação conferida a beleza das mulheres que participavam do *footing* nessa rua aos domingos:

[...] O <<footing>> por ali é attrahente á tarde dos domingos, quando se põe a passear as beldades da terra, envaidecidas de que o <<rouge>> que trazem nas faces é mais uma consequencia da influencia do clima montanhez que da aplicação, em suas diferentes modalidades, da chimica feminina, ou de <<toilette>>, como melhor a chamam [...] (TERRA DE MOÇAS BONITAS!, 1929, n 249, p. 1).

O fato de a Rua 15 ser considerada a sala de visitas de Barbacena (T. B., 1931, n. 2648, p. 3), certamente fez com que nessa via existisse a circulação intensa de pedestres e de uma das novidades do início do século XX, os automóveis. Contudo, como podemos perceber na notícia abaixo, transcrita do *Olympic Jornal*, nem toda novidade deixou de ter críticas por parte da imprensa barbacenense, ainda mais se essa comprometia um trecho da Rua 15 em que acontecia o *footing*:

Muito bem!

A nossa presada collega local “Cidade de Barbacena”, em a sua ultima edição, suggeriu uma idèa que é sob todos os pontos de vista, merecedora dos mais francos applausos.

Eil-a:

*** “A exemplo de outras cidades, ja ha em Barbacena necessidade de ser prohibido o transito de vehiculos, aos domingos e dias de festas, pelo menos, no trecho comprehendido entre a casa do Sr. Coronel João Brasil e Confeitaria Brasileira.

Intenso é o movimento daquelles dias no citado ponto, que fica tomado até o meio da rua – principalmente depois da colleção dos elegantes parallelepipedos – por quantos para alli se dirigem a fazer o “footing” e são constantemente incommodados pelos automoveis.

Esta nota reflecte a opinião de um grande numero de pessões que, comnosco, entendem poder ser ella levada em consideração pelo Sr. Presidente da Camara, que prohibindo o transito alludido, o que não causa nunhum prejuizo aos Srs. Proprietarios de autos, concorre para que mais agradavel se torne o footing no trecho referido”.

Estamos certos de que essa idea suggerida pela nossa colega, será tomada em consideração pelo Sr. Presidente da Camara que, pondo em execução essa medida, será digno dos maiores elogios, prestando, assim, um grande serviço, pois ninguem ignora que é naquelle trecho que se faz o “footing”.

Feito isso, estamos livres da importunação de alguns “chauffeurs” que disparam os seus carros a torto e a direito, sem pensar nas consequencias (MUITO BEM!, ano I, 1926, n. 2, p. 2).

As principais praças e jardins da cidade eram o Jardim Municipal e a Praça Conde de Prados. No Jardim Municipal, por exemplo, aconteciam apresentações de bandas de música, *kermesses*, retretas, cortejos carnavalescos, prática de patinação não

competitiva por mulheres e homens e outras comemorações, como as que fizeram parte dos festejos da eleição da Rainha dos Escoteiros de 1928 (FESTA DOS ESCOTEIROS, 1928, n. 2414, p. 1).

O cinema foi um dos divertimentos de mais popularidade em Barbacena. Os filmes eram projetados em teatros-cinema, cines-teatro e salas de cinemas que recebiam em seus palcos espetáculos, como sessões fílmicas, apresentações teatrais, palestras literárias e científicas, concertos, festivais, recitativos e concursos de beleza. Esses momentos não foram destinados somente a diversão do público presente, mas também a caridade e ao benefício de alguns lugares da cidade, como, por exemplo, a reparação de igrejas, construção de casas para os pobres, aumento das reservas financeiras das escolas e de outros recintos.

A participação das cidadinas nos teatros-cinema, cines-teatros e salas de cinema de Barbacena se deu principalmente como espectadoras dos filmes em dias que não se oferecia franqueamento à entrada das mesmas, como em dias em que as casas conferiam entradas gratuitas às mulheres. Quando funcionavam como teatro, abrigavam espetáculos que contavam com a presença das barbacenenses como integrantes de apresentações artísticas e também como promotoras desses momentos.

As associações carnavalescas *Club Beija-Flôr* e *Caprichoso Aventureiros* contavam com sedes que ofertavam “festas de naturezas varias, para entretenimento de seus membros” em datas que iam além das comemorações de carnaval (CIDADE DE BARBACENA, 1928, n. 2388, p. 1).

Do mesmo modo, o *Commercial-Club*, inaugurado em 21 de janeiro de 1931 e com sede na Rua 15 de novembro, mesmo que anunciado como um espaço “composto de cavalheiros conterraneos e de elementos do commercio local”, abriu suas portas para receber as famílias dos associados em *soirées dansantes* (SOCIAES, 1931, n. 2649, p. 3) e em bailes de carnaval (A PEDIDOS, 1931, n. 2656, p. 2).

Já as associações explicitamente recreativas identificadas foram o *Club Barbacenense* e o *Club Independente Recreativo*.

O *Club Barbacenense*, inaugurado em 1914 e apresentado como o principal clube recreativo da elite local no início do século XX (PELOS CINEMAS, 1927, n. 2346, p. 1), foi o que pareceu ter vida mais ativa na cidade, ou mesmo, o que gozou de maior prestígio na narrativa do *Cidade de Barbacena*. Fazemos essa inferência porque as publicações sobre as atividades desenvolvidas no recinto pareceram ter sido divulgadas de forma mais contínua nas páginas do jornal, o que poderia dizer

majoritariamente de uma associação de agenda atuante em Barbacena. Contudo, o *Club Barbacenense* foi o que percebemos ter a publicação de seu estatuto nas páginas do jornal, somando-se a isso o fato de a redação do *Cidade de Barbacena* ganhar um cartão de ingresso permanente nos eventos desse clube desde 13 de outubro de 1918, o qual servia “não só nos dias comuns, como nos de quaesquer festas” (CLUB BARBACENENSE, 1918, n. 1449, p. 1).

“Club Barbacenense”

é o título de uma nova agremiação, há pouco fundada nesta cidade.

De ha muito, se vem notando a falta de uma associação que, em o nosso meio social, possa ser de grande utilidade, debaixo do ponto de vista por que deveremos encarar uma tentativa, no gênero da do “Club Barbacenense”.

Quer nos parecer e estamos quase em affirmal-o, que o novo Club virá preencher essa lacuna, dados os fins que elle tem vista e são: organizar palestras ou conferencias litterarias e scientificas; proporcionar diversões recreativas, principalmente as de sport, em seus diversos generos e aspectos, emfim, cuidar de todos os meios, a seu alcance, para tornar o Club um ponto predilecto da reunião dos barbacenenses.

Muito digna do acoroçoamento de todos nós é, sem duvida, a idéa, já agora em plena realidade; e, certo, terá o franco applauso que se não pôde negar á criação de um centro de diversões como o que se propõe a ser o “Club Barbacenense”.

Em assembléa, há dias, realizada, ficou assim constituída a directoria:

Presidente, Dr. Henrique Diniz; Vice-Presidente, Tenente Coronel Affonso Monteiro; 1º. Secretario, Dr. Jorge Vaz; 2º., Dr. Paulo da Rocha Lagôa; tesoureiro, Dr. Franklin de Abranches; Director Geral, Dr. Miguel Calmon do Pio e Almeida e Comissario, Capitão Francisco d’Avila Garcez.

A’ novel associação, emprimimos aqui os nossos desejos por sua maior prosperidade (CLUB BARBACENENSE, 1914, n. 1031, p. 1).

Sobre a presença das mulheres no *Club Barbacenense*, em seu primeiro estatuto, publicado em 14 de novembro de 1914, foi declarado que essas seriam dependentes dos sócios homens, não compondo assim a administração do recinto e as composições societárias (ESTATUTOS DO CLUB BARBACENENSE, 1914, n. 1073, p. 1-2). Mesmo com posição secundária no clube, as mulheres participaram de muitas programações dessa associação com protagonismo, pois além de na maioria dos eventos serem as responsáveis por ornamentarem o recinto, elas organizaram festas e bailes sediados em seu salão, como no exemplo a seguir:

UMA LINDA FESTA

Segundo ouvimos, um grupo de distinctas senhorinhas das familias dos socios do Club Barbacenense anda empenhando em organizar, nesta sociedade, uma linda festa artística, à chegada do Dr. Lincoln da Cruz Machado e em homenagem ao digno presidente do Club.

Consta-nos, ainda, haverá uma parte musical, nessa festa, estreando, então, a excelente orchestra que vem de formar-se com elementos do proprio Club, bem como uma parte literaria que, confiada na sua elaboração e competencia e ao bom gosto da illustre senhora Maria Lacerda de Moura há de, por certo, ser devéras brilhante (CLUB BARBACENENSE, 1919, n. 1520, p. 1).

Além de tal protagonismo, o próprio *Club Barbacenense* organizou momentos conferidos apenas às mulheres, como o *Dia Feminino*, anunciado em 6 de fevereiro de 1919 como um dia dedicado às esposas dos sócios:

[...] de agora em diante, será instituido o <<Dia Feminino>>, ás quartas-feiras, quando as senhoras se reunirão em salões do Club Barbacenense, havendo revistas e jornaes especialmente destinados às mesmas, bem como divertimentos outros propios para as senhoras [...] (CLUB BARBACENENSE, 1919, n. 1474, p. 1).

O *Dia Feminino* não foi mais anunciado no *Cidade de Barbacena* para além do fragmento supra, por isso estamos carentes de detalhes se essa programação realmente aconteceu às quartas-feiras. Quais seriam os “divertimentos outros propios para as senhoras” citados por essa notícia, ou mesmo, o que o referido clube entendia como um divertimento próprio às mulheres (CLUB BARBACENENSES, 1919, n. 1474, p. 1)? Será que as práticas de *sport* também seriam destinadas às mesmas, além da prática da leitura, visto que essa associação objetivava “proporcionar diversões recreativas, principalmente as de sport, em seus diversos generos e aspectos” (CLUB BARBACENENSE, 1914, n. 1031, p. 1)? São questões que suscitamos.

Em 17 de janeiro de 1931, com a publicação de um ato da diretoria do *Club Barbacenense* referente a frequência das mulheres das famílias dos sócios na associação, estabeleceu-se que essas “gosarão dos mesmos direitos que os socios effectivos, com excepção dos enumerados no art. II, considerando-se pessoas da família, aquellas que, residindo sob o mesmo tecto, vivem a expensas do socio” (CLUB BARBACENENSE, 1931, n. 2648, p. 2). Fato que demonstra possibilidade de participação das mulheres no cotidiano do *Club barbacenense* de forma mais ativa em relação ao estatuto anterior, contudo na análise das fontes referentes ao recorte temporal estudado que se estende até 5 de setembro de 1931, não percebemos diferenças acerca da participação das mulheres no recinto em relação as que aconteciam anteriormente.

Os principais campos de futebol presentes em Barbacena foram os do *Collegio Militar* e do *Olympic Football Club*.

O *Collegio Militar* de Barbacena funcionou entre 1913 e os anos iniciais da década de 1920²⁴, foi um espaço de formação de pessoas do sexo masculino voltado principalmente para o preparo dos que queriam se candidatar aos cursos militares superiores (MASSENA, 1985b). Possuía em seu perímetro um campo de futebol, assim como equipes: *Paysandú F. C.*, *Mayrink F.B. Club* e *Ituiti* (SAVASSI, 1991).

O *Olympic Football Club* é um time de futebol fundado em 25 de julho de 1915 e ativo até os dias de hoje. Inicialmente o seu campo era em um lugar denominado de *Gymnasio*, e posteriormente, o clube adquiriu o velódromo existente no *Morro de Santa Thereza*, propriedade de Orlando Piergentilli, onde construiu o seu campo definitivo na década de 1920 (SAVASSI, 1991).

Em meio aos times de futebol e nos seus campos, as barbacenenses foram assistentes, torcedoras e madrinhas. Já nas sedes sociais de alguns times, como a do *Democrata Foot-ball Club*, qual não identificamos o ano de sua fundação e nem mesmo se tinha um campo, as cidadinas participaram de diversos momentos de entretenimento. Por exemplo, bailes de dança que terminavam altas horas da madrugada, quando não ao amanhecer do outro dia (SOCIAES, 1931, n. 2645, p. 3), e também bailes de carnaval realizados nos três dias dedicados a essa festividade, sendo que “para os socios servirá de ingresso o recibo do corrente mez e para as pessôas extranhas, inclusive senhoritas, serà, com todo rigor, exigido o respectivo convite” (DEMOCRATA CLUB, 1927, n. 2274, p. 2).

As igrejas da região organizaram *kermesses* que destinavam o dinheiro arrecadado em benefício das próprias igrejas (KERMESSE, 1927, n. 2337, p. 1), e também festas do calendário Católico realizadas tanto nos seus perímetros quanto nas ruas da cidade em procissão (MOVIMENTO RELIGIOSO, 1915, n. 1127, p. 1). Na comemoração do mês de Maria da *Igreja da Boa Morte* de 1915, percebemos a presença destacada de crianças do sexo feminino:

Mez de Maria

Encerram-se hoje, as solenidades do Mez de Maria.
Na missa cantada que se realizou ás 10 horas, coroaram a Immaculada Conceição as meninas Nair Vieira e Carmelita Mazzini.
A’ noite vão coroar Nossa Senhora as meninas Zolaica Delpino e Cininha Ferreira, servindo de archanjos as meninas: Odette Rodrigues, Emilia dos Santos, Maria José Almeida, Albanita de Oliveira, Leonina Amaral, Aracy

²⁴ Segundo Massena (1985b) o *Collegio Militar* funcionou até 1923. Já Savassi (1991) aponta que a data de encerramento das atividades desse colégio foi em 1925.

Savassi, Glorinha Costa, Aracy Esteves, Tarayldes Fernandes, Helena Mundim, Carmita Jarsim e Dulce Valle.

A' tardinha sahirá da matriz, a procissão da Immaculada, que percorrerá a cidade, finalizando a sympathica festa com a bençã do S. Sacramento.

A banda "Corrêa de Almeida", na hora da coroação, á noite, tocará o hymno nacional (MOVIMENTO RELIGIOSO, 1915, n. 1127, p. 1).

Já as instituições de ensino, *Escola Normal*, *Collegio Militar*, *Grupo Escolar Bias Fortes* e outras, promoviam festas e festivais didáticos recreativos para comemorar sobretudo *datas nacionaes* e aumentar a Caixa Escolar, o financeiro da escola.

Em 7 de setembro de 1919, por exemplo, o *Curso Primario Mixto*, que tinha como diretora a senhorinha Ismaelita Paes, festejou a data da independência do Brasil de modo encantador, e "deixou uma impressão das mais gratas no espirito de quantos a ella assistiram e eram familias e cavalheiros do escól social barbacenense" (07 DE SETEMBRO EM BARBACENA, 1919, n. 1532, p. 1). Já o *Collegio Militar*, promoveu nessa mesma data com o seu alunado "uma passeata pela cidade, dando assim ensejo a que se admirasse, mais uma vez, o garbo com que marcham, a attitude correta que mantém na fôrma" (07 DE SETEMBRO EM BARBACENA, 1919, n. 1532, p. 1).

Para aumentar a Caixa Escolar, entretenimentos foram organizados, como o *chá-dansante* "realizado no Salão do Grupo Escolar, em beneficio da Caixa Escolar Bias Fortes, e promovido por professoras daquelle estabelecimento. Estiveram presentes varias senhorinhas e rapazes que dansaram até a noite" (CHÁ-DANSANTE, 1923, n. 1936, p. 1).

As professoras de Barbacena organizaram divertimentos para promover a renda escolar e também em benefício de outras instituições da cidade, principalmente as voltadas ao cuidado com as pessoas pobres da região, envolvendo danças e apresentações artísticas.

Nas fazendas da região aconteceram passeios e *pic-nics*, esse último divertimento também denominado de festas campestres e convescotes, quais envolviam o comer de "finas iguarias: doces, fructas, cervejas, vinhos", a contemplação da natureza e leitura de poemas (PIC NIC, 1928, n. 2445, p. 3).

No convite de 17 de janeiro de 1918, para que "as <<encantadoras>> e <<encantadores>>" organizassem uma festa campestre, a natureza de Barbacena foi exaltada por ser considerada "tão asada para taes fins" (CIDADE DE BARBACENA, 1918, n. 1388, p. 1). Se a natureza da cidade era considerada apropriada para abrigar

festas campestres, será que fazer *pic-nic* em Barbacena era uma prática de divertimento prevalente? Se sim, não identificamos muitas notícias sobre tais momentos.

Além do pedido para que “<<encantadoras>> e <<encantadores>>” (CIDADE DE BARBACENA, 1918, n. 1388, p. 1) organizassem festas campestres, os convescotes também foram promovidos pelo *Club Barbacenense* (ALCANTARA, 1919, n. 1510, p. 2), por alunas da companhia de costura *Singer* presente na cidade (PIC NIC, 1928, n. 2445, p. 3) e também por professoras da região:

Pic-Nic

Domingo, 19 do corrente, a senhorinha Ilda Ribeiro, distinta normalista, a qual tem sob a sua direção o externato <<N. S. Aparecida>>, teve a feliz iniciativa de organizar um passeio á Fazenda da Borba, fazendo-se acompanhar dos seus alumnos e alumnas e seus progenitores.

Após um pequeno trajeto a pe', vencido facilmente e sem fadigas, contemplando belos panoramas emoldurados de ricas paisagens e divertindo-se com o alegre vozerio e as jocosas travessuras da criançada, chegaram os excursionistas a um sitio aprazível da Fazenda, d' esses logares pitorescos e apropriados aos convescotes.

Fizeram o apetecido lunch, servindo fartamente dos mais delicados e saborosos majares e animados sempre do mais cordial espirito de associação, regressaram, cheios de gratidão á distinta senhorinha, pela sua bela iniciativa e pelas gentilezas que a todos dispensou (NOTICIAS DE SITIO, 1927, n. 2306, p. 2).

Já na *Colonia de Alienados*, aconteceram passeios que consideramos como divertimento para as pessoas envolvidas, pois pareceram entreter aos que iam ao recinto para observar os “dementes alli internados” (COLONIA DE ALIENADOS, 1928, n. 2415, p. 2), causando sentimentos agradáveis com o que se presenciava, o que corresponde ao prazer, contemplação, fruição, sentimentos característicos do se divertir. Atitude que também reconhecemos na estadia dos pacientes, pois esses se distraiam com as atividades propostas pelo lugar, como a agricultura:

Passeio agradável

Por gentil convite do Sr Coronel Adolpho Cispino de Carvalho, tivemos ensejo, sexta-feira ultima, de fazer agradabilissimo passeio á Colonia de Alienados, de que é elle competente administrador.

Percorremos então magnifico trecho da rodovia, cujas obras, já quase concluidas, vão pôr em communicação os dois importantes estabelecimentos: Colonia de Alienados e Asylo Colonia, além de proporcionar a nós outras oportunidades para bellos passeios.

A macadamisação da estrada é perfeita, e sobre esta deslizam os autos como o fariam no proprio asphalto, o que é sobremodo agradável. Dirige sua construcção o Sr. Raul Carneiro, que põe em evidencia grande competencia no assumpto, sendo os trabalhos dos loucos aproveitados em toda a extensão da estrada.

Após esse passeio, visitamos varias dependencias da Colonia, nellas observando absoluta ordem e asseio, que muito recommendaram o zelo de seu perfeito administrador, que dispensa sempre muito carinho a dementes alli internados.

Ha nas proximidades de estabelecimento grande terreno que o Sr. Coronel Adolpho Cisalpino aproveitada para a plantação de legumes: alface, couve-flôr, repõlho, etc., e são fornecidos, com sobre, ao Asylo e Colonia de Alienados. Essas plantações são sempre feitas na epocha apropriada e constituem, como outros trabalhos, distracções para os insanos, que se mostram alegres e bem dispostos.

Há muito que admirar, pois, num passeio á Colonia de Alienados, trazemos sempre magnifica impressão (COLONIA DE ALIENADOS, 1928, n. 2415, p. 2).

O *Grande Hotel* e a *Pensão Barbacena* foram outros lugares que sediaram divertimentos, sobretudo os de intenção altruísta, em benefício da caridade local, e contaram com mulheres como suas promotoras. O primeiro *chá dansante* da cidade, por exemplo, foi sediado no salão do *Grande Hotel* em 15 de abril de 1922 e teve como responsável pela sua organização a professora Nathalia Santos, junto a diversas senhorinhas da cidade, as quais destinaram o dinheiro arrecadado a *Assistencia á Infancia* de Barbacena (FESTA DE CARIDADE, 1922, n. 1783, p. 1).

Em muitas residências as famílias promoviam festas de aniversário, festas pela comemoração da formatura de normalistas e *soirées*. Nas *soirées* o espaço doméstico se tornava palco para apresentações artísticas e contava com a demonstração da habilidade musical de conterrâneas. No noticiamento da *soirée* organizada pela família Massena em 1917, referente ao regresso da senhorinha Judith Massena a Barbacena, lê-se:

Festejando o regresso de sua digna filha – a gentil senhorinha Judith Massena, o nosso estimavel patricio, cirurgião-dentista, Sr. Pedro Massena e sua Exma. Familia reuniram quinta-feira, em sua residencia, varias pessoas distinctas de nossa sociedade, offerecendo-lhes magnifica “soirée” artistica.

Iniciada a festa pelas duas encantadoras crianças, que são Paulo e Candida, dous interessantes filhos do Dr. Franklin de Abranches, e que já se vão revelando com decidida propensão para o piano, teve elle seguimento com a execução de varios numeros de musica, qual mais bem interpretado, que fizeram a delicia do selecto auditorio.

A jovem e talentosa pianista Julia Massena, que foi “magna pars” nessa brilhante <<soirée>>, tocou, com a maestria que lhe é peculiar, trechos escolhidos de Chopin, Beethoven e outros compositores de nomeada, saindo-se com a galhardia de sempre. Sabendo interpretar, com uma precisão admiravel, esses grandes genios da divina arte, ninguem excede a eximia musicista de emoção, na maneira de comprehender o pensamento de auctores classicos, tão familiarisada está ella com as brilhantes composições musicas, que todos nós admiramos, embevecidos.

D. Silvia Tamoga portadora de uma voz magnifica, que agrada sobremaneira, a quantos têm ensejo de ouvil-a, cantou diversos trechos selectos [...] (UMA BELLA FESTA DE ARTE, 1917, n. 1332, p. 1).

Diante do exposto, percebemos a participação das cidadinas de forma explícita nas sessões fílmicas; apresentações artísticas, como as apresentações musicais, teatrais e literárias; em encontros como o *footing*; no *Dia Feminino*; em passeios; nas festas de aniversário, de carnaval, cívicas, beneficentes, campestres, religiosas e outras, e por fim, nas práticas corporais, como o futebol, atletismo, patinação, escotismo, danças e cavalhadas.

As barbacenenses participaram como espectadoras, organizadoras e integrantes dos entretenimentos. Tais maneiras se permearam, ou seja, uma forma de participação em uma prática de divertimento não impediu que outras também fossem vivenciadas em uma mesma programação.

Outros lugares de divertimentos existiram em Barbacena no período estudado, como as casas de jogos ilícitos e as casas de diversões formatadas como *cabaret*, no entanto, não encontramos muitas informações sobre as mesmas.

Possivelmente a carência de detalhes acerca de tais lugares seja motivada porque o jornal *Cidade de Barbacena* destacou em suas páginas principalmente o que era moderno e indicado para a época, e a frequência às casas de jogos e aos *cabaret* não fazia parte dos hábitos civilizados, higiênicos, úteis, desejados a população local. Por isso, esse jornal apresentou em suma que esses recintos estavam sendo condenados e perseguidos por autoridades barbacenenses sem demais detalhes, e junto, o pedido que lugares como o *cabaret* se transferisse para outras regiões da cidade, visto que o mesmo funcionava na Rua Silva Jardim, localizada bem perto do centro de Barbacena²⁵:

CABARET

Estamos informados de que o Dr. Jorge Coura, Delegado de Polícia, tomando em consideração a nossa local sobre o funcionamento de um cabaret, á Rua Silva Jardim, ordenou a seus proprietarios que o mesmo cabaré só se abra de 11 ás 13 da madrugada tendo-lhes sido notificado, ao mesmo tempo, praso para que o transfiram para outro ponto em que não constitua uma affronta á moral (CIDADE DE BARBACENA, 1925, n. 2068, p. 1).

A existência desse tipo de casa de diversões não foi totalmente proibida na cidade, parecendo ser um espaço permitido desde que não estivesse perto do centro de Barbacena, onde possivelmente ‘a vida da cidade acontecia’, e residiam autoridades e

²⁵ Consulta realizada no *Google maps*. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/R.+Silva+Jardim,+Barbacena+-+MG/@-21.2243611,-43.7758463,16.52z/data=!4m5!3m4!1s0xa2206cec74bae9:0xeea4cb01e6e98894!8m2!3d-21.2236522!4d-43.7781028>. Acesso em: 17 jan. 2018.

pessoas consideradas de bem. Transferindo-se o *cabaret* para um lugar “em que não constitua uma afronta á moral” (CIDADE DE BARBACENA, 1925, n. 2068, p. 1), ou seja, uma localização distante do centro, seu funcionamento poderia ficar alheio a censuras.

Sobre as casa de jogos ilícitos, anunciou-se que as mesmas estavam sendo perseguidas de modo tenaz em Barbacena, e que era a “meninada”, o público que se envolvia com os jogos, considerados como um terrível vício (A JOGATINA, 1922, n. 1821, p. 1). Todavia, mesmo que a existência das casas de jogos ilícitos fosse algo que incomodasse autoridades locais, esses recintos pareciam alheios a flagrantes:

O Capitão Teixeira da Silva, digno delegado especial desta comarca, reencetou a campanha contra os jogos do “bicho” e de azar, que campeavam aqui. Na noite de hontem e de ante-hontem, foram varejadas varias casas, nada sendo encontrado, porque os contraventores tiveram noticia de que a policia ia agir. O capitão delegado, segundo nos disse, está disposto a actuar com energia, prendendo em flagrante os jogadores e “bicheiros” (O JOGO ESTÁ SENDO TENAZMENTE PERSEGUIDO, 1926, n. 2185, p. 1).

O fato do jornal *Cidade de Barbacena* não ter uma sessão de denúncias Policias pode também ter dificultado a identificação de maiores detalhes sobres esses lugares em nossa pesquisa, assim como da participação de mulheres, possibilitando-nos saber apenas da existência das casas de jogos ilícitos e do *cabaret* sem demais detalhes. Para uma investigação aprofundada sobre os divertimentos e lugares considerados ilícitos, assim como do público frequentador, acreditamos que seja necessária a mobilização de outros tipos de fontes, como, por exemplo, jornais que tenham no seu interior seções Policiais ou os próprios documentos da Polícia.

Apresentados vários aspectos da dinâmica de Barbacena no período estudado, os entretenimentos que identificamos, os lugares que abrigavam divertimentos, e a presença das barbacenenses nesses âmbitos, nos capítulos seguintes consta análise das formas de participação das mulheres nos cines-teatro e nas práticas corporais.

2 ELAS SE DIVERTEM NOS CINES-TEATRO

[...]Encheu-se então a apreciada casa de diversão, que organizou uma saleta á entrada, onde agora tóca, antes do inicio das sessões, uma optima orchestra, que obedece á batuta do conhecido maestro A. Nunes.

No dia da inauguração, além de uma bella fita, trabalhou Sr. Umberto com seus impagaveis bonecos, trazendo a platéa em constantes rizadas.

Trata-se de um artista habilissimo, e, sem duvida, o melhor ventriloquo que por aqui tem andado.

Nossa platéa, por isso mesmo, lhe há batido palmas.

-

Hoje, no palco, além de novos e interessantes trabalhos que serão apresentados pelo applaudido artista Humberto, será exhibido o estupendo film da Paramount - <<Rosas Traioeiras>>, cuja interpretação está confiada a artistas de valor (PELOS CINEMAS, 1925, n. 2112, p. 2).

Neste tópico analisaremos a participação das barbacenenses nos divertimentos cinema e teatro, o que inclui tanto as projeções fílmicas, quanto as apresentações artísticas, consideradas como toda e qualquer apresentação de teatro, poesia, música, literatura, ou seja, atividades artísticas múltiplas destinadas ao entretenimento, que aconteciam de formas alternadas nos teatros-cinema, cines-teatros e salas de cinema de Barbacena.

Mesmo que as programações de cinema e teatro compartilhassem o mesmo espaço e pudessem acontecer em um mesmo dia, por meio do trecho acima que relata a inauguração do *Cine-Theatro Leal* em 1925 percebemos que tais entretenimentos aconteceram em diferentes momentos e de diferentes formas. Acrescenta-se a isso que a participação das cidadinas também ocorreu de modos diferenciados. Por isso, analisaremos a participação das barbacenenses em tópicos distintos: ‘Enquanto cine’ e ‘Enquanto teatro’.

No tópico ‘Enquanto cine’ analisaremos, sobretudo, a participação das mulheres em sessões fílmicas dedicadas e franqueadas a elas e as demais formas de sociabilidade que tais projeções permitiam, como o *footing*. Também, tendo como base o título das fitas de algumas programações, analisaremos o possível conteúdo dos filmes projetados em sessões dedicadas e franqueadas às barbacenenses, como as que também não o foram.

Já no tópico ‘Enquanto teatro’, destacaremos a participação das barbacenenses como integrantes e organizadoras de apresentações artísticas sediadas no

palco dos teatros-cinema, cines-teatros e salas de cinema, especialmente as que se referiram às programações beneficentes, citadas também como festas e festivais, em que as “pessoas, ao mesmo tempo que se divertiam, prestavam igualmente seu auxílio” (DIVERSÕES, 1914, n. 1030, p. 2).

A escolha de destacar as programações beneficentes sediadas nesses âmbitos se deu porque além desses momentos serem noticiados recorrentemente nas páginas do *Cidade de Barbacena*, neles as cidadinas pareceram participar de modo mais ativo, pois foram organizadoras de muitas programações. Atrelado a esse fator, percebemos que enfatizar as programações beneficentes foi uma grande oportunidade para analisarmos a atuação da professora Maria Lacerda de Moura, tanto na organização desses programas quanto em outros eventos da cidade.

Maria Lacerda de Moura teve participação ativa na organização de programações de divertimentos beneficentes em Barbacena e se envolveu com movimentos ligados à educação e saúde do município. Por isso, intentamos no tópico ‘Enquanto teatro’, ir um pouco além da narrativa sobre a sua participação em momentos de entretenimentos sediados nos teatros-cinema, cines-teatros e salas de cinema. Tal escolha se deve pelo desejo de compreender as possíveis intenções que a levaram ao envolvimento com a promoção de divertimentos, além de ser uma tentativa de colaborar com as pesquisas científicas anteriormente desenvolvidas sobre essa intelectual, mas que fizeram pouca alusão à sua trajetória em Barbacena, salvo a pesquisa de Guimarães (2016).

2.1 Enquanto cine

O cinema foi um divertimento de popularidade em Barbacena. Por isso tentamos empreitar análise não somente das formas de participação das barbacenenses nesse entretenimento, mas também do próprio divertimento na cidade, visto que Pimenta (2015) através de apontamentos sobre o cinema da região, considerou que:

A análise das atividades no ramo do cinema em solo barbacenense merece um estudo mais aprofundado uma vez que, com a investigação levada a cabo através da leitura da escassa bibliografia que versa sobre o tema e também pela leitura dos jornais da época, notou-se que precocemente em Barbacena o cinema se colocou como uma alternativa de diversão que encantava e atraía o público, inclusive fazendo com que algumas pessoas se aventurassem nesse ramo do entretenimento, mesmo que isso se tratasse de um negócio arriscado (PIMENTA, 2015, p. 50).

Desse modo, organizamos este tópico em três partes. Na primeira apresentamos alguns dos sujeitos e sujeitas envolvidas na constituição e produção de cinema em Barbacena, assim como sentidos do cinema no município. Na segunda tecemos análise sobre o público que mais frequentou os teatros-cinema, cines-teatros e salas de cinema, enquanto esses lugares projetavam filmes, e por fim, na última parte destacamos a participação das barbacenenses em sessões dedicadas e franqueadas à elas, no *footing* e na organização de sessões fílmicas beneficentes.

2.1.1 O cinema na cidade: sujeitos, sujeitas, salas e sentidos

Em Barbacena, o cinema foi anunciado como o “tão maravilhoso e incomparável invento” (PELOS CINEMAS, 1925, n. 2117, p. 1), o que favorece a afirmação de que “em várias sociedades, incluindo a brasileira, o cinema passou a ser, desde as primeiras décadas do século XX, uma das formas culturais mais significativas” (LOURO, 2000, p. 421):

Em muitas cidades brasileiras, a partir das primeiras décadas do século XX, um novo ritual dominical começava a se tornar comum: grupos de jovens encontravam-se nas filas ou no saguão de entrada dos cines-teatro e ali, nos momentos de espera e nas horas de semi-escuridão e música que se seguiam, ensaiavam suas primeiras aproximações e namoros. Tomavam dos filmes sua dose de magia, romance, aventura, mistério: eram capturados pelas imagens e envolvidos pelos sons que antecipavam os sofrimentos e reencontros, que anunciavam a chegada dos inimigos ou da “brigada” salvadora. O ritual não era, contudo, exclusivo dos jovens; a paixão pelo cinema era, então, largamente difundida entre os adultos (LOURO, 2000, p. 425).

Em Barbacena os filmes eram projetados em teatros-cinema, cines-teatro e em salas de cinema autônomas ou associadas a outros lugares, como o *Cinema Phenix*, que fez parte do *Club Barbacenense* em 1916 e tinha a venda de bilhetes destinada igualmente aos sócios e não sócios do clube (CINEMA PHENIX, 1916, n. 1237, p. 2).

Identificamos a existência dos seguintes teatros-cinema, cines-teatro e salas de cinemas em Barbacena no período estudado: *Theatro Cinema Mineiro*, *Theatro Cinema Moderno*, *Cinema Barbacenense*, *Cinema Parisiense*, *Cinema Avenida*, *Cinema*

*Phenix, Cinema São José*²⁶, *Cinema Central, Cine-Theatro-Apollo, Cine-Theatro-Leal e Cinema Odeon*.

Algumas casas eram propriedades de italianos radicados em Barbacena (PIMENTA, 2015) e outras provavelmente de alemães. Da possível influência alemã, fazemos essa consideração porque na notícia da inauguração do *Cine S. José* em 1931, o nome da companhia responsável pela gestão dessa casa pode sugerir tal nacionalidade: “Srs. Schilitzer, Hermann & Cia” (PELOS CINEMAS, 1931, n. 2353, p. 2). Não temos dados para realmente afirmar essa presença, contudo, acreditamos nessa possibilidade, pois Lisboa (2017) ao estudar o divertimento nos espaços associativos de imigrantes alemães e teuto-brasileiros em Juiz de Fora entre o final do século XIX e metade do século XX, aponta nomes de sujeitos dessas origens envolvidos com a promoção de diversões com o nome Hermann, por exemplo. Desse modo, pela vizinhança de Barbacena e Juiz de Fora e a proximidade do recorte temporal do estudo de Lisboa (2017) com o desta pesquisa, a presença de imigrantes de origem alemã e teuto-brasileira na promoção de divertimentos em ambos os municípios pode ter acontecido.

Já sobre os italianos, sabemos que Paulo Benedetti (Paolino Michellini Benedetti) é considerado o pioneiro nos empreendimentos cinematográficos de Barbacena. Fundou em 1909 o *Theatro Cinema Mineiro* e além de dirigir essa casa de diversões no município, junto com a sua esposa Antonieta, e sua cunhada Rosinha, produziu alguns documentários na cidade, como, por exemplo, *Raid de infantaria da Linha de Tiro 81* (1912) e *Uma transformista original* (1915) (GALDINO, 1983). Esse último foi um longa-metragem que focalizou a atuação da atriz local Brazilia Lazzaro, desempenhando papéis versáteis de cantora, transeunte no cemitério e Nossa Senhora, tudo ao som de orquestra (GOMES, 2011), e inaugurou a *cinemetrophonia*, uma técnica criada por Benedetti que integra imagens e sons de músicas nos fotogramas (GALDINO, 1983).

Os italianos Orlando Piergentili e Aroldo Piacesi, representantes da sociedade comercial *Piergentili & Piacesi*, fundaram em Barbacena em 1911, na Rua 15 de Novembro, o *Theatro Cinema Moderno* (PIMENTA, 2015). Após o rompimento dessa sociedade em meados de 1919 essa casa de diversões deixou de existir. Orlando Piergentili empreendeu sozinho outro cine-teatro em 1920, dessa vez no *Morro de Santa*

²⁶ Em Barbacena, na temporalidade estudada, existiu mais de um cinema com o nome de *Cinema S. José*, cerca de três, sendo que eles funcionaram em momentos diferentes.

Thereza, denominado *Cine Theatro Santa Thereza*, mas logo voltou para a Itália (PIMENTA, 2015).

Aroldo Piacesi mantinha outros negócios em Barbacena, como a *Confeitaria Apollo*, inaugurada em 25 de dezembro de 1921, “onde os gastronomos poderão desfructar pratos escolhidos, feitos por mãos de mestres de cosinha”, e em seu anexo, a “secção de frutas, que são vendidas por preço modico” (CONFEITARIA APOLLO, 1921, n. 1757, p. 1). Também vendia “bicycletas de fama mundial, inglezas e italianas” (BICYCLETAS DE FAMA MUNDIAL, 1926, n. 2183, p. 2).

Aroldo Piacesi casou-se com a filha de Orlando, sua prima, Ines Piacesi, e juntos, fundaram na Rua 15 de novembro outro empreendimento cinematográfico em 12 de agosto de 1923, o *Cine-Theatro-Apollo* (CINE-THEATRO-APOLLO, 1923, n. 1916, p. 1).

A atuação de Paulo Benedetti, Orlando Piergentili, Aroldo Piacesi e Ines Piacesi corrobora com o estudo de Pimenta, para o qual “boa parte dos primeiros empreendimentos que envolvia o mundo cinematográfico se deu por iniciativa dos italianos radicados na cidade” (PIMENTA, 2015, p. 74). Assim como em outros municípios mineiros, a citar Cataguases, Pouso Alegre, Ouro Fino, Juiz de Fora, Guaranésia e Belo Horizonte, onde a presença italiana foi uma constante na produção cinematográfica (GOMES, 2011).

Além da presença italiana no cinema de Barbacena e de outras regiões de Minas Gerais, na cidade de São Paulo no início do século XX, os imigrantes italianos desempenharam atitudes de destaque no que diz respeito ao desenvolvimento do cinema mudo na região (SCHPUN, 2007). Conforme Schpun, famílias que já mantinham relações com o teatro na Itália continuavam envolvidas com essa prática, mas em São Paulo esse divertimento foi formatado em teatro operário, e a partir dessas experiências, esses imigrantes ao filmarem as suas encenações faziam surgir os primeiros curtas-metragens brasileiros (SCHPUN, 2007).

A participação das italianas no nascedouro do cinema mudo em São Paulo foi permeada por preconceitos da sociedade paulistana, todavia, para essas imigrantes, o envolvimento com esse tipo de prática era algo valorizado pelos seus conterrâneos, o que não desestimulou a participação das mesmas nas atividades entorno do cinema no Brasil (SCHUPUN, 2007).²⁷

²⁷ Além da ação de italianos na inauguração de teatros-cinema, cines-teatro e salas de cinema em Minas Gerais, e a produção de documentários em Minas e São Paulo por esses imigrantes, existe a história de

Desse modo, a vivência no meio cinematográfico pelas ítalo-paulistanas nos faz refletir que os fatos de Paulo Benedetti trabalhar com a sua esposa e sua cunhada nos seus empreendimentos de cinematografia, assim como Aroldo Piacesi e Ines Piacesi estarem na direção de um cine-teatro, que as mulheres italianas radicadas em Barbacena puderam manter padrões sociais de atuação na vida familiar e cultural afins com o que tinham em seu país de origem. Assim, supomos que Brazilia Lazzaro, protagonista de *Uma transformista original* (1915), filme de Paulo Benedetti, poderia sim ser mais uma mulher de descendência italiana envolvida na produção do cinema barbacenense.

Os cinemas de Barbacena chegavam a ter mais de dois dias de programações na semana. Essas aconteciam em dias úteis e em dias do final de semana, e em diferentes horários. Ou seja, em um mesmo dia poderia acontecer uma *matinée* e também uma *soirée* em uma mesma casa do gênero, como no convite do *Cinema Apollo* no sábado dia 3 de janeiro de 1931:

APOLLO

Hoje – Uma produção de forte emoção – *Tesouro do Coração*, e continuação do estupendo seriado – *A Mantilha Prateada*.

Amanhã – Grandiosa *matinée*, com distribuição de cartõesinhos e sorteio de brindes.

Em *soirée* – Um titan da Fox, que é uma grande epopéia – *Homens sem mulheres*. E' da Fox, e basta (PELOS CINEMAS, 1931, n. 2644, p. 2).

Os filmes projetados em Barbacena eram sobretudo de marcas estadunidenses, como *Paramount*, *Universal* e *Fox*. Todavia, tal frequência não foi privilégio dessa região, pois:

Os anos pós-guerra coincidiram com o processo de organização industrial monopolista da produção americana e com sua ação imperialista em relação aos demais países. O mercado latino americano – especificamente o brasileiro – foi gradativamente sendo invadido pelos escritórios de representação das grandes companhias *yankees*, que não tardaram a monopolizar o comércio de distribuição e exibição cinematográfica. Contraditoriamente ao processo de conquista de uma maior organicidade da cinematografia nacional, os anos 20 representaram o período de um primeiro grande impacto do cinema nacional americano e de sua total absorção pelo público brasileiro (BICALHO, 1992, p. 94).

que o primeiro filme produzido no Brasil foi pelas lentes de um italiano. Para melhor entendimento dos mitos que circundam a produção desse filme, supostamente pelo italiano Alfonso Segreto, sugerimos consultar Bernadet (1993).

Embora a indústria cinematográfica estadunidense tivesse o monopólio da distribuição de fitas no Brasil e em outros países, no Sudeste brasileiro, especificamente em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, muitas foram as iniciativas de valorização de produção de documentários locais²⁸, assim como se deu a presença de filmes de outras nacionalidades, como Itália e França.

Do mesmo modo, muitos países europeus, como França, Itália e Alemanha, contestaram a exclusividade da exibição de fitas norte-americanas em seus cinemas, afirmando que essas estavam perturbando as características do pensamento nacional, dando outra mentalidade ao povo (A INFLUENCIA DO CINEMA NO CARACTER DOS POVOS, 1928, n. 2377, p. 1).

Todavia, mesmo que os cinemas barbacenenses contassem com a projeção de filmes italianos, franceses, nacionais e regionais, como o filme local *Varios aspectos de Barbacena*, citado como “o primeiro film confeccionado nesta cidade” – o que podemos inferir que não foi, tendo como exemplo os documentários produzidos por Benedetti –, percebemos o destaque dado pelo *Cidade de Barbacena* a essa iniciativa, porém, a informação de que um filme da *Universal* “completou o programma” demonstra que fitas de marcas americanas não deixaram de ser escolhidas como preferência nas programações dos cinemas de Barbacena (PELOS CINEMAS, 1944, n. 1990, p. 1):

Com uma enchente formidável, segunda-feira, no Cinema Apollo, foi projectado no seu <<ecran>> o primeiro film confeccionado nesta cidade, por uma empresa ainda em principio, que se apresenta com o nome de Scab Film. Denota um grande esforço dos nossos conterraneos e a fita que nos foi dado apreciar – *Varios aspectos de Barbacena* – ai não é uma perfeição, como os senhores directores da mesma empresa fizeram sentir na introdução do seu primeiro trabalho, merece, não há duvida, os nossos encomios, porque representa um esforço grande de varios barbacenenses e é a promessa de um bello futuro para a Scab-Film.

Oswaldo Navarro, o bello caricaturista da <<Caretta>>, deixou-me posar para a Scab-Film, em charges magnificas e espirituosas.

Completou o programma um magnifico film da Universal – *Caminhos Tortuosos*.

Um conjuncto musical, que muito promette, está actualmente deliciando os espectadores do elegante Apollo (PELOS CINEMAS, 1944, n. 1990, p. 1).

Encontramos diferentes opiniões a respeito da presença do cinema em Barbacena. Uma o apresenta como um divertimento enfadonho, pois se o carnaval de 1918 não fosse comemorado na região, as cidadinas e os cidadãos estariam condenados

²⁸ Para mais detalhes sobre os documentários produzidos em Minas Gerais desde os primórdios, sugerimos consultar Galdino (1983).

a comemorar as noites carnavalescas no “eterno divertimento”, ou seja, no cinema (CIDADE DE BARBACENA, 1918, n. 1390, p. 2):

Ha ou não ha carnaval?

Eis a pergunta que a todos acode, no momento actual, quando as hostes de Momo, á imitação da salada russa se misturam, repartindo-se, entretanto, em dois partidos contrarios: um pró Carnaval, outro contra.

E a duvida paira em todos os espumos, nada sendo resolvido de definitivo.

Se na Capital federal – cidade essencialmente carnavalesca – este é o estado das cousas, como não será o mesmo, por aqui?

Barbacena ainda não cogita, ao que pensamos, do Carnaval.

Tanto assim que, nem mesmo dos bailes masque no Club Barbacenense, ouvimos falar.

Batalhas de Confetti, estas não n’as teremos, provavelmente; a Serrana que foi a distincta organizadora da lucta carnavalesca do anno passado – o que representou já um tour de force, não existe mais, e, mesmo que existisse, julgamos que se não metteria noutra empreza deste genero.

De modo, que estaremos condemnados a passar as noites de 9, 10, 11 e 12 de Fevereiro em nosso eterno divertimento – cinematographo... (CIDADE DE BARBACENA, 1918, n. 1390, p. 2).

Outra opinião apresenta que o cinema era uma “excellente diversão”, contudo, mesmo que considerado dessa forma, tê-lo como única opção de entretenimento na cidade era motivo de monotonia (ALCANTARA, 1918, n. 1399, p. 1):

Barbacena é uma cidade em que há pouca sociabilidade.

As familias não se visitam, senão mui raramente, existindo visinhos que só se conhece pelo cumprimento banal, pela saudação ligeira do “bom dia” ou do “boa noite”.

Entanto, parece, que nessas localidades, como a nossa, por exemplo, e onde deveria haver uma certa convivencia entre as familias e cavalheiros, que se poderiam reunir, muitas vezes, para uma palestra, quando se não quizesse organizar uma seresta musical ou literaria, para o que não nos faltam bons elementos.

Aqui, não ha remedio senão a gente appellar para o Cinema, aliás uma excellente diversão; porém, além do Cinema, não seria justo que fossemos gosar, aqui ou ahi, da bôa musica, da <<causerie>> de muitos dos nossos cavalheiros, que poderiam improvisar reuniões, quebrando assim a monotonia da cidade?

Olhem, que não há nada como a hygiene do espirito, preconizada pelos emeritos psychologos da época! Isto de a gente viver eternamente preocupado com as cousas da vida, não da certo. E’ necessaria a distracção util, que nos torna mais bem dispostos para o trabalho quotidiano.

A vida solitaria torna neurasthenico o individuo que só vê diante de si o phantasma da desconfiança, a imitação de nervos que o persegue, o máu humor que é um inferno... Ao passo que a troca de idéas, a conversação util anima a todo o mundo, predispondo-nos para a alegria, para a gloria de viver, afugestando o mal que passa a ser cousa desconhecida...

Vejamos, agora, si com essas linhas “mal traçadas”, si algo se faz na cidade, no sentido de tomar unida, para a diversão, e para o entretenimento que faz bem aos espiritos, a familia barbacenense, sempre louvavel até em suas menores iniciativas (ALCANTARA, 1918, n. 1399, p. 1).

Soutto Mayor (2017), ao escrever sobre divertimentos em Belo Horizonte no início do século XX, afirma que na capital mineira existiu a divulgação de diferentes entendimentos sobre a presença do cinema naquela sociedade, que envolviam o “tédio”, por tê-lo como diversão principal, e também o sentimento de pertencimento a modernidade que se desejava no período. Essa interpretação pode nos indicar que o cinema foi um divertimento presente de forma destacada não só em Barbacena, e que os sentidos de monotonia e excelência envoltos nesse entretenimento foram compartilhados em mais de uma região do Estado, a dizer de sua capital.

2.1.2 O público

Vários fatores perpassam a análise acerca do público presente nas sessões fílmicas de Barbacena, dentre eles o preço dos ingressos, o qual nos faz perceber, por exemplo, a classe social das mulheres que mais acessaram a esse divertimento na cidade.

Em 1917, no *Cine-Theatro-Apollo* não houve distinção na cobrança de valores das entradas para o acesso de pessoas de diferentes classes da cidade, mas sim, existiu a venda de cadernetas com as seguintes quantidades de entradas disponibilizadas e os preços estabelecidos:

Já se encontram á venda, no Cine-Theatro-Apollo, as cadernetas de assignaturas, cujos preços são os seguintes:

20 entradas.	.	.20\$000
40 entradas.	.	.37\$000
60 entradas.	.	.53\$000

O preço de entradas avulsas é de 1\$100 (CINE-THEATRO-APOLLO, 1923, n. 1917, p. 1).

Mesmo que no *Cine-Theatro-Apollo* não existisse distinção nos valores de bilhetes, houve dias em que nessa casa de diversões as mulheres pagaram o preço mais barato nas suas entradas. Na “matinée blanche e soirée selecta” acontecida em 24 de abril de 1924, por exemplo, os bilhetes do *bello sexo* custaram 800 réis (CINEMAS, 1924, n. 1988, p. 2).

Os termos “matinée blanche e soirée selecta” sugerem ser distintivos sociais nesse evento sediado no *Cine-Theatro-Apollo*, já que a palavra francesa *blanche* pode

ser traduzida como branco²⁹, ou seja parece ser uma *matinée* destinada as pessoas brancas, ao passo que a “soirée selecta”, sugere o comparecimento de pessoas selecionadas, presumivelmente pela cor e classe social. Assim, nessa *matinée* e *soirée*, mesmo que as mulheres pagassem o valor mais barato que a entrada avulsa comumente cobrada pelo *Cine-Theatro-Apollo*, porventura pelas atribuições divulgadas, foram as mulheres brancas e de classe social mais elevada que estiveram nessas sessões (CINEMAS, 1924, n. 1988, p. 2).

Além de terem menores custos na compra de seus bilhetes, nessa “matinée blanche e soirée selecta” também “a’s senhoras será sorteada uma fina carteira de pellica, offerecida pelos Sr. Domingos de Bella”, o que pode apresentar mais um incentivo para o comparecimento de mulheres nesse dia (CINEMAS, 1924, n. 1988, p. 2).

Na programação da *soirée* do *Cine S. José* do dia 1 de janeiro de 1922, em que foi projetada a fita *Os Borgias*, divulgou-se que “devido ao elevado custo deste film a Empresa foi forçada a exibil-o a preços especiaes: 1ª. Classe 2\$000 – 2ª. Classe 1\$000” DIVERSÕES, 1922, n. 1758, p. 2). Também, por ser uma programação especial, possivelmente pela comemoração de Ano Novo, cada pessoa só poderia comprar o máximo de duas entradas (DIVERSÕES, 1922, n. 1758, p. 2).

Já os preços das entradas do *Cine-Theatro-Leal* encareceram em 1925 pelas exigências cobradas pela empresa *Paramount* para a exibição de seus filmes. Porém, a partir de queixas por parte do público espectador os valores baixaram, mas mesmo assim, não podemos supor que classes inferiores acessavam as sessões fílmicas do *Cine-Theatro-Leal*, pois:

Estão surgindo queixas contra a elevação de preços nas entradas do Cine-Theatro-Leal.

Ante-hontem, anunciada a exhibição do film em que Rodolpho Valentino tomava parte, começaram os protestos, tendo varias senhorinhas resolvido adquirir ingressos de 2ª classe, o que fizeram sob palmas dos moços que tambem já haviam feito o mesmo.

No escriptorio, porém, da Empreza, explicou esta a um nosso companheiro o facto da elevação do preço da entrada, ante-ontem. E’ que a Paramount exigia para exhibição de seu film 500\$000 ou 60% do rendimento do espectáculo. E para isso havia mandado o seu gerente, que fazia então as transações que ella dictava.

Pareceu-nos assim que a exigencia descabida parte dessas fabricas, como a Paramount, que impõe o seu commercio, obrigando as empresas de Cinema a movimentos nada sympathicos, accrescendo que muitas vezes o film, para cuja exhibição foi elevado o preço a 2\$000, em nada differe dos que são

²⁹ Para acesso as definições e sinônimos de *blanche*, sugerimos consultar <http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/blanc/9732?q=blanche#9625>. Acesso em: 31 dez. 2017.

focalizados a 1\$600, podendo nesse numero incluir – Peccador Divino. Os Srs. A. Leal & Cia. Têm exhibido trabalho de mais valor, pela quantia a que acima nos referimos – 1\$600.

Desta fôrma ou daquela, porém, a Empreza do Cine-Theatro-Leal que procura sempre agradar o publico que frequenta os seus espectaculos, como aliás vem fazendo com a aquisição do magestoso Apollo, installação de orchestra na sala de espera e outros melhoramentos, não se esquecendo, entretanto, de que com o toucinho a 6\$000 o kilo, não poderá ter frequencia grande, desde que não seja mantido um preço ao alcance de todas as bolsas, e, conseqüentemente, recompensados seus esforços, que, reconhecemos, não foram e não são pequenos

-

A' ultima hora, fomos informados da deliberação da Empreza do Cine Theatro Leal, que resolveu estabelecer preço fixo para todos os seus espectaculos, isto é, 1\$600 a entrada, esperando ella assim vir ao encontro dos desejos de seus innumerados frequentadores (PELOS CINEMAS, 1925, n. 2113, p. 1).

Os valores de entrada cobrados pelo *Cine Leal*, comparados pelo articulista com o preço do toucinho, 6 contos de réis o kilo em 1925, pode significar que o custo da entrada do cinema recebia queixas quanto ao seu preço, pois produtos de consumo básico como o toucinho pareciam sofrer de reclamações parecidas por parte da imprensa.

As senhorinhas frequentadoras do *Cine Leal*, pertencentes a 1ª classe, se posicionaram frente ao aumento dos bilhetes, adquirindo ingressos com o valor de 2ª classe. Tal fato revela uma forma de participação mais ativa por parte desse público, que ao corroborar com a atitude já feita pelos rapazes evidencia a existência de sociabilidade entre os frequentadores das projeções fílmicas de Barbacena, homens e mulheres. Isto é, esse divertimento, para além da projeção de filmes, motivou o público presente a se unir não só para assistir as fitas, mas também, para a mobilização de outras questões que envolviam o divertimento, promovendo sociabilidade para além das poltronas.

Um último aspecto a respeito da notícia acima é que em 16 de julho de 1925 o *Cine-Theatro-Apollo* foi arrendado pela empresa *A. Leal & Cia.* (PELOS CINEMAS, 1925, n. 2111, p. 1). Será que as cotas cobradas pela empresa *Paramount* para a exibição de suas fitas pode, por exemplo, ser um dos motivos da rotatividade de casas do gênero em Barbacena, em que ou se arrendava ou se fechava as portas do recinto no tempo de poucos anos, por exemplo, pela própria demanda financeira que tinha que se despendiar para a aquisição de filmes norte-americanos? É uma questão que suscitamos, pois no final do recorte temporal estudado, em contraste com o número de salas de cinema que existiram na cidade entre 1914 a 1931, restavam em Barbacena apenas dois

cinematógrafos: o *Cine-Theatro Apollo* que foi reinaugurado por Aroldo Piacesi em 1930, e o *Cine S. José* inaugurado em 1931, pelos Srs. Schilitzer, Hermann & Cia.

Ainda sobre as entradas dos cinemas, percebemos que o valor dos bilhetes tinha preços variados nas diferentes cidades, e que esse divertimento pode ter sido elitista. Na notícia abaixo, o articulista diz da falta de espectadores no *Cinema Leal* em 1925, e ao levantar duas hipóteses sobre o por que de tal acontecimento já que esse cinema possuía programações de qualidade, apresenta que mesmo que o público estivesse “enfadado de tão maravilhoso e incomparável invento”, mais pessoas compareciam a essa casa quando os bilhetes das sessões custavam valor superior, o que nos leva a inferir que eram as classes mais abastadas que compareciam ao *Cinema Leal* (PELOS CINEMAS, 1925, n. 2117, p. 1):

A Empreza A. Leal & Comp. está disposta a mandar buscar bellissimos films, que não poderão, porém ser passados pelo preço fixo que havia estabelecido – 1\$600.

O publico avaliará assim do esforço da empreza em bem servil-o, desculpando-a da exigencia do momento, si lá fóra são taes films exhibidos por 3\$, 4\$ até 5\$000, como se dá com os Cinemas de S. Paulo e Rio.

E’ isto o que nos communica a citada empreza cinematographica, assim como resolveu tambem estabelecer novamente as sessões de 1\$100 e \$600 respectivamente, 1ª e 2ª classes.

Pequena, realmente, tem sido a concurrencia ao Cinema Leal, não se sabendo a que attribuir tal facto, desde que bons têm sido os programmas alli exhibidos.

Será que nosso publico já se sinta enfadado de tão maravilhoso e incomparável invento?

Será a pequena concurrencia devida à tão decantada crise? Qual! Estamos pela primeira hypothese, porquanto temos observado, maior não é a frequencia áquella casa de diversões, quando seu programma traz o preço de 1\$100, e sim, quando é elle elevado a 2\$ e 5\$000 e então por suppór o publico, talvez, tratar-se de cousa extraordinaria, fóra do commum em Cinema...

Digam os sabios da escriptura que segredos são esses da natureza... (PELOS CINEMAS, 1925, n. 2117, p. 1).

Os preços das entradas de cinema de Barbacena foram comparados com o valor dos bilhetes dos cinemas do Rio de Janeiro e São Paulo, sendo que em Barbacena o preço de acesso a esse divertimento era mais barato do que nessas capitais, mesmo que muitos dos filmes transmitidos no Rio e em São Paulo também fossem exibidos em Barbacena. O jornal *Cidade de Barbacena* inúmeras vezes divulgou que nas salas de cinema da região eram exibidas fitas que se projetava no Rio, afirmando a modernidade não só da presença desse divertimento na cidade, mas também do fato de ser exibido em Barbacena filmes que faziam parte da programação de lugares modernos, como a Capital da República, o Rio de Janeiro. Nas palavras do jornal:

O apreciado *Cinema S. José* iniciará na próxima quarta-feira o serviço de uma nova linha de *films*, (do Cinema Central do Rio). Será este o programma, caprichosamente organizado: <<Luctando contra o destino>>, em 7 actos. Sobre o valor deste *film* não é recomendado fazer reclame. Basta dizer que o Cinema Central, do Rio, escolheu-o para sua inauguração. E' um trabalho primoroso (CINE S. JOSÉ, 1919, n. 1567, p. 1).

Ainda sobre o acesso das diferentes classes nas sessões fílmicas locais, após a projeção no *Cine Leal* do filme produzido sobre o *Aprendizado Agrícola* de Barbacena³⁰, de nome *Aprendizado Agrícola* (1927), existiu um pedido no *Cidade de Barbacena* com o remetente de um certo Pereira da Rocha para que se organizasse uma sessão extra do filme, a qual as classes rurais pudessem assistir. No entanto, não foi divulgado que tal fato aconteceu.

O filme *Aprendizado Agrícola* foi anunciado como um filme interessante, pois:

Constitúe uma propaganda magnifica para o *Aprendizado Agrícola* – si elle disso carecesse – o *film* que foi exhibido ante-hontem no Cine-Theatro-Leal. Está alli um optimo apanhado da vida interna daquelle estabelecimento, de toda a sua organização, de como decorrem os varios serviços a que se entregam os alumnos nos trabalho da horta, pomar, jardins, os cuidados com a terra, o emprego de diversos instrumentos agricolas, como são estes manejados, etc. etc., dando tudo idéa de como é modelar o estabelecimento que obedece à orientação superior do Dr. Diaulas Abreu, e hoje gosa de invejavel reputação no Brasil.

A impressão que esse *film* deixou no espirito dos assistentes foi esplendida, muitos dos quaes não faziam idéa do valor dessa grande obra cuja *alma mater* é incontestavelmente, o digno Dr. Diaulas Abreu, identificado, de ha muito, com o bello instituto que dirige.

O film termina com a apresentação do Tiro de Guerra, vendo-se os alumnos em rigorosa disciplina, attestando que uteis à terra brasileira, o poderão ser também á Patria, caso esta delles venha a ter necessidade em qualquer emergencia.

Felicitemos o Dr. Diaulas Abreu pelo exito magnifico que alcançou o *film* a que nos estamos referindo (PELOS CINEMAS, 1927, n. 2318, p. 2).

O *Aprendizado Agrícola* foi exibido na noite de sexta-feira 7 de agosto de 1927. A escolha desse dia da semana para a projeção da fita pareceu ter sido um dos motivos para que a direção do *Cidade de Barbacena* recebesse a carta de Pereira da Rocha solicitando que o filme fosse projetado novamente em outro dia, em um domingo. Tal pedido também foi feito porque no dia da estréia da fita o clima na cidade

³⁰ O *Aprendizado Agrícola* foi uma instituição que buscou qualificar a mão de obra masculina das fazendas após a abolição da escravatura em muitas regiões do Brasil. Para detalhes da trajetória histórica do *Aprendizado Agrícola* de Barbacena, sugerimos consultar Cimino (2013).

estava frio e chuvoso, o que poderia ter impedido muitas pessoas de comparecerem ao cinema, e também, porque segundo o autor da carta, projetar o filme em outro dia facilitaria o comparecimento das classes rurais nessa sessão:

Ainda o film do Aprendizado Agricola

Escrevem-nos:

<<Exmo. Sr. Redactor da <<Cidade de Barbacena>>

Cordiaes Saudações

Impulsionado pelo sentimento patriotico de propaganda em pról do ensino agricola do Paiz, o <<Jornal de Barbacena>>, vosso brilhante collega, escreveu, de modo bastante animador, alguns commentarios sobre o film <<Aprendizado Agricola>>, exhibido sexta-feira ultima, em um dos cinemas desta cidade.

Como ninguem ignora, sexta-feira decorreu chuvosa e fria, impedindo, dest'arte, que muitas pessoas deixassem de assistir o alludido film, receiosas do frio que, nesta terra, não é lá muito camarada...

Nem tambem é de esquecer que o film devia ter sido exhibido em um domingo, a fim de facilitar o comparecimento das classes ruraes, tão vivamente interessadas pelos resultados praticos dos processos modernos do amanho da terra.

Por isso, Snr. Redactor, por que não suggerir ao illustre Dr. Diaulas de Abreu a conveniencia de exhibir por mais algumas vezes, o bello film do seu instituto de ensino agricola?

Com reiterada estima e subita reverencia sou, Sr. Redactor, vosso admirador e amigo

Pereira da Rocha (ROCHA, 1927, n. 2319, p. 2).

Não encontramos outro anúncio que se referisse a uma nova projeção da fita referente a solicitação de Pereira da Rocha, isso que nos leva a entender que a ida das classes rurais ao cinema para assistir ao filme *Aprendizado Agrícola* pode não ter sido facilitada, fazendo-nos indagar se as mulheres de outras classes, como as pobres, puderam frequentar os cinemas de Barbacena.

2.1.3 Sobre elas

Os cines-teatros, teatros-cinema e salas de cinema de Barbacena promoveram sessões fílmicas dedicadas as cidadinas, possibilitaram descontos na compra dos bilhetes e também concederam entrada franqueada as mesmas nas programações de cinema.

As mulheres que compareceram as sessões dedicadas, com desconto e franqueadas pareceram ser parte da elite local, como na sessão organizada pelo *Cinema*

Barbacenense em 1917, em que as pessoas presentes eram do “Escól da nossa sociedade”, ou seja, membros da elite (DIVERSÕES, 1917, n. 1344, p. 2):

O “Barbacenense” realizou terça-feira ultima mais uma bella sessão chic em que foi exhibido um admiravel *film* da Fox “A filha do Sertão”, trabalho cinematographico posado pela encantadora June Caprice que esteve deliciosa na interpretação do mesmo *film*.

A platéa do “Barbacenense” que era constituída pelo Escól da nossa sociedade regorgitava e era encantador o aspecto do elegante cinema da praça da Intendencia, com a presença de quase todo o bello sexo de Barbacena, a quem era dedicado a sessão (DIVERSÕES, 1917, n. 1344, p. 2).

A referência ao “bello sexo de Barbacena”, pode significar que eram as pessoas do sexo feminino, possivelmente as jovens solteiras - as senhorinhas - e as mulheres casadas - as senhoras - que frequentavam os cinemas da cidade (DIVERSÕES, 1917, n. 1344, p. 2). Na sessão organizada pelo *Cinema S. José* em 1918, alguns nomes de senhoras e senhorinhas foram destacados:

No “Cinema S. José” foi hontem exhibida a fita – JURAMENTO DE SANGUE, drama em 5 longas partes.

Vimos na platéa as seguintes pessôas:

Senhoras: Esperidião Rosas, Carlos Moura, Attila Machado, Jacy Monteiro, Camillo de Araujo, Casemiro Pereira, Piratiny Magalhães; senhorinhas: Chiquitinha Oliveira, Chiquita Magalhães, Nathalia Santos, Luiza Aguilar, Edith Cruz, Julietta Araujo, Maria Fonseca; srs.: Professor Umberto Marini, Tenente Eduardo Sá, Gabriel Bittencourt, Major Januario Bittencourt, Coronel João Brasil e muitissimas outras pessoas, cujos nomes não nos vem á memória (CIDADE DE BARBACENA, 1918, n. 1400, p. 2).

Acerca da entrada franqueada do *bello sexo* em algumas casas, essa forma de acesso acontecia de forma esporádica, como lido no anuncio de que a casa de diversões *Cine-Theatro-Apollo* “pede para tornar publico que, reconhecida pelas provas de sympathia que tem recebido de nossa população, dará hoje, entrada franca ás senhoras e senhorinhas” (CINE-THEATRO-APOLLO, 1923, n. 1921, p. 2).

Já outros convites para o acesso das mulheres nos cinemas de forma gratuita foram mais regulares. O *Cine-Theatro-Leal* promoveu a *Sessão Chic extraordinaria* entre 21 de junho de 1926 e 10 de novembro de 1927³¹, uma sessão fílmica em que

³¹ O *Cidade de Barbacena* anunciou a data da inauguração da *Sessão Chic*, 21 de junho de 1926, todavia, a data de término não foi divulgada. Citamos a data de 10 de novembro de 1927 como a que incluiu a programação final da *Sessão Chic*, pois a última informação que identificamos sobre a sessão foi no convite divulgado dia 9 de novembro para a *Sessão Chic* do dia seguinte, dia 10 (CINE LEAL, 1927, n. 2344, p. 3). Pensamos que essa sessão foi revogada possivelmente porque fazia parte do planejamento de dois sócios, Antonio Leal e Achilles Maia, esse último que teve sua parte comprada por Antonio Leal,

sobretudo as senhorinhas tinham entrada gratuita, sem nenhum motivo declarado. Outras sessões usando do título *Sessão Chic* compuseram as programações dos cinemas de Barbacena, como na notícia anterior sobre a “bella sessão chic” realizada pelo *Barbacenense* (DIVERSÕES, 1917, n. 1344, p. 2). Contudo, nem todas franquearam os bilhetes às mulheres como na *Sessão Chic extraordinaria* organizada pelo *Cine Leal*, a qual também pareceu ter a programação mais regular.

A *Sessão Chic extraordinaria* do *Cine Leal*, doravante *Sessão Chic*, foi marcada inicialmente para as segundas-feiras e logo transferida para terça-feira e posteriormente para quinta-feira. A distribuição dos ingressos a início seguia o rigor de acontecer junto a programação de domingo do *Cine Leal*, contudo, no contínuo dos convites dessas sessões não foi divulgado se o oferecimento dos bilhetes permaneceu assim ou se a forma e o dia de entrega foram alterados. No convite à primeira *Sessão Chic* do *Cine Leal* foi divulgado que:

[...] A partir de amanhã, todas as segundas-feiras, haverá uma <<Sessão Chic extraordinaria>>, com programma escolhido a capricho, e para a qual a Empresa Maia & Leal distribuirá entrada gratuita a todas as senhorinhas. E assim, amanhã, será exhibido o bello film – *Porque as esposas tornam a casar*, além de o seriado – *Nas garras do Hindú* e o interessante – *Fox Jornal*. Certo, será muito concorrida a sessão de amanhã, que, como se vê, consta de escollidas pelliculas (CINE LEAL, 1926, n. 2204, p. 3).

A existência da *Sessão Chic*, organizada e franqueada pelo *Cine Leal* para as senhorinhas de Barbacena, assim como projeções dedicadas as mesmas em outros cinemas da cidade, nos levam aos seguintes questionamentos: será que a realização dessas sessões se fazia para atrair não somente as mulheres, favorecendo assim o encontro e formação de casais? E ainda, por ser um programa situado em um dia da semana, e supondo que a frequência de pessoas fosse diminuta em relação ao final da semana, franquear a entrada das mulheres poderia ser sim para incentivar a formação de casais, mas também para atrair o público pagante interessado nessas mulheres, pois o cinema era um negócio e precisava de agradar as pessoas que o frequentava, assim como gerar lucros?

Ou o seu contrário, pois promover a *Sessão Chic* em dias que não faziam parte do final de semana ocasionaria o não comparecimento de homens nessa

que desde 30 de outubro de 1927 passou a ser o único proprietário do *Cine Leal* (CINE LEAL, 1927, n. 2342, p. 2), o que nos faz supor que logo em seguida ao rompimento da sociedade, a *Sessão Chic* pode ter sido extinta.

programação do *Cine Leal*, seja porque estavam ocupados com outras atividades, ou pela própria temática dos filmes que poderiam não os interessar, não motivando assim o encontro dos pares nas salas de cinema, fazendo com que a temática dos filmes se voltasse apenas para as mulheres? Não podemos afirmar nem isso, nem aquilo, nem aquilo outro, porém teceremos a seguir algumas reflexões que aludem a esses questionamentos.

Vieira (2011), ao se dedicar ao estudo das sessões fílmicas do *Cine Ritz*, dedicadas às mulheres jovens em Florianópolis, as terças-feiras, entre os anos 1943 e 1962, intitulada *Sessão das Moças*, apresenta que o público frequentador dessas sessões também eram os homens, mesmo que tais momentos fossem dedicados às moças. Ainda, segundo o autor, os homens e as mulheres presentes se entretinham com os filmes e com as outras formas de sociabilidade possibilitadas fora da sala de cinema, por exemplo, com o *footing*.

Em Barbacena, identificamos a prática do *footing* na entrada do *Cine-Theatro-Leal*. No pedido para que o público frequentador da casa de diversões dispusesse de melhores modos durante as sessões fílmicas, foi anunciado também que a Polícia deveria intervir na entrada desse cine-teatro, posto que existiam menores de idade que atrapalhavam o *footing* das pessoas que por ali passavam (PELOS CINEMAS, 1926, n. 2251, p. 2).

Mesmo que o *footing* tenha sido retratado como uma prática que acontecia entre os que passavam na entrada do *Cine-Theatro-Leal*, Vieira (2011) sugere que a temática dos filmes projetados nas salas de cinema de Florianópolis fazia do *footing* uma espécie de continuidade das fitas. Isso porque tais filmes, tanto do período estudado pelo autor como nos anos que compreendem esta pesquisa, tinham o amor e o relacionamento como grandes temas constituidores das tramas (VIEIRA, 2011; BICALHO, 1992). Assim, mulheres e homens de Barbacena tinham a possibilidade de assistir às sessões fílmicas de tema amoroso no *Cine Leal*, e após fazer o *footing*, o que poderia envolver tanto as pessoas que estiveram dentro das salas de cinema quanto as que transitavam pela entrada do recinto, pois o *Cine Leal* estava localizado no principal ponto de *footing* da cidade, na Rua 15 de novembro (TERRA DE MOÇAS BONITAS!, 1929, n. 249, p. 1).

Pensar no conteúdo das fitas projetadas nos cinemas também pode denunciar o interesse de propagar formas consideradas autorizadas de se relacionar, pois “o cinema envolve a produção de signos e o signo é sempre um produto cultural. O que

a câmera capta não é a realidade em si, mas o mundo naturalizado da ideologia dominante” (BICALHO, 1992, p. 115). Desse modo, a fita exibida no *Cine Leal*, intitulada *Flirt e Casamento* (CINE LEAL, 1926, n. 2161, p. 2), por exemplo, pode ter apresentado modos aceitáveis de se relacionar amorosamente antes do matrimônio, já que o *Flirt* é o ato de flertar, de conquistar e seduzir (SILVA, 2002), e no período estudado, uma mulher que almejava uma ‘boa união’ deveria ter cautela em tal atitude, se não seria considerada uma mulher que não tinha conduta para a vida matrimonial (DEL PRIORE, 2014).

A partir de alguns títulos dos filmes projetados em muitas salas de cinema de Barbacena, nos dias em que as sessões envolviam a presença das mulheres de forma destacada ou não, percebemos que o conteúdo das fitas poderia fazer alusão a uma das representações de mulher desejada nesta sociedade no período estudado: a mulher do lar, mãe e esposa. Alguns dos títulos que nos remetem a esse pensamento e que foram projetados em dias não dedicados às mulheres e que também não concederam entradas franqueadas as mesmas são os seguintes: *Deve uma esposa perdoar?*, projetado no *Cinema Avenida* (ONDE SE DIVERTE, 1917, n. 1313, p. 1); *A desamparada*, projetado no *Cine Apollo* (APOLLO, 1925, n. 2072, p. 2); *As mães erram muitas vezes*, projetado no *Cine Leal* (CINE LEAL, 1927, n. 2304, p. 2) e por último, *Emancipação da Mulher*, projetado no *Cine Apollo*, qual constitui-se de “6 actos deliciosos, de fina charge aos desejos de emancipação da mulher, que em vez de procurar ser eleita para cargos publicos, deve ser a eleita de um homem a quem ame” (DIVERSÕES, 1923, n. 1945, p. 2).

Sobre o último filme, a sua sinopse nos leva a perceber a existência de incentivos para que a mulher se dedicasse ao casamento, posto que o acesso ao mercado de trabalho, ou mais especificamente a cargos públicos no início do século XX, era considerado como algo degenerador da representação da função da mulher e da idéia de família patriarcal (MALUF; MOTT, 1998; RAGO, 2004).

Assim, algumas sessões fílmicas com as respectivas temáticas de suas fitas pareceram fomentar a representação de que a mulher era sinônimo do espaço doméstico e deveria pensar em ser eleita a esposa e não como sujeita apta ao trabalho fora do lar, a vida pública. Pensamento que se afirma nas considerações de Maluf e Mott (1998), de que no início do século XX eram os homens que deveriam estar no mundo do trabalho e na vida pública.

Sobre títulos de filmes projetados em sessões dedicadas e franqueadas ao *bello sexo*, que também pareceram fazer uso de fitas para a divulgação da representação da mulher como pertencente ao espaço doméstico e também das atitudes e sentimentos que essas deveriam se atribuir, citamos: *O anjo do lar*, projetado no *Cine S. José* (DIVERSÕES, 1925, n. 2063, p. 2), e as seguintes fitas projetadas na *Sessão Chic* do *Cine Leal: Flirt e Casamento* (CINE LEAL, 1926, n. 2161, p. 2), *Porque as esposas tornam a casar?* (CINE LEAL, 1926, n. 2204, p. 3), *Mimi Milindrosa* (CINE LEAL, 1927, n. 2309, p. 1), *Amor é isso* (CINE LEAL, 1927, n. 2338, p. 1) e *Esposas descontentes* (CINE-LEAL, 1926, n. 2214, p. 2).

No convite para a sessão do filme *Esposas descontentes* identificamos que era um filme direcionado a todos, o que significa que homens integravam as sessões dedicadas e franqueadas às barbacenenses. Também percebemos prescrições acerca da conduta das mulheres que desejavam se casar, as quais deveriam se afastar de momentos de alegria e prazer:

[...] Amanhã – Mais uma grandiosa <<Sessão Chic>> extraordinária, com o bellissimo film Diamond – ESPOSAS DESCONTENTES, em 7 partes, onde se demonstra que a mulher acostumada à alegria e ao prazer, difficilmente se amolda ao matrimonio.
E' um film que merece ser visto pois interessa a todos (CINE-LEAL, 1926, n. 2214, p. 2).

Na *Sessão Chic* do *Cine Leal* de 26 de agosto de 1926, foi “distribuído gratuitamente a todos os frequentadores da sessão, um exemplar da linda revista, CINE ARTE” (CINE LEAL, 1926, n. 2223, p. 3), revista brasileira especializada em cinema, publicada na cidade do Rio de Janeiro entre 1926 e 1942.³²

A presença da Revista *Cinearte* em um cinema de Barbacena, em especial, como uma oferta no dia de uma sessão que tinha como foco a presença das cidadinas, pode cooperar com o pensamento de que o cinema e os seus demais constituintes, a dizer do tema dos filmes e da distribuição de revistas, podem ter propulsionado, dentre outras coisas, a divulgação de representações de mulher que se queriam fazer vigente, apresentando-se o cinema como uma instância educativa, como nos convida a pensar Louro (2000).

Fazemos tal afirmação porque a *Revista Cinearte*, mesmo que tenha divulgado em suas páginas textos com caráter instrutivo e incentivado a produção de

³² Para mais detalhes da Revista sugerimos consultar Bicalho (1992) e Lucas (2005).

filmes brasileiros, cooperou com a difusão da representação da mulher/atriz norte-americana, através da divulgação de colunas que contavam a vida das artistas daquela nacionalidade, reforçando o ideal de beleza branca, de cabelo de cor loiro, heterossexual, bem comportada etc. (BICALHO, 1992)³³.

Ademais, os filmes da *Sessão Chic* do *Cine Leal* incluíram outras temáticas além da representação da mulher-mãe, como o esporte, a dizer do título *Mocidade sportiva* (CIDADE DE BARBACENA, 1927, n. 2274, p. 3). Divertimentos como o esporte eram divulgados nas telas como uma das possibilidades de práticas modernas a serem desempenhadas pela mocidade (jovens mulheres e homens), ou mesmo como um modo de vida indicado para a juventude.

Identificamos a existência de outros títulos que pareceram destacar algumas práticas esportivas, como o cômico *Max Linder Toureiro* (CINEMA MINEIRO, 1916, n. 1199, p. 1) e a fita *Sermão de Pugilistas* (CINE S. JOSÉ, 1922, n. 1761, p. 1), o primeiro projetado no *Cinema Mineiro* e o segundo no *Cine S. José*. A projeção desses filmes em Barbacena pode corroborar com o pensamento de que o esporte foi um tema recorrente nas telas dos cinemas, pois assim como o próprio fenômeno cinema, o esporte era um divertimento que cooperava com o ideário de modernidade vigente (MELO; VAZ, 2009).

É notório dizer que tais fitas foram projetadas em anos que possivelmente as touradas e o pugilismo eram temas de críticas de grande parte da sociedade brasileira, que os relatavam como esportes que não dialogavam com os ideais de modernidade e civilidade desejados no país, pois além de estarem associadas a práticas que possuíam elo com costumes passados, demonstravam violência (MELO; VAZ, 2009; MELO, 2009). Contudo, mesmo entendidos dessa forma, vale ressaltar que a escolha de fitas com esses temas pode corroborar com outros ideais desejados nesse período, como excitabilidade e emoção, quais as telas de cinemas pareciam ter o alcance, e por isso, talvez, fizeram o cinema ser um divertimento de grande popularidade na temporalidade estudada (SEVCENKO, 1992; SINGER, 2004; MELO; VAZ, 2009).

A respeito de outra fita projetada no *Cine Leal*, dessa vez não incluída na programação da *Sessão Chic*, de título sugestivo a participação das mulheres nos divertimentos: *Ellas se divertem* - filme “admiravelmente interpretado pela formosa e

³³ A *Revista Cinearte* não foi a única revista especializada em cinema que circulou em Barbacena na temporalidade estudada, pois em 4 de setembro de 1929 a redação do *Cidade de Barbacena* publicou que havia recebido um exemplar do último número da *Revista Cine Modearte*, “revista de modas e cinema, editada pela Empresa Lila Editora de S. Paulo” (CINE MODEARTE, 1929, n. 2526, p. 1).

insinuante Doris Kenyon” (CINE LEAL, 1927, n. 2344, p. 3) - fazemos duas considerações. A primeira, a partir do título, que esse filme projetou mulheres participando de divertimentos, como cinema, práticas corporais, etc., e a segunda, que essa fita não se tratava de mulheres se entretendo em divertimentos, pois era uma comédia romântica.

A segunda consideração se deu porque ao pesquisarmos os filmes que a atriz Doris Kenyon integrou, nos deparamos com um título de 1926 que chamou atenção: *Ladies at play*. Diferentemente da primeira interpretação, que esse filme se referiu a mulheres nos divertimentos, identificamos em consulta a base de dados de filmes internacionais *Internet Movie Database (IMDb)*³⁴, que *Ladies at play*, traduzido pela plataforma como *Ellas se divertem*, é uma comédia romântica que apresentou as relações amorosas entre a protagonista Ann Martin e dois recepcionistas de hotel, assim como de suas tias e dois gigolôs, conforme a sua sinopse:

Ann Martin herdará seis milhões de dólares se ela se casar com um homem aprovado por suas duas tias solteironas, mas até o momento elas não aprovaram nenhum dos homens que ela conhece. Ann tenta ficar com um recepcionista de hotel tímido e se casar com ele apenas no papel e em seguida se divorciar. Ele se recusa pois se apaixona por ela. O primo de Ann a apresenta um outro recepcionista e ela se vê com dois homens em suas mãos. Agora ela quer se casar com o primeiro, tendo descoberto que ela também é apaixonada por ele, mas as tias não aceitam. Então ela contrata dois gigolôs para seduzirem suas tias em uma situação comprometedoras³⁵.

Percebido que esse filme projetado no *Cine Leal* não se referiu a presença das mulheres em divertimentos, nos interessa apresentar que nessa temporalidade existiram conflitos de representações nas telas dos cinemas em torno das condutas desejadas para as mulheres. Mesmo que alguns filmes veiculassem outros comportamentos do sexo feminino, como o da *vamp*, a mulher emancipada, era a imagem da ‘rainha do lar’ que a sociedade brasileira gostaria que imperasse nas telas (BICALHO, 1992). Fazendo-nos entender que em Barbacena não se projetou apenas a imagem da mulher presa as relações amorosas monogamicas e ao lar, mas também

³⁴ A *Internet Movie Database*, ou simplesmente IMDb, é considerada uma das bases de dados mais completas sobre música, filmes, programas de TV e jogos de computador. Mais detalhes acessar: http://www.imdb.com/?ref_=nv_home. Acesso em: 17 março 2018.

³⁵ “Ann Martin will inherit six-million dollars if she marries a man her two spinster-aunts approve of, but, so far, her aunts haven't approved of any man she knows. Ann tries to get a bashful hotel clerk to marry her in name only, and then get a divorce, but he refuses to because he is in love with her. Her cousin then brings in another clerk and Ann now has two men on her hands. Ann now wants to marry the first clerk, having discovered she also loves him, but the aunts object. She then hires two gigolos to charm her aunts into a compromising situation.” Disponível em: http://www.imdb.com/title/tt0017052/mediaindex?ref_=tt_pv_mi_sm. Acesso em: 30 jan. 2018.

escopos de uma nova mulher: mais livre no comportamento, de maior autonomia e possibilidades nas relações amorosas, como sugere a fita *Ladies at play*.

Ademais, os filmes projetados em Barbacena, possivelmente foram usados não somente para divulgar ideais em tornos das representações de mulher, da mocidade e das práticas de divertimentos, mas também de outras convicções e práticas que circulavam na sociedade, como os preceitos da Religião Católica. O título das seguintes fitas sugerem tal interpretação: *Thesouro do Vaticano*, *A vida de N. S. Jesus Christo*, *Christo, Rei dos Reis* e *Procissão de Santa Eucaristia*.

Thesouro do Vaticano foi um filme exibido no *Cine Leal*, na quinta-feira 14 de abril de 1927, possivelmente em uma *Sessão Chic*. Já *A vida de N. S. Jesus Christo* no *Cine S. José*, na sexta-feira dia 15 de abril de 1927 (CINE LEAL E CINEMA S. JOSÉ, 1927, n. 2287, p. 2). Ao passo que, *Christo, Rei dos Reis*, fez parte da programação do *Cine Odeon*, na segunda-feira 23 de maio de 1928 (CINE ODEON, 1928, n. 2397, p. 2). Por fim, *Procissão de Santa Eucaristia* foi projetado no *Cine S. José* na terça-feira 7 de novembro de 1922, anunciado pela imprensa como um filme de popularidade entre as autoridades eclesiásticas do país, e que “irá attrahir um numero considerável de espectadores” (CINE S. JOSÉ, 1922, n. 1841, p. 2).

As descrições sobre *Procissão de Santa Eucaristia* sugerem que a presença da Religião Católica na vida cidadina não foi privilégio de Barbacena ou de Minas Gerais, mas que o catolicismo esteve presente no cotidiano do país:

[...] A respeito desse film leiamos esta carta:

Ilmos. Srs. Directores da “Botelho Film”. – Incumbe-me S. Excia. Revdma. O Sr. Arcebispo Coadjutor de communicar a V.V. S.S. que S. Eminencia o Sr. Cardeal, o Sr. Nuncio Apostolico e os outros senhores bispos ficaram muito bem impressionados com o “film” que essa empreza apresentou sobre a procissão eucharistica de 1º de Outubro.

O “film” dessa empreza merece ser apreciado por todos os catholicos brasileiros para que todos possam formar uma idéa longiqua embora de grande triumpho eucharistico.

O Sr. Arcebispo renova os agradecimentos pela gentil exhibição do film aos Srs. Bispos na sala particular desta Agencia.

Conego Virgilio Lapenida.

Secretario do Sr. Arcebispo Coadjutor.

Rio, 14 de Outubro de 1922. (CINE S. JOSÉ, 1922, n. 1841, p. 2).

Para além da participação das barbacenenses como espectadoras das sessões fílmicas e integrantes do *footing* como um possível prolongamento dos filmes, outra forma de participação das cidadinas nas projeções de filmes foi na organização de sessões beneficentes.

Na sessão realizada no *Cinema São José* em 1925, em benefício do *Grupo Escolar de Barbacena*, sua promotora foi uma professora:

O espectáculo do *São José*, que constituirá hoje um benefício para a Caixa Escolar, ora cuidando de uniformisar os alumnos pobres do Grupo, será magnifico.

Será projectado o film *Pão Nosso de cada dia*, em 7 actos primorosos.

O illustre Sr. Secretario das Finanças, Dr. Mario Brant, isentou as cadeiras do impacto estadual, attendendo assim à solicitação que a S. Ex. fez ao director do Grupo.

E' a principal promotora do espectáculo de hoje a intelligente professora substituta do Grupo, D. Eliza Magalhães, que com outras companheiras, se incumbiu da passagem dos bilhetes (S. JOSÉ, 1925, n. 2089, p. 2).

As professoras de Barbacena organizaram muitos eventos de carácter filantrópico nos teatros-cinema, cines-teatro e salas de cinema. Esse tipo de programação envolvendo filmes não teve tanto destaque quanto as que contavam com apresentações artísticas de amadoras e amadores. Será que o fato de os programas beneficentes envolverem atrações artísticas de forma mais prevalente do que programações fílmicas se deve ao preço das fitas?

2.2 Enquanto teatro

As barbacenenses além de espectadoras de programações dos cines-teatro foram protagonistas de apresentações artísticas sediados nesses lugares, participando como musicistas e atrizes, e também organizaram muitos desses eventos. Neste tópico destacaremos a participação das cidadinas como promotoras de divertimentos nos cines-teatros nesses âmbitos quando não projetavam filmes.

Na divulgação do espetáculo em benefício das reparações da Igreja da Boa Morte, organizado pelos sócios do *Gremio Dramatico Familiar* em 4 de junho de 1914 no *Theatro Cinema Mineiro*, as barbacenenses fizeram parte do grupo de atores amadores que se apresentaram. Mesmo que não encontradas informações sobre o referido *Gremio*, se, por exemplo, existia um estatuto que incluía mulheres, o fato de elas participarem das atividades dessa associação demonstra que serem ou não sócias do *Gremio*, não impediu a sua participação como atrizes amadoras nos espetáculos que organizava:

[...] *Um marido victima das modas* e *A ordem é rressonar*, comedias em 1 acto, cada uma, e desempenhadas pelas senhorinhas Maria Calmon e Vidoca

Brandão e pelos Srs. José Brandão, Antonio Guerra e José Augusto; *Cá por Cousas*, *A missa do galo* e *A Faceira*, canções, pelas senhorinhas Dulce Guimarães, Robertinha Monteiro e Maria Calmon; *Licções de grammatica* e *As tres irmãs*, recitativos pela senhorinha Celina de Castro Azevedo e o duetto hespanhol *Buena Dicha*, pela senhorina Ophelia Calmon e Sr. Roberto Machado. Os inteligentes amadores mereceram applausos pela bõa interpretação que deram de seus papeis (DIVERSÕES, 1914, n. 1030, p. 2).

A música foi parte integrante dos divertimentos de Barbacena, como na inauguração da Praça Conde de Prados, nas festividades domésticas, nas *soirées dansantes* e nas programações dos cines-teatro. As cidadinas estiveram envolvidas nas apresentações musicais, conduzindo algum instrumento ou cantando, e foram destacadas por isso, pois o envolvimento com a música pareceu ser algo afim com a sensibilidade requerida às mulheres nesta temporalidade (SANT'ANNA, 2014). Na apresentação da senhorinha Delvair da Silva acontecida em 13 de dezembro de 1930, lê-se:

Com uma selecta assistencia a senhorinha Delvair da Silva realizou no Cine S. José seu anunciado concerto de piano, tendo executado musicas de vários conhecidos autores estrangeiros e nacionais.

A jovem artista se revelou perfeita conhecedora do teclado, patenteando-se legitima interprete dos que já se acostumou a admirar com a sua fina sensibilidade.

A pedido e sob insistentes aclamações, Delvair da Silva executou a fantasia do Hymno Nacional, de Gottschail, que arrancou calorosos aplausos.

Sua technica se evidenciou completa nessa lindíssima partitura (FESTIVAL DA ARTISTA DELVAIR DA SILVA, 1930, n. 2638, p. 2).

Em outras notícias sobre os espetáculos sediados nos palcos dos cines-teatro, constatamos que algumas senhorinhas os organizavam, como o espetáculo infantil em benefício da Confraria de São Vicente de Paula no ano de 1927:

No Cine-Theatro Leal, teve lugar, ante-hontem, um lindo festival infantil, organizado pelas gentis senhorinhas Dolores Campos, Clarieta e Maria José Cisalpino, tendo revertido seu resultado pecuniário em beneficio da Confraria de S. Vicente de Paula.

O programma, que constava de quadros vivos, canções, danças, marchas, monólogos, etc., agradou á enorme assistência, que bisou vários números.

Todos quantos tiveram sua parte no programma se revelaram seguros em seus papeis, concorrendo assim para o brilho de um espectáculo, que teve um fim nobilíssimo: socorrer os pobres de S. Vicente.

Estão assim de parabéns as organizadoras do festival, como o que deram seu concurso, desempenhando vários numeros (FESTIVAL INFANTIL, 1927, n. 2302, p. 2).

Além de mulheres organizarem espetáculos, em alguns desses momentos as próprias promotoras estiveram incluídas nas apresentações artísticas que compuseram

os programas beneficentes. No festival beneficente organizado pela senhora barbacenense Bebê de Lima Castro, por exemplo, a mesma além de organizar o evento “em beneficio da pobreza local” (UMA FESTA DE ARTE, 1917, n. 1319, p. 1) recitou poemas e cantou:

Em beneficio do “Dispensario Santa Isabel” realizou-se, hontem, no theatro, o bellissimo festival, organizado pela senhora Bebê Lima Castro, que teve o concurso de estimaveis conterraneos nossos, prompts sempre em fecundar os gestos de altruismo, como essa da illustre patricia, que reverte em beneficio da pobreza local.

Muito antes da hora annunciada, já regorgitava o theatro de innumerables Exmas. familias e cavalheiros de varias graduaciones sociaes, entre os quaes se notavam o Sr. Delphim Moreira, Presidente do Estado, Senador Francisco Salles, Dr. Vieira Marques, Chefe de Policia, Dr. Carvalhaes de Paiva, Director da Imprensa Official, e Dr. Henrique Diniz, Chefe Executivo do Municipio.

A’s 20 horas, teve começo o festival, com uma bellissima ouvertará, executada magistralmente; seguindo então com a palavra o Sr. José Bonifacio, que proferiu bem feita palestra, cujo thema “Heroismo, heroes e heroínas brasileiras”, explanou brilhantemente.

A senhorinha Carlota Sá Fortes, <<virtuose>>, cujo valor já dispensa elogios, tocou com maestria, “Fantaiste Imprompta”, de Chopin, arrancando prolongados applausos da platéa.

A senhora Bebê Lima Castro, que no momento se achava bastante constipada, não pôde infelizmente, cantar os numeros de musica que faziam parte do progamma e, então, pedindo escassas por essa falta, recitou varias poesias de Orlando Teixeira e de outros auctores e se sahiu muito bem.

Estava assim terminada a primeira parte. A segunda constou de nova ouvertura tocada pela orchestra, e, desta vez, ainda melhor sahiram os distinctos musicistas, que interpretaram admiravelmente uma symphonia – “Oberto Conte di S. Bonifacio”.

A Senhora Bebê Lima Castro voltou ao palco para recitar, com arte e graça inimitaveis, lindissimos versos em portuguez, hespanhol e italiano. Essa illustre patricia, como se sabe, é dotada de formosissimo talento artistico e imagine-se como não foram ditos os alludidos versos, cuja sonancia só serviu para deleitar toda a platéa, que, em calorosos applausos, patenteou a sua admiração a Senhora Lima Castro.

“Poeme d’amous” de Itibirê da Cunha, para piano, foi executado pela senhorinha Carlota Sá Fortes, que deu desempenho igual ao trabalho antecedente.

Vito Leão, poeta de merito, recitou – fremito d’amore – bellos versos de sua lavra.

Dous filhinhos do Sr. Adolpho Braga, dançaram o tango argentino, e tão bem se sahiram que a platéa não lhes regateou applausos francos e irresistiveis.

“Um episodio da guerra”, de Xavier Leroux foi cantado pela Sra. Bebê Lima Castro. Não é exaggero dizer que, desta vez, esse espirito privilegiado empolgou a platéa electrizando-a.

Scena dramatica para canto, esse episodio teve uma interpretação admiravel, em que o talento formoso da illustre brasileira foi posto á prova, de maneira brilhante.

A platéa, vibrando, applaudiu freneticamente D. Bebê Lima Castro.

Deu fim ao spectaculo “Serenata em Veneza”, coro a character, com acompanhamento de orchestra, cantado pelas senhorinhas Hidelzuita Guimarães, Iracema de Carvalho, Eunice Guanabarino, Gercina Vianna, Dorica Jardim Miranda, Onda Gomes, Zilah Govano, Dilecta Guimarães,

Amelia Castro Duarte, Dagmar Castro, Totinha Castro, Carmen Fontana, Bebê Lima Castro e Mundiquinho de Carvalho.

O jovem poeta Oswaldo Freitas presente ao festival de ontem, improvisou mimosos versos, oferecidos á D. Bebê, e por ella foram recitados. Constituiu essa uma nota inedita no espectáculo (UMA FESTA DE ARTE, 1917, n. 1319, p. 1).

Famílias de várias graduações sociais compareceram ao festival organizado pela senhora Bebê Lima Castro, ao passo que as senhorinhas que integraram a programação artística desse evento, possivelmente, faziam parte da alta sociedade barbacenense, pois tinham sobrenomes como Sá Fortes, que se referia a uma família abastada da região.³⁶

Constatamos também, que entre as artistas que se apresentaram nesse festival estavam professoras de Barbacena, como Carmen Fontana, que em 1915 “foi nomeada professora interina da segunda escola mixta da Colonia Rodrigo Silva, desta cidade” (CIDADE DE BARBACENA, 1915, n. 1104, p.1), e de futuras professoras, como Dilecta Guimarães, que no dia 13 de maio de 1919 concluiu o curso de normalista (NA ESCOLA NORMAL, 1919, n. 1497, p. 1). Esses detalhes nos fazem pensar que no ano de 1917, essas senhorinhas, já formadas como professoras ou não, partilhavam de momentos de sociabilidade na cidade, podendo sugerir a existência de um grupo de mulheres presentes na vida social de Barbacena de diferentes formas e em diferentes espaços.

Além de existirem mulheres se apresentando ao piano nos palcos dos cines-teatros como as senhorinhas Delvair da Silva (FESTIVAL DA ARTISTA DELVAIR DA SILVA, 1930, n. 2638, p. 2) e Carlota Sá Fortes (UMA FESTA DE ARTE, 1917, n. 1319, p. 1), em outras ocasiões as mulheres conduziram orquestras nesses mesmos espaços. Por exemplo, a inauguração do *Cinema S. José* em agosto de 1917 contou com a presença de *Mme. Smyrnoff* dirigindo a orquestra que se apresentava no evento (A INAUGURAÇÃO DO CINEMA S. JOSÉ, 1917, n. 1350, p. 1). Entretanto, diferentemente do espetáculo organizado pela conterrânea senhora Bebê Lima Castro, não identificamos se *Mme. Smyrnoff* era barbacenense, o que, portanto não nos deixa afirmar que era uma cidadina, mas vale destacar que era uma mulher, uma *Mme*.

Ainda sobre a participação das senhoras e senhorinhas na promoção de espetáculos nos cines-teatro, citamos que as barbacenenses puderam além de promover

³⁶ Para mais detalhes sobre a família Sá Fortes, sugerimos consultar Massena (1985b).

esses momentos e integrá-los, também organizar espetáculos por meio de associações, como pela *Liga Feminina Barbacenense*.

A *Liga Feminina Barbacenense* era formada por um grupo de “distintas barbacenenses” que agiam em prol da caridade na região (LIGA FEMININA, 1915, n. 1098, p. 1). Inaugurada em data anterior ao recorte temporal desta pesquisa, que não sabemos qual, encontramos notícias de sua atuação na cidade durante todo o período estudado.

A professora Maria Lacerda de Moura foi secretária dessa associação em 1914 (ALMANAK LAEMMERT, 1914, p. 3222), e a partir de 1915 sua tesoureira (ALMANAK LAEMMERT, 1915, p. 3068), tendo protagonismo na organização de programações beneficentes, como espetáculos artísticos para arrecadar fundos para as ações da *Liga Feminina*. Ações essas, que incluíram, por exemplo, a construção da *Vila Dom Viçoso*, um lugar destinado a edificação de moradias para as pessoas pobres de Barbacena (CIDADE DE BARBACENA, 1914, n. 1076, p. 1; A FESTA DA LIGA FEMININA, 1917, n. 1348, p. 2).

Segundo Guimarães (2016):

Para angariar fundos para a construção das casas, Maria Lacerda de Moura organizou diversas atividades culturais na cidade: apresentações teatrais e musicais com as alunas da Escola Normal, exposições e venda dos trabalhos manuais também realizadas pelas alunas, leilões de objetos diversos que conseguia por doações de pessoas da sociedade barbacenense, entre outras (GUIMARÃES, 2016, p. 56-57).

Sobre os espetáculos beneficentes organizados por Maria Lacerda de Moura, no dia 20 de agosto de 1917 o *Theatro Cinema Mineiro* seria a sede de um lindo festival em prol da *Vila D. Viçoso*:

Com o fim de poder accrescentar ás suas construcções já iniciadas [_] mais dois albergues, a Liga Feminina Barbacenense, representada na pessoa de sua digna thesoureira D. Maria Lacerda de Moura, organisou para o proximo dia 20 um lindo festival que será levado a effeito no edificio do nosso theatro. O programma feito a capricho pela Sra. D. Maria Lacerda de Moura constara de duas partes: a primeira preenchida por varios e excellentes numeros de musica e litteratura e a segunda por bellos quadros vivos posados por senhorinhas da nossa melhor sociedade. No intervallo haverá um serviço perfeito de buffet e buvette dirigido, ainda, por graciosas senhorinhas, em favor dos cofres da Liga Feminina. Pelo entusiasmo que reina na nossa roda social, é de se prevêr, portanto, um grande brilhantismo no festival do dia 20, para o qual nos foi dirigido um convite que, penhorados, agradecemos (LIGA FEMININA BARBACENENSE, 1917, n. 1346, p. 1).

Denominar as integrantes do espetáculo como “senhorinhas da nossa melhor sociedade” (LIGA FEMININA BARBACENENSE, 1917, n. 1346, p. 1) nos leva a entender que eram as jovens das classes mais abastadas da cidade que se apresentaram artisticamente nessa programação. Contudo, diferentemente dessas atrizes e do público dos cines-teatro enquanto esses espaços exibiam filmes, espetáculos como o organizado pela *Liga Feminina Barbacenense*, pareceram ter entrada franca ao público, e incluir outras classes econômicas que não as mais elevadas da região, “como cavalheiros de todas as graduações sociaes” (A FESTA DA LIGA FEMININA, 1917, n. 1348, p. 2), como nos convida a pensar a nota seguinte:

Não se pòde por em duvida que o povo de Barbacena é essencialmente caridoso, como prova todas ás vezes em que para elle se apella, exigindo-se-lhe o concurso franco, efficaz, em prol de commettimentos generosos.

Ahi estão para attestar sua munificencia varias instituições de caridade, que se vão mantendo prosperas, não se falando nos espectaculos que, constantemente, são levados a effeito, visando um objectivo nobre, um escopo elevado.

A Liga Feminina, benemerita associação, que aqui se fundou, por um pugilo, de abnegadas conterraneas, é bem uma prova do que affirmamos, patenteando, todo o dia, o apoio caloroso que há encontrado da parte de quantos habitam este pedaço da terra, que é a nossa querida Barbacena!

Ainda, segunda-feira ultima, o spectaculo organizado pela digna Thezoureira da sympathica associação, D. Maria Lacerda de Moura demonstrou cabalmente a acolhida franca que aqui se dispensa aos fins altruisticos da “Liga Feminina”, e isso, falemos, com orgulho, serve para nos envaidecer, tão alto diz dos sentimentos caridosos do nosso povo.

O theatro estava repleto de familias, de cavalheiros de todas as graduações sociaes, promptos, alli, a concorrer, com esmolas, para o levantamento das casinhas, que, dentro em breve, deverão abrigar esse numero de infelizes, que são, parece, as miserias da sociedade!

Havia empenho, havia desejo incontido de se ser util á pobreza e, assim foi que vimos abrir-se a bolsa liberal de nossos patricios, e della muita gente tirar varias moedas, em troca de um calix de licôr ou de um simples “suspiro”.

Conforta-nos isso, em meio á descrença que avassalla todas as sociedades.

Não podemos entrar na apreciação do programma caprichosamente organizado, porque, para isso, nos falta espaço. Cada personagem que tomou parte na encantadora festa de segunda-feira, soube conduzir-se de maneira brilhante, pondo em evidencias seus talentos artisticos e sua bôa vontade em prestar tão valioso concurso ás directoras da “Liga Feminina”.

Bellamente enfeitado, era de encantar o aspecto do nosso elegante theatro, sempre, gentilmente, cedido para essas festas de caridade, pelos dignos proprietarios do “Cinema Mineiro”.

Nossos applausos enthusiasmaticos á directoria da “Liga Feminina”, que não arrefece, não desanima em levar por deante a sua hoje, triumphante, idéa de ser util á pobreza local (A FESTA DA LIGA FEMININA, 1917, n. 1348, p. 2).

Além da atuação de Maria Lacerda de Moura na *Liga Feminina Barbacenense*, essa professora também fundou em 1912 o *Lactário de Barbacena*, associação que objetivava “dar assistência às lactantes pobres através da distribuição

gratuita de leite” (GUIMARÃES, 2016, p. 57), como também fez parte da *Liga Barbacenense Contra o Analfabetismo*.

A *Liga Barbacenense Contra o Analfabetismo*, inaugurada em 12 de outubro de 1915, foi considerada uma das pioneiras no território nacional no combate ao analfabetismo, como parte dos investimentos advindos da *Liga Brasileira Contra o Analfabetismo*³⁷ (NOFUENTES, 2008; SETEMY, 2015). Maria Lacerda de Moura participou com protagonismo das atividades da *Liga Barbacenense Contra o Analfabetismo* desde a sua fundação na cidade, sendo a única mulher a compor a sua diretoria em 1920, ocupando o cargo de 1ª Vice-Presidente, quando a sede na Rua Quinze de Novembro foi oficialmente inaugurada (NOFUENTES, 2008).

O protagonismo de Maria Lacerda de Moura em Barbacena não se deu somente entre mulheres, como na *Liga Feminina Barbacenense*, mas também em meio a homens como no papel que desempenhou na *Liga Barbacenense Contra o Analfabetismo*, o que pode se apresentar no contexto dessa cidade, como incentivos para a emancipação social de uma cidadina não somente pelas suas atitudes, mas também por parte da própria sociedade local.

Ainda sobre a presença de Maria Lacerda de Moura entre grupos de homens, identificamos que na visita do médico Belisario Penna, “illustre cientista conterraneo” (DR. BELISARIO PENNA, 1919, n. 1533, p. 2)³⁸ a Barbacena no ano de 1919, a convite da *Associação Commercial* local, para que o médico proferisse conferências sobre o tema saneamento do Brasil, a professora compôs a diretoria de organização dos festejos, junto aos seguintes homens:

[...] Srs. Tenente-Coronel Leopoldo Belém Aloys Scherer, Capitão Augusto de Araujo Doria, Sebastião Antunes de Siqueira, Alvaro Meniconi, Dr. Amando Brasil, pharmaceutico Alfredo Renault, Jayme Ribeiro, Dr. Tyndaro de Aguiar e Hermilio Penna (DR. BELISARIO PENNA, 1919, n. 1534, p. 1).

³⁷ A *Liga Brasileira Contra o Analfabetismo* foi fundada no Rio de Janeiro em 7 de setembro de 1915 e extinta em 1940. Objetivava a formação intelectual do povo analfabeto através do ensino gratuito. A *Liga* encerrou as suas atividades após as “medidas educacionais concretizadas por Getúlio Vargas, como a decretação da obrigatoriedade do ensino primário, uma de suas bandeiras de luta fundamentais” (SETEMY, 2015, p. 3). Para mais detalhes, sugerimos consultar também Nofuentes (2008).

³⁸ Belisario Augusto de Oliveira Penna nasceu em Barbacena em 1868. Médico pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1890, clinicou inicialmente em Barbacena e em Juiz de Fora, nessa última cidade chegou ser eleito a vereador. É considerado um dos principais médicos brasileiros que combateu patologias como a malária e a febre amarela em diversos pontos do país. Para mais detalhes, sugerimos acessar: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro (2001c).

Nas programações do Dr. Belisario Penna em Barbacena entre 25 de setembro de 1919 e 29 de setembro do mesmo ano, constam que ele proferiu conferências em muitos espaços do município, como no *Theatro* (*Theatro Cinema Mineiro?*), na *Escola Normal*, na Praça da Matriz e possivelmente na *Liga dos Homens do Trabalho*³⁹.

[...] O Dr. Belisario Penna se hospedará no Grande Hotel, onde lhe está reservado um excelente departamento.

E' possível que hoje mesmo S. S. faça uma conferencia na Liga dos Homens do Trabalho.

Está marcada para amanhã, ás 6 ½ da tarde, uma conferencia, no Theatro, que já se acha bellamente ornamentado.

Alli, o illustre hygienista será apresentado ao publico, devendo comparecer ao acto uma banda de musica.

No dia 27, o Dr. Belisario falará na Escola Normal, ás 7 horas da noite, sobre hygiene infantil no lar e nas escolas, devendo receber, alli, após o seu trabalho, uma delicada manifestação das alumnas daquele estabelecimento de ensino.

Domingo, 28, S.S fará, então, uma conferencia publica, com projecções luminosas, na praça da Matriz, a qual terá começo as 6 ½ da tarde.

Aproveitando a sua estada aqui, o distincto clinico se occupará, durante o dia, com os trabalhos já iniciados pelos seus auxiliares – os academicos Benjamin Porto e Aulo Cerqueira, que se encontram na cidade, há já alguns dias; ao mesmo tempo aproveitará o ensejo para visitar os nossos estabelecimento de ensino e industriaes.

-

O serviço de analyses, bem como todos os outros decorrentes da presença da comissão technica, que aqui se encontra, acham-se installados na séde da Associação Commercial, á Praça da Intendencia, para esse fim aberta durante todas as horas uteis.

Têm prestado valioso concurso a esses serviços o Dr. Tyndaro de Aguiar e Antonio José de Siqueira, e algumas outras pessoas, postas pela Municipalidade á disposição da comissão que promoveram a vinda aqui, do Dr. Belisario.

-

Uma comissão de senhores, desde domingo, está fazendo visitas domiciliaries distribuindo vasilhas para a rec[_]ta das fezes a serem analysadas, para ser apreciado o indice das verminoses aqui mais generalizadas (DR. BELISARIO PENNA, 1919, n. 1534, p. 1).

O possível comparecimento de Belisario Penna na *Liga dos Homens do Trabalho* diz não somente da circulação desse médico em Barbacena, mas também dos espaços que a diretoria dos festejos elegeu como importante para a visita do mesmo, como também, novamente do intercâmbio de Maria Lacerda de Moura em espaços citados como de pertencimento a homens, já que ela era parte dessa diretoria.

³⁹ A *Liga dos Homens do Trabalho*, fundada em 1915 por trabalhadores de Barbacena, foi inicialmente uma associação operária de caráter beneficente e de resistência, e a partir de 1934, funcionou somente como associação beneficente (MASSENA, 1985b). Essa *Liga* está em exercício até os dias de hoje em Barbacena.

A *Liga dos Homens do Trabalho* era composta por homens operários, sendo assim, será que o envolvimento de Maria Lacerda de Moura com o movimento operário se deu desde que essa residia em Barbacena, pois alguns estudos citam que a relação da mesma com esse segmento da sociedade se deu somente em São Paulo na década de 1920 (SOUZA, 2006; SOIHET; PEDRO, 2007; SOIHET, 2012; MAIA; SANTOS, 2015; GUIMARÃES, 2016). É uma questão a se investigar.

Em 26 de setembro de 1919 às 7 horas da noite o *Theatro* “achava-se repleto do que a sociedade barbacenense tem demais selecto” (DR. BELISARIO PENNA, 1919, n. 1535, p. 1) para assistir Belisario Penna discorrendo sobre higiene em geral. Nesse dia, a conclusão de sua fala nos faz perceber que os discursos higienistas e eugenistas vigentes no início do século XX no Brasil também estiveram presentes em Barbacena, da mesma forma que incluíram as mulheres, pois: “terminando apellou para as mulheres brasileiras em cujas mãos collocou a defeza da nossa raça, decadente pela falta de meios prophylaticos contra os mais perigosos inimigos da nossa saúde” (DR. BELISARIO PENNA, 1919, n. 1535, p. 1).

Na Escola Normal o médico proferiu palestra sobre “Hygiene infantil no lar e nas escolas” (DR. BELISARIO PENNA, 1919, n. 1535, p. 1). Já a conferência pública realizada na Praça da Matriz se referiu a patologia amarelão. Após sua última fala ao povo barbacenense no entorno da Igreja da Boa Morte, as cidadinas e os cidadãos acompanharam Belisario Penna até a porta do *Grande Hotel*, lugar em que:

[...] recebeu uma manifestação das senhoras barbacenenses, sendo-lhe oferecida uma riquissima *corbeille*⁴⁰.

D. Maria Lacerda de Moura falou em nome de todas as senhoras aqui residentes, produzindo um admiravel discurso. O Dr. Penna dirigiu-lhe agradecimentos [...] (DR. BELISARIO PENNA, 1919, n. 1536, p. 1).

Após a visita do Dr. Belisario Penna a Barbacena, telegramas foram enviados a redação do *Cidade de Barbacena*, entre os quais percebemos agradecimentos com remetente de *Cabral e Olivia*, e um do próprio médico higienista, referentes a participação de Maria Lacerda de Moura nessas programações:

⁴⁰ *Corbeille* é um termo francês que pode ser traduzido como cesta (de pães, de flores, de mimos, de presentes, etc.). A descrição de *corbeille* encontrada não especifica o que existia na cesta, por isso acreditamos que pode ser uma cesta de mimos. Para acesso a definição do termo sugerimos: <http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/corbeille/19238?q=corbeille#19124> . Acesso em: 29 mar. 2018.

[...] D. Maria Moura – Congratulamo-nos merecidas homenagens [_] illustre higienista Dr. Belisario Penna sentindo não estar presentes. – *Cabral e Olivia*.

-
D. Maria Lacerda de Moura. – De joelhos beijo reconhecido vossas mãos como digníssima representante mulher barbacenense pedindo sejam interprete minha enternecida e eterna gratidão. – *Belisario Penna*. (DR. BELISARIO PENNA, 1919, n. 1536, p. 1).

Todas essas informações sobre a atuação de Maria Lacerda de Moura em Barbacena validam a caracterização do *Cidade de Barbacena*, que a cita como um dos elementos intelectuais da cidade (UMA FESTA DE ARTE, 1919, n. 1471, p. 1). O seu trabalho na sociedade local, que acontecia para além dos muros da Escola Normal, pode reforçar a afirmação de Louro (1997) de que a atuação de mulheres no magistério no início do século XX permitiu às mesmas usufruírem de outras dimensões da sociedade, como o próprio espaço público, de forma mais possível/permitida do que as mulheres que não trabalhavam, ou das que trabalhavam em outros setores.

Ademais, Maria Lacerda de Moura se declarava Espírita Kardecista (GUIMARÃES, 2016), o que nos faz acreditar que tal escolha religiosa incentivou a mesma a se envolver e organizar instituições, lugares e eventos de caridade em Barbacena. Esse pensamento é incentivado pela consideração de que as pessoas adeptas desse segmento religioso, desde os primórdios, tem na prática da caridade um princípio de valor, envolvendo, segundo as recomendações da *Federação Espírita Brasileira* em documento de 1904, “a criação de ‘caixas de socorro’, postos de medicamentos e ‘aulas gratuitas de instrução elementar ou secundária’ ” (GIUMBELLI, 1998, p. 131).

Não encontramos informações explícitas que associem a manutenção do *Lactário* e da *Vila D. Viçoso* a relação de Maria Lacerda de Moura com o Kardecismo, assim como não investigamos a fundo a sua biografia a fim de saber qual era o centro Kardecista que frequentou com o objetivo de buscar maiores detalhes dessa vivência da professora. Porém, Guimarães (2016, p. 44) nos convida a pensar que na vida dessa mulher, “os estudos espíritas, sempre incentivados pelo pai, gerariam ações futuras de ajuda aos mais necessitados de sua cidade”, o que dialoga com a reflexão apresentada.

De mais a mais, Maria Lacerda de Moura cultivava princípios em Barbacena que poderiam contrastar com os comportamentos desejados para as mulheres da região, ou mesmo era uma mulher que contradizia muitos ideais presentes nessa sociedade, como o próprio machismo e o clero ultramontano, como supracitado (GUIMARÃES, 2016; SCHPUN, 2004).

Além do espiritismo, Maria Lacerda de Moura tecia diálogos com a maçonaria, chegando a publicar um livro sobre a relação da mulher com esse segmento da sociedade no ano de 1922, de nome *A MULHER E A MAÇONARIA* (*A MULHER E A MAÇONARIA*, 1922, n. 1842, p. 1), título de uma conferência homônima feita na cidade de São Paulo em 1922. Maria Lacerda de Moura também foi adepta do feminismo⁴¹. Fatos, escolhas, acontecimentos da vida dessa professora que não omitem a possibilidade dela ter encontrado apoio de outras cidadinas e cidadãos em Barbacena, visto as posições de destaque que estivera, seja como professora, promotora de divertimentos ou simplesmente, “digníssima representante mulher barbacenense” (DR. BELISARIO PENNA, 1919, n. 1536, p. 1).

Assim, percebemos que ser mulher em Barbacena, professora ou não, possibilitava a vivência das cidadinas em apresentações artísticas, integrando e organizando.

Em específico sobre o envolvimento de professoras na promoção de divertimentos, inferimos que ser docente em Barbacena compreendeu a possibilidade de exercício para além dos muros das escolas, como nos sugere a reflexão anteriormente exposta de Louro (1997) e a afirmação de Moreno (2015, p. 48), de que ser professora no início do século XX envolvia aspectos que iam além do ensino em sala de aula, “significava muito mais do que adquirir conhecimentos que posteriormente seriam ‘aplicados’ no ensino primário; requeria muito mais a constituição de um ‘ethos docente’, uma maneira de estar, gesticular, falar e se portar”. Considerações essas que significam para nós que o “ethos docente” na ‘Cidade das Rosas’ incluiu o envolvimento das professoras com os divertimentos.

Ademais, por um lado, as especificidades desses entretenimentos, como o benefício e a caridade, podem dialogar com as condutas de uma das representações de mulher que se queria fazer vigente: a mulher (mãe) que dedica a sua vida ao cuidado, como uma atitude que diz respeito unicamente ao sexo feminino (LOURO, 1997). Por outro lado, mesmo que perante a sociedade local a promoção de divertimentos filantrópicos levasse a consumação do envolvimento das mulheres com a caridade, certamente a participação das mesmas em divertimentos, mesmo que beneficentes, pode

⁴¹ Existe uma densa bibliografia sobre a atuação de Maria Lacerda de Moura no movimento feminista e anarquista, assim como das obras escritas por ela. Para mais detalhes, sugerimos consultar Leite (1984), Hahner (2003), Schpun (2004), Souza (2006), Soihet; Pedro (2007), Rago (2012), Soihet (2012), Maia; Santos (2015), Guimarães (2016), entre outras.

ter possibilitado as professoras e as outras mulheres, emancipação, por se tratar da presença em um fenômeno social de grande abrangência.

3 ELAS SE DIVERTEM NAS PRÁTICAS CORPORAIS

As práticas corporais são “um conjunto de manifestações corporais, práticas físicas, realizadas com fins diversos, institucionalizadas ou não, e que podem ser resumidas em ginásticas, esportes, danças, jogos e lutas” (CUNHA JUNIOR, *et. al.*, 2011, p. 15). No recorte temporal estudado, algumas destas possibilidades se configuraram como divertimento.

Diante disso, neste tópico analisaremos a participação das barbacenenses nas práticas corporais, mais especificamente no futebol, no atletismo, na patinação, nas cavalhadas, no escotismo, nas danças e nas corridas de cavalos.

No futebol, as barbacenenses participaram da assistência aos jogos, demarcaram o início de partidas, foram torcedoras e madrinhas de times locais. Já no atletismo, elas competiram nas provas de corridas com obstáculos.

Na patinação, participaram explicitamente de sua prática dissociada da competição esportiva. Nas cavalhadas, possivelmente, competiram nas provas de patinação sediadas nesse momento. Vale mencionar que uma cidadina participou como princesa das cavalhadas.

No escotismo, foram Rainha, *granduquezas* e integrantes de programas que contaram com apresentações artísticas. Nas danças, estiveram envolvidas tanto com sua prática como com a organização de programações que as incluía.

Por fim, nas corridas de cavalos não identificamos a participação explícita das cidadinas, contudo, embasados na historiografia que diz do acometimento dessa prática em outras regiões do Sudeste, como Belo Horizonte (RODRIGUES, 2006) e Rio de Janeiro (MELO, 2007), apresentando a participação recorrente de mulheres como público assistente, tecemos algumas reflexões sobre a possível presença das barbacenenses nas corridas de cavalos.

3.1 Futebol

Savassi (1991, p. 224), lembrando a história de Barbacena, apresenta que “como toda cidade do interior brasileiro, Barbacena, tem pouca distração para oferecer aos seus habitantes. Por isso o esporte sempre foi a grande opção, senão a única, para muitos e durante muito tempo”.

O esporte certamente não foi a única opção de divertimento da cidade, a dizer do levantamento já apresentado sobre os entretenimentos presentes em Barbacena entre 1914 a 1931. Todavia, a afirmação de Savassi (1991) nos faz perceber que o esporte, ou os esportes, foram divertimentos que tiveram popularidade em Barbacena, o que dialoga com a percepção de que “o esporte se constituiu no propício espaço para novas condutas, apropriação de novos hábitos, inspirados em uma realidade vivenciada nas principais cidades européias, sobretudo Paris” (SOUZA NETO, 2010, p. 23).

O futebol, seja como uma prática corporal ou como momento de fruição se destaca no contexto dos anos estudados, pois além de abranger as características supracitadas é um divertimento que acontece a céu aberto, tem caráter público (SOUZA NETO, 2010), e por esses e outros motivos pode ter se popularizado entre as opções de divertimentos no início do século XX, tanto para a elite quanto para as classes menos privilegiadas.

Em Barbacena o futebol foi definido como “o divertimento elegante de todas as sociedades” (ALCANTARA, 1918, n. 1428, p. 2), o que nos faz pensar que o possível público assistente esperado nas partidas fosse dos estratos sociais mais altos. Contudo, não encontramos informações específicas sobre cobrança de ingressos para o acesso nos campos de futebol, apenas anúncios nos quais se estendiam convites a todas as classes sociais, e outros que tinham entrada franqueada ao público em geral. Assim, mesmo que de forma não explícita, entendemos que pessoas de diferentes condições econômicas estiveram nesse divertimento.

Savassi (1991), ao resumir parte da obra de Murillo Meniconi intitulada “Foot-Ball de Bahú...”, apresenta que na (suposta) primeira partida de futebol sediada em Barbacena em 12 de outubro de 1904, entre o local *Hugo Braga Futebol Clube* e o belo-horizontino *Victor Serpa Futebol Clube*, o belo sexo barbacenense se posicionou de antemão ao jogo. As mulheres não foram contra a partida, pelo contrário, elas se impuseram, afirmando que não iriam ao jogo pelo fato de os rapazes do *Hugo Braga F. C.* “atuarem de calções curtos. Queriam que o nosso ‘team’ jogasse de calças compridas. Afinal, foi resolvido. Nem compridas, nem curtas. Meia canela” (SAVASSI, 1991, p. 222).

A importância das mulheres nessa partida pode ser notada não só pelas questões que envolveram a mudança no vestuário dos jogadores, mas também em outros dois detalhes. O primeiro: os jogadores, ao invés de descansarem na noite do dia 11 de outubro, “passaram-na cortando arvoredos e ramos, os quais fariam caramanchões para

o belo sexo se abrigar ao Sol” (SAVASSI, 1991, p. 222). Nota-se aí a preocupação por parte dos homens de que as mulheres que comparecessem à referida partida tivessem um lugar específico para estar e não ficassem expostas ao Sol. Tal detalhe pode dialogar com a representação vigente que associavam à mulher à delicadeza e como sujeita dependente dos cuidados do homem. O segundo detalhe é o fato de o “kick-off”, o lance inicial, do jogo de 12 de outubro de 1904 ter sido efetuado pela “bonita e prendada senhorinha barbacenense Marieta Valle” (SAVASSI, 1991, p. 222).

Tais formas de participação das barbacenenses, somada a atitude dos jogadores do *Hugo Braga F. C.*, tanto de mudarem a sua indumentária quanto de prepararem um espaço ‘adequado’ para as mulheres assistirem a partida, pode corroborar (em parte) com a análise de Souza Neto (2010). Para esse autor, nos primórdios do século XX, quando a prática do futebol em Belo Horizonte ainda se formatava na cidade, a presença das belo-horizontinas na assistência⁴² estava associada a um papel secundário, a um caráter decorativo, mas nem por isso menos importante:

O caráter “décor” posto na funcionalidade da presença feminina aos jogos de futebol tendia a permanecer à medida que a lógica da assistência, distanciada da paixão clubística prevalecia nos “matches” de football. Obviamente a mulher representava, assim como uma banda de música, um atrativo atrelado à idéia do espetáculo esportivo, cada vez mais intensa, ainda na ausência de pertencimento clubístico (SOUZA NETO, 2010, p. 35).

Mesmo que o pensamento de que as mulheres participavam da assistência do futebol de forma “decorativa” como nos apresenta Souza Neto (2010) seja entendida como pertinente, acreditamos que tal análise possa ser um pouco “simplista”, porque essa não foi a única forma de participação “décor” ou a que elas desempenharam no futebol, pois o ato de demarcarem o começo da partida de 1904, por exemplo, diz de uma outra forma de participação das cidadinas no futebol, qual também acreditamos que se refere ao caráter “décor”.

Sobre nuances do caráter “décor” da participação das barbacenenses no futebol:

Além de varias festas aqui realizadas, por ocasião da Exposição Pecuniaria, há ainda a acrescentar a partida de jogo entre o “America Foot-Ball Club”, de Bello Horizonte e o “Olympic Club” desta cidade.

⁴² O entorno das partidas de futebol foi um importante espaço de diversão no início do século XX para a assistência, isto é, espectadoras e espectadores, pessoas que frequentavam os encontros esportivos como um *modus vivendi* e não por motivação declaradamente afetiva a um time de futebol que estivesse disputando o prêmio (SOUZA NETO, 2010).

Assistido por enorme multidão, teve lugar o match, no campo proximo ao Collegio Militar, o qual terminou pela victoria alcançada pelo “America Club”.

Terminado o combate, a senhorinha Noemia Marques, em bella ellocução, saudou o sportmen vencedor, offerecendo-lhe uma linda corbeille, em nome do bello sexo.

Abrilhou a festa a banda do Batalhão, que alli compareceu tocando peças de seu magnifico repertorio (MATCH DE FOOT-BALL, 1917, n. 1320, p. 1).

Em outra disputa de futebol sediada no campo do *Collegio Millitar* no ano de 1918, dessa vez entre o *Paysandú F.C.* e o *Olympic F.C.*, a forma de participação das mulheres se diferenciou da que foi anunciada na competição de 1917 entre o *America F. C.* e *Olympic F. C.*, pois nesse jogo destacou-se a presença das barbacenenses na assistência da partida como “infalliveis assistentes dos matchs” e ao mesmo tempo como torcedoras “enrangê” do futebol (ALCANTARA, 1918, n. 1428, p. 2):

O “football” que hoje, em dia, é o divertimento elegante de todas as sociedades, vai despertando, quotidianamente, crescente entusiasmo entre nós e fazendo das nossas moças e dos nossos moços e, ainda, de velhos e crianças torcedores “enrangê” e infalliveis assistentes dos “matchs” [...] (ALCANTARA, 1918, n. 1428, p. 2).

Apresentar as mulheres como torcedoras “enrangê” diz de uma maior consolidação da presença das mesmas no espaço do futebol, pois além de não serem citadas unicamente como assistentes, sugerindo a prevalência do possível caráter “décor”, o traço secundário de sua participação, o adjetivo torcedoras, e ainda “enrangê”, pode significar uma forma de participação ainda mais ativa por parte desse público espectador.

Segundo Goellner (2014) a palavra torcedora tem um dos seus significados no ato de as mulheres presentes na assistência dos jogos de futebol no início do século XX ao retirarem as suas luvas pelo calor e, pela emoção das pelepas, torcerem-nas - por isso, torcedoras. Sobre o termo “enrangê” acreditamos que esse possa se referir ao termo inglês *enraged*, traduzido como enfurecido⁴³, ou as palavras francesas *enrager*, que significa enraivecer, tirar a paciência, encolerizar-se, e *enrageant*, traduzida como o que causa raiva.⁴⁴

⁴³ Tradução de *enraged* disponível em: <https://pt.bab.la/dicionario/ingles-portugues/enraged> . Acesso em: 24 fev. 2018.

⁴⁴ Tradução de *enrager* disponível em: <http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/enrager/29726?q=enrager#29616> . Acesso em: 23 mar. 2018. Tradução de *enrageant* disponível em:

Desse modo, se referir as barbacenenses como torcedoras “enrangê” do futebol sugere que elas participavam desse divertimento de forma não tão secundária, pois torcer enfurecidamente ou enraivecidamente diz de sentimento para o que está acontecendo, diz de uma presença mais ativa, mesmo que não praticando o futebol. Modo que certamente não anulou o sentido decorativo das cidadinas nesse divertimento, pois acreditamos que essas duas formas de participação não se opuseram ou se permutaram, mas sim, que elas podem ter acontecido juntas, ao mesmo tempo, em uma mesma partida.

Ainda sobre a partida de 1918 entre o *Paysandú F.C.* e o *Olympic F.C.*, podemos inferir que as presentes pareceram ser sobretudo jovens, pois foram citadas como moças. Essas jovens - moças, senhorinhas, senhoritas – estiveram no espaço do futebol em Barbacena durante todo o período estudado, e mais do que isso, “o elemento feminino foi realçado de maneira encantadora” (FOOT-BALL, 1919, n. 1542, p. 2) não somente na assistência, na abertura das partidas e nas torcidas, pois elas também foram madrinhas de times de futebol da localidade.

Madrinha significa “a mulher que vae tocar na criança, que se baptisa, a que assiste a noiva na Igreja [...], a que patrocina” (PINTO, 1832, s. p.). Ser madrinha no futebol pode ser então, ter responsabilidade com a existência de uma associação esportiva, e tal papel pode sugerir o trânsito e a presença da mesma além das permitidas as mulheres que eram citadas como torcedoras e assistentes, já que madrinha pode participar também com patrocínios.

Desse modo, a participação como madrinha no futebol pode não ter acontecido de forma tão secundária, pois esse lugar possivelmente permitiu que as mulheres fizessem do motivo de serem reafirmadas em público em papéis que poderiam sugerir um modo decorativo, ou que se atribuíam de outros interesses, como, por exemplo, o financeiro, causa e efeito de sua emancipação.

Em 1928, na programação do torneio promovido pelo *Olympic F. C.*, denominado de *Torneio Initium*, sediado no campo do *Morro de Santa Thereza*, identificamos a participação de senhoritas como madrinhas de times que tinham como patronos pessoas do sexo masculino, que tiveram seus próprios nomes como nomes das equipes. Tal fato sugere que as madrinhas do *Torneio Initium* de 1928 podem ter participado com menos patrocínio que os homens envolvidos, com patrocínio nenhum,

ou mesmo, que elas estiveram em papéis secundários em relação aos dos homens nesse evento, financiando os times ou não:

[...] Os teams, seus patronos e madrinhas

TEAM DR. ELOY CAMARA

Madrinha: Senhorita Odette Godinho

Carlos, Dario, Mazico, Betinho, Orestes (cap.), Fabio, Oswaldo, Domingos, Dolabella, Maia, Tinduca

TEAM JOSÉ FRANCISCO ANTUNES

Madrinha: Senhorita Celuta Mello

Halley, Sandico, Alonso, Lima, Renault, Vasco, Mario (cap.), Zezinho, Synval, Amadeu, Paulo

TEAM EMMANOEL TAVEIRA

Madrinha: Senhorita Juracy Moreira Machado

Cyro, (cap.) Verçosa, Aristoteles, Russo, Chedid, Waldemar, Matta, Pirolito, Cecy, Mozart

TEAM ADHEMAR DE SOUZA

Madrinha: Senhorinha Maria Braga

Sarmiento, Jaburú, Arlindo, Moacyr, Gastão, Manoel, Fonseca, Luiz, Tellinho, Affonso (cap.) Simão [...] (CALVO, 1928, n. 2428, p. 2).

Tomando como exemplo o fato de os patronos dos times do *Torneio Initium* de 1928 terem os seus nomes como nomes das equipes, entendemos que a participação das madrinhas no campeonato interno de 1927, qual fez parte do programa do *Torneio Initium* desse ano, foi com patrocínio. Isso porque não identificamos a existência de patronos para as equipes de 1927 e os nomes das mesmas eram homônimos aos de suas madrinhas, ou seja, os nomes das mulheres que estavam envolvidas com patrocínios (CALVO, 1927, n. 2335, p. 2):

Foot-ball

Terá inicio hoje o campeonato interno do “Olympic Club”, devendo ser o primeiro jogo disputado às 9 horas

-

A directoria do Olympic organizou um interessante Campeonato Interno, que terá inicio hoje com o <<Torneio Initium>>.

Estão organizados quatro teams, cujas forças parecem bem equilibradas.

Team senhorinha Aracy Esteves

Carlinhos – Dario – Ninico – Odilon – Cyro – Lima – Vianna – Sinhô – Celso – Gastão – Waldemar
Capitão – Cyro Duque Estrada

Team senhorinha Celia de Queiroz

Ernesto – Affonso – Telinho – Waldemar – Domingos – Malta – Lauro – Totó – Tatão – Arlindo – Chedid

Capitão – Sebastião Ribeiro Mendes (Tatão)

Team senhorinha Yáya Moreira

Brasil – Mozart – Synval – Lulú – Mario – Fabio – Argentino – Garizo – Cecy – Leopoldo – Lopes
Capitão – Mario F. Gomes

Team senhorinha Carmen Fontana Paulucci

Paulo – Claudio – Lindolpho – Mazico – Orestes – Orpheu – Ary – Sandico – Guilherme – Betinho – Geraldo

Capitão – Guilherme Menezes

O << Torneio >> terá início às 9 horas, devendo obedecer ao seguinte programma:

1º JOGO

Celia de Queiroz e Yaya Moreira

2º JOGO

Aracy Esteves e Carmen Paulucci

3º JOGO

Vencedor do 1º x Vencedor do 2º

Os juizes serão escolhidos pelos captains dos teams dos disputantes. Os captains dos quatro teams concurrentes, constituirão o Conselho Divisional, cujas decisões estarão sempre sujeitas à aprovação da Directoria do Olympic Club, que terá as funções de Conselho Superior.

O ingresso no campo, tanto para o Torneio como para os matches de <<Campeonato >> será gratuito (CALVO, 1927, n. 2335, p. 2).

Assim, no campeonato de 1927 as madrinhas tiveram maior pertencimento dos times que madrinharam, pois ao ser anunciado que as mesmas formaram equipas de “torcedoras para as suas cores”, o termo “suas cores” sugere posse, ou seja, as cores dos times que patrocinavam (CALVO, 1927, n. 2337, p. 2), o que pode ter cooperado com o fato de esse torneio ter sido um momento em que se privilegiou a presença de torcedoras, pois ao que temos notícia, “os jogos de domingo atraíram regular concorrência ao ground de Santa Thereza, predominando n’ella o Elemento feminino” (CALVO, 1927, n. 2339, p. 1).

As notícias sobre o *Olympic Football Club* deixam pistas de que esse time foi um grande incentivador da presença das mulheres em seus jogos, e que as mulheres ali estiveram de variadas formas. Para além das participações nos prélios, as barbacenenses também competiram nas programações de aniversários do *Olympic* na modalidade atletismo nos anos de 1926 e 1929, o que será mais bem apresentado no tópico seguinte.

3.2 Atletismo

A participação das barbacenenses no atletismo foi identificada no aniversário de onze anos de fundação do *Olympic Football Club* em 1926, em que competiram na prova de corrida com obstáculos e também na comemoração de quatorze anos do clube em 1929, sobre a qual não foi publicado o programa completo do evento, apenas que “constará varias provas de atletismo, algumas com participação graciosa do bello sexo, além de grandioso jogo intermunicipal” (CALVO, 1929, n. 2511, p. 2).

Acerca do aniversário de onze anos do *Olympic* em 1926, as “gentilissimas <<torcedoras>>” participaram da prova de corrida com obstáculos na sede do clube, no *Morro de Santa Thereza* (CALVO, 1926, n. 2213, p. 2):

[...] Da primeira parte do programma constarão importantes competições athleticas e interessantes provas especialmente creadas para as gentilissimas <<torcedoras>>, havendo para umas e outras bellissimos premios instituidos graciosamente pelos patronos das mesmas [...] (CALVO, 1926, n. 2213, p. 2).

Identificamos que as torcedoras eram parte da mocidade, ou seja, mulheres jovens, ao passo que às senhoras foi reservado o lugar de espectadoras:

[...] Realmente, aquella praça de sports apresentava encantador aspecto, comportando em suas vastas dependencias representantes de todas as classes, muitas senhoras e elevado numero de graciosas <<torcedoras>> [...]. Da primeira parte do programma, dirigida pessoalmente pelo devotado <<sportman>> Sr. Emmanoel Taveira, esforçado presidente do nosso sympathico gremio desportivo, constaram bellas provas de atletismo que evidenciaram a pujança physica da nossa mocidade. Dellas destacamos, em menção especial, a carreira de velocidade, brilhantemente vencida por Geraldo Brasil; a de resistencia por José Chedid, que bateu Rosalvo na recta final em estupenda chegada e demonstrando apreciavel folego; as de salto em altura e distancia a que registraram duas magnificas victorias do arrojado Edson Cintra Vidal. Constituiram a nota mais interessante do festival as corridas com obstaculos, dos quaes compartilharam graciosamente alegres e elegantes <<torcedoras>>. Venceram nelas as senhorinhas Aracy Esteves, Clydéa Tavares, Lynce e Sevigné Henriques e Daura Rodrigues. Aos vencedores foram entregues, em seguida, os bellos premios offercidos pelos patronos das provas, recebendo-os aquelles das mãos da gentil senhorinha Iracema Pereira da Silva que é madrinha do segundo team official do <<Olympic>> [...]. (CALVO, 1926, n. 2216, p. 2).

Diferentes competições atléticas foram possibilitadas aos homens e as torcedoras do *Olympic* no ano de 1926, sendo que as demonstrações de ambos os sexos “evidenciaram a pujança physica da nossa mocidade” (CALVO, 1926, n. 2216, p. 2). Tal característica ressaltada pode se dar pelo fato de que o imaginário social do período

estudado aconselhava que jovens deveriam ter pujança, vigor físico, que, por conseguinte fortaleceria não só os envolvidos, mas a raça branca, a nação. Para as mulheres, em especial, existia a crença de que o movimento fortaleceria o seu corpo para gestar. Contudo, não poderia ser qualquer movimento, deveria se dar preferência aos que não comprometessem o destino da mulher em ser mãe, assim como as suas características feminis (GOELLNER, 1999).

Sobre a prática do atletismo pelas mulheres, esse é um esporte em que elas puderam praticar desde os primórdios da presença do mesmo no Brasil (MELO, 2009). Contudo, a especificidade das provas destinadas aos sexos na comemoração de onze anos de fundação do *Olympic* em 1926, demonstra que a prática do atletismo pelas mulheres se diferenciava da que era exercida pelos homens. Se os homens competiram nas provas de velocidade, resistência, salto em altura e distância, e as torcedoras exclusivamente na corrida de obstáculos, isso diz da inserção das mulheres em modalidades que possivelmente dialogassem com os interesses sociais de que as mesmas não se envolvessem em competições que exigissem a elevação mais do que mediana de seu físico, para que assim não comprometessem o destino do seu corpo em abrigar a prole, como nos convida a pensar os estudos de Goellner (1999) e Melo (2007).

Não encontramos detalhes sobre a especificidade das provas atléticas supracitadas, quais eram suas regras, como foram realizadas etc. Por isso não afirmamos que essas práticas aludem as características das competições de atletismo do tempo presente, mesmo que alguns nomes se mantenham. Sendo assim, pensamos que a prova de obstáculos desempenhada pelas mulheres era uma prova de baixo desempenho físico, leve, visto que a historiografia nos apresenta que o atletismo foi uma prática corporal que ao mesmo tempo em que pareceu ser autorizada às mulheres, tentou manter os comportamentos de graciosidade, elegância e alegria requeridos ao sexo feminino. Em contraponto, aos homens poderia ser possibilitado o demasiado exercício, já que a virilidade de seu sexo se perfazia sinônimo de força (SCHPUN, 1997; GOELLNER, 1999).

Ainda sobre a comemoração do aniversário do *Olympic* de 1926 percebemos que foi noticiada a presença de representantes de todas as classes, o que pode sugerir que pobres podem ter comparecido a esse momento. Indagamos se tais ações do *Olympic*, tanto a de permitir a participação das mulheres no futebol de diferentes formas, e ainda em outros esportes como o atletismo, quanto a de fazer de seu

campo um espaço de acesso de todas as classes sociais, que fizeram do *Olympic* um dos times de futebol mais importantes, se não o mais importante de Barbacena, como nos sugere Massena (1985b) e Savassi (1991)? Não podemos afirmar isso, sucintamente porque o *Olympic* não foi o nosso objeto de estudo, mas não podemos deixar de suscitar tal reflexão para investigações futuras.

3.3 Patinação

Outra prática corporal que as jovens barbacenenses participaram na temporalidade estudada foi a patinação. Identificamos algumas pistas da existência dessa prática no Jardim Municipal, também nomeado como Praça da Intendencia, em 1914 e 1918, no *Morro de Santa Thereza* em 1915 e como uma das modalidades inclusas em um projeto de construção de um centro de diversões no ano de 1928.

No caso específico do Jardim Municipal, existiu um *rink* de patinação inaugurado em 1914 que pareceu contar com a participação mais ativa da mocidade local que comemorou com aplausos o funcionamento desse lugar, o qual também foi exaltado pelo *Cidade de Barbacena* por ser considerado “mais um ponto de entretenimento util” (CIDADE DE BARBACENA, 1914, n. 1071, p. 1). No Jardim Municipal a patinação aconteceu de forma livre e dissociada da competição esportiva.

Não encontramos notícias que se referissem ao uso desse *rink* no cotidiano de Barbacena, mas sim o contrário. Em 1918, Rogerio de Alcantara, um dos articulistas do *Cidade de Barbacena*, reclamou que o referido *rink* não estava mais funcionando e, rememorando tempos de outrora em que patinadores e patinadoras frequentavam esse ponto de diversão, sugeriu que pela proximidade do inverno seria oportuno que o lugar voltasse a funcionar:

Aproxima-se a entrada do inverno e, agora, mais do que nunca seria oportuno tratar-se do funcionamento do “rink” da Praça da Intendencia, pois que é, incontestavelmente, a patinação o divertimento, o mais adequado a estação do frio.

Constou na cidade que o Olympic Football Club seria o autor do reerguimento daquelle ponto de diversões, onde, se diz, reinou, outróra, grande entusiasmo, resultante de uma affluencia enorme de patinadores e patinadoras. Parece-nos ter sido falso o boato, pois, até hoje, esperamos esta brilhante iniciativa que terá, com certeza, os fóros de um grande acontecimento social para Barbacena, cujo “smartset” se dará, de então em diante “rendez-vous” no <<rink>>, e este será assim, o centro de alegria donde emanará um pouco de conforto, para as nossas longas e intermináveis e fastidiosas noites de inverno.

Assim seja (ALCANTARA, 1918, n. 1424, p. 1).

Como percebido, as pessoas que estavam interessadas na prática da patinação constituíam o “smartset” de Barbacena, ou seja, pertenciam ao meio culto, eram pessoas de atitudes modernas⁴⁵, provavelmente homens e mulheres jovens dos estratos mais altos da cidade que desejavam se envolver com esse divertimento.

No que se refere a construção do centro de diversões em 1928, o projeto se deu pela iniciativa privada de conterrâneos, entre os quais estava Paulo Emílio Gonçalves, um dos diretores do *Cidade de Barbacena*, juntamente com Sr. Sebastião Siqueira, Dr. Galdino Abranches Filho, Miguel Quilici e José Reis. Sua localização estava prevista para ser entre duas ruas centrais da cidade, Tiradentes e Dr. Olyntho de Magalhães, e contaria com “espaço suficiente para apresentação de entretenimentos varios – rink de patinação, tennis, bask-ball, etc., etc.” (UM CENTRO DE DIVERSÕES EM BARBACENA, 1928, n. 2413, p.1). Todavia, não encontramos mais pistas sobre a construção desse centro de diversões em Barbacena, e nem anúncios sobre a continuidade da prática da patinação e da existência das outras, como *tennis* e *bask-ball*.

A patinação foi um divertimento pouco refenciado no *Cidade de Barbacena*. Ao que se deve tal ausência se essa modalidade foi apresentada como entretenimento útil? Será que outros divertimentos superaram as expectativas que se buscavam com a prática de patins? Ou mesmo, essa não encontrou adeptos em Barbacena? São questões a se pensar, para as quais não encontramos respostas ainda.

Rodrigues (2006) tece indagações similares as nossas sobre a prática não competitiva do “esporte de patins” na capital de Minas Gerais, no início do século XX (RODRIGUES, 2006, p. 183). A primeira tentativa de se criar um lugar para a patinação em Belo Horizonte se deu no ano de 1906. Contudo, o primeiro *rink* da região foi inaugurado apenas em 1913 nas dependências da Praça da Liberdade (RODRIGUES, 2006).

⁴⁵ Souza Neto e Soutto Mayor (2017, p. 11) apresentam que o *smartismo* estava relacionado “aqueles que, na passagem do século XIX para o XX, se dedicavam a construção de uma aparência pessoal ligada a símbolos da modernidade, tanto no vestuário como nos gestos e nos comportamentos, eram chamados de smarts. O adjetivo não era exclusividade do sexo masculino, embora na maior parte das vezes fosse aplicado ao comportamento e aparência dos cavalheiros que davam atenção especial à moda. Smart também poderia se referir a um grupo de pessoas, a certas expressões (geralmente estrangeiras), assim como certos ambientes. Para ser smart não bastava ser elegante, era preciso ser moderno, parecer moderno, estar investido dos símbolos da modernidade, tanto nas atitudes tomadas em público, quanto nas opções feitas nas visitas ao alfaiate”.

Na capital mineira, assim como no Rio de Janeiro e São Paulo, a patinação foi citada como esporte elegante e como esporte da moda, e estava associada às práticas de caráter moderno (RODRIGUES, 2006; MELO, 2017; MELO; SANTOS, 2017).

Similarmente ao que encontramos em Barbacena sobre a patinação ser uma prática pouco anunciada pela imprensa, Rodrigues (2006), analisando a imprensa de Belo Horizonte, apresenta que esse esporte foi praticado por pouco tempo na capital mineira. Segundo a mesma, após a inauguração do *rink* da Praça da Liberdade em 1913, as notícias foram díspares no que tange às informações de que esse lugar estava sendo intensamente frequentado pela juventude, como também de que estava abandonado (RODRIGUES, 2006). Soma-se a isso que na capital mineira, assim como em Barbacena, a patinação pareceu ter sido praticada mais fortemente pela elite, mesmo que a construção do *rink* tenha se dado no espaço público em ambas as cidades.

Afinidades essas que nos levam a perceber que diferentemente de lugares como Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX (MELO, 2017) e São Paulo em período afim com o Rio de Janeiro até o início do século XX (MELO; SANTOS, 2017), onde as cidadinas e os cidadãos adquiriram gosto mais consolidado pela patinação, que em Minas Gerais no início do século XX, tendo como exemplo Belo Horizonte e Barbacena, esse divertimento pareceu não ter sido vivenciado com tanta intensidade pela juventude.

Vale dizer que em todas essas regiões, a patinação por ambos os sexos foi bem aceita, sendo que em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, a imprensa anunciou horários em específico para que as mulheres aprendessem a prática, como um dos fatores de fomento para a presença das cidadinas nesse entretenimento e no espaço público (RODRIGUES, 2006; MELO, 2017; MELO; SANTOS, 2017), o que não identificamos em Barbacena.

Ao que se deve a ausência de marcação de horário para a patinação exclusiva por mulheres na ‘Cidade das Rosas’? Será que as barbacenenses já eram adeptas da modalidade na região, pois o *rink* presente no *Morro de Santa Thereza*, inaugurado em recorte temporal anterior ao da nossa pesquisa teria favorecido isso? Ou mesmo, não se marcou horários para as cidadinas estarem na patinação porque era uma questão que não perpassava o cotidiano da cidade, estando a relação das cidadinas com o espaço público mais concretizada, do que, por exemplo, em Belo Horizonte? São questões que suscitamos.

3.4 Cavalhadas

Segundo o *Cidade de Barbacena* as cavalhadas são “*Sport* que, em outras epochas, era comum nas varias cidades do Interior de Minas e de outros Estados e que hoje é quase desconhecido, sendo sómente lembrado como uma tradição” (AS CAVALHADAS, 1915, n.1127, p. 1).

Para Goellner (2008), as cavalhadas, assim como os jogos, são tradições pré-esportivas que estão presentes no Brasil desde o século XVIII. Também são consideradas festas que aludem aos antigos “jogos de cavaleiros” que inicialmente faziam parte da vida da aristocracia européia para a instrução de seus homens, a fim de torná-los civilizados (DEL PRIORE, 2009). Chegaram ao Brasil principalmente pela influência de padres jesuítas, que além de pregar a fé católica aos nativos, buscavam propagar os ideais de civilidade vigentes na Europa, quais incluíam “os jogos dos meninos do reino’, ou seja, de Portugal” (DEL PRIORE, 2009, p.15).

A aristocracia presente no Brasil começou a disseminar essa tradição com o objetivo de reavivar ideais de civilidade e militarismo em momentos como festas religiosas, políticas e casamentos, incluindo nessas programações os “desfiles de cavalos, corridas de cavaleiros, jogos de canas e argolinhas”, e a teatralização do cavaleiro sobre o seu cavalo como um verdadeiro balé: “voltas e reviravoltas, piruetas e geometrização dos trajetos faziam do cavalgar não mais um estado, mas um saber singular, um signo de competência e capacidade”, voltado para a demonstração da técnica do conduzente e entretenimento da assistência, lugar comum às mulheres nas cavalhadas (DEL PRIORE, 2009, p. 16-17).

Analisaremos a participação das barbacenenses nas cavalhadas como uma prática corporal esportiva, já que identificamos referência ao termo *sport* nas fontes, ainda que também tenhamos encontrado o termo festas na historiografia.

As cavalhadas de Barbacena do ano de 1915 aconteceram entre os dias 27 e 30 de maio⁴⁶. Foram promovidas por “estimados cavaleiros” da cidade “no aprazível *Morro de Santa Thereza*” (AS CAVALHADAS, 1915, n.1127, p.1). A programação contou com uma exposição pastoril, competições de práticas corporais e com a presença de cavaleiros montados “em fogosos animaes, lembrando os episodios das antigas cruzadas” (AS CAVALHADAS, 1915, 1127, p. 1). Tiveram destaque os “afamados

⁴⁶ As filmagens dessa edição das cavalhadas deram origem ao documentário *As Cavalhadas* de autoria de Paulo Benedetti e Daniel Russo (GALDINO, 1983).

cavaleiros de Remédios”, na época um distrito de Barbacena, os quais reproduziram admiradas cenas de batalhas entre Mouros e Cristãos que foram constantemente aplaudidas (SAVASSI, 1991, p. 230).

As cavalhadas de 1915 sediaram outras cerimônias como “o rapto da Princeza, que é a graciosíssima menina Antonieta Cleó, sobrinha do Coronel Cabral Peixoto” (AS CAVALHADAS, 1915, n. 1127, p. 1). O fato de ter uma barbacenense, uma menina, como “Princeza” a ser raptada por uma das tropas presentes formadas por homens, pode dizer do caráter “décor” da participação das mulheres nesse divertimento, como nos sugere Souza Neto (2010) sobre a presença das belo-horizontinas na assistência do futebol, em relação à forma de participação dos homens, que desempenhavam práticas físicas como a equitação. Soma-se a isso, a participação das mulheres na assistência como algo inerente desse divertimento, como nos sugere a historiografia (DEL PRIORE, 2009).

Nas cavalhadas de 1915 também aconteceram competições de “corridas a cavallo, bicicleta e patins” (CIDADE DE BARBACENA, 1915, n. 1126, p. 2) organizadas pela sociedade comercial *Piergentili & Piacesi*. A presença dessas competições inseridas na programação das cavalhadas faz perceber que mesmo que o jornal não tenha anunciado os integrantes dessas provas, que não é impossível que as mulheres da região tenham competido na modalidade patins, por exemplo. Isso porque encontramos vestígios de que desde 1914 as barbacenenses eram praticantes da patinação. Ainda, tendo o exemplo das cavalhadas de 1915, interpretamos que a patinação foi praticada de forma competitiva no *Morro de Santa Thereza*, diferentemente da sediada no Jardim Municipal.

Sobre as competições de *bicicleta* durante as cavalhadas, esse foi o único vestígio que encontramos da realização da prática em Barbacena.

Em 1926 o *Cidade de Barbacena* divulgou a edição das cavalhadas acontecida no distrito de Remédios, assim como afirmou que o divertimento fazia parte das programações anuais dessa região (CAVALHADAS, 1926, n. 2214, p. 2). Não encontramos informações a respeito da frequência das cavalhadas em Remédios, nem mesmo da programação e se as mulheres continuaram a participar como na edição de 1915.

Não podemos afirmar se essa tradição se perdeu em Barbacena, perante o interesse das cidadinas e dos cidadãos pelas práticas de divertimentos de caráter moderno que ali eram vivenciadas, ou se a tradição permaneceu em regiões que o

Cidade de Barbacena não teve fortemente a sua escrita, como no distrito de Remédios. Desse modo, não podemos inferir até quando esse *sport/festa* permaneceu na cidade e contou com a participação das mulheres.

3.5 Escotismo

Escotismo é definido como um “movimento pedagógico que visa o aperfeiçoamento moral e físico de meninos” por meio de jogos e práticas corporais (LICHT, 2013, p. 1). Identificamos a presença do escotismo em Barbacena em momentos cívicos da cidade, como na comemoração de 7 de setembro de 1916, em que “o jovem Raymundo de Carvalho Junior, que pertence á phalange dos escoteiros, recitou a poesia A Bandeira, merecendo aplausos do auditorio, que era selecto e enchia os salões do ‘Cinema Barbacenense’”(7 de SETEMBRO, 1916, n. 1256, p.1).

Em janeiro de 1927 a partir dos incentivos do presidente do Estado Antonio Carlos de Andrada⁴⁷ para o reavivamento do escotismo em Minas Gerais, fundou-se o grupo de escoteiros do *Gymnasio Mineiro* de Barbacena. Ao passo que em julho do mesmo ano, a *Associação Barbacenense de Escoteiros* que já existia na cidade foi reorganizada pela iniciativa do presidente da Câmara de Barbacena, Amando Brasil de Araújo (NASCIMENTO, 2004).

Sobre a participação das barbacenenses no escotismo, não identificamos se na região existiu um clube de escotismo exclusivo para meninas como os que existiram em Belo Horizonte em meados de julho de 1927 (NASCIMENTO, 2004), fazendo-nos pensar que as pessoas do sexo feminino não desempenharam as práticas corporais abrangidas pelo escotismo em Barbacena. Contudo, apontamos que as cidadinas participaram do escotismo de outras formas, como, por exemplo, sendo integrantes de apresentações artísticas, recitando e cantando em alguns festivais organizados pelos escoteiros (FESTIVAL DOS ESCOTEIROS, 1931, n. 2711, p. 2), e também disputaram o posto de Rainha dos Escoteiros no ano de 1928.

Em 20 de maio de 1928 foi feita a contagem de votos da Rainha dos Escoteiros de Barbacena, sendo eleita a senhorinha Maria da Gloria Abranches, pertencente a uma família que tinha como patrono Dr. Galdino de Abranches, médico

⁴⁷ O barbacenense Antonio Carlos de Andrada é considerado um grande incentivador do escotismo em Minas Gerais, pois foi no seu mandato entre 1926 e 1930, que por meio da reforma de ensino proposta pelo secretário do interior Francisco Campos que se incentivou a prática do escotismo no ensino primário mineiro (NASCIMENTO, 2004).

por formação, que se dedicou a política, as questões militares e ao ensino da Biologia em Barbacena⁴⁸:

Realizou-se, domingo ultimo, a apuração final para a eleição da Rainha dos Escoteiros de Barbacena.

Estavam presentes todos os convidados para a comissão: Sr. Moacyr Pereira dos Santos, instructor dos escoteiros; os escoteiros Adolpho Braga e Rubens de Castro, Srs. José Verçosa, Francisco Rocha, pelo *Jornal de Barbacena* e professor Raul Floriano, pelo *Cidade de Barbacena*.

Foi feita a contagem dos votos pelos presentes e chegou-se ao seguinte resultado:

1º lugar – senhorinha Maria da Gloria Abranches, com 293 votos, segundos lugares, senhorinhas Constança Santos e Juracy Moreira, com 267 votos cada uma.

Tiveram mais de 100 votos as senhorinhas Olga Teixeira e Clelia Queiroz.

Classificou-se, pois, em primeiro lugar a senhorinha Maria da Gloria Abranches, eleita a Rainha dos Escoteiros Barbacenenenses.

Lavrou-se acta da reunião, que foi assignada por todos da comissão apuradora (RAINHA DOS ESCOTEIROS, 1928, n. 2397, p. 1).

A presença de uma barbacenense como Rainha dos Escoteiros sugere trânsito das mulheres nessa associação, mesmo que não tenhamos detalhes das atividades que uma Rainha desempenhava (participação “dégor”? Participação com patrocínio?). Isso implica dizer que práticas corporais como o escotismo, apresentadas como heterogêneas, ou seja, destinadas somente ao sexo masculino, contaram com a participação de pessoas do sexo feminino em seu âmbito, mesmo que não desempenhando práticas físicas (explicitamente). Outra questão a se pensar é se o fato de Maria da Gloria Abranches ser da família de uma pessoa envolvida nos assuntos políticos e militares de Barbacena não interferiu na sua eleição como Rainha, mesmo que as classificações de primeiro e segundo lugar tenham se dado de modo concorrido.

Ainda sobre a coroação da Rainha de 1928, detectamos que as senhorinhas que ficaram em segundo lugar nesse concurso se tornaram *granduquezas*, termo que faz alusão a um título de nobreza que é inferior ao posto de princesa⁴⁹, mas que por sua vez, no contexto do escotismo pode se referir a um lugar de importância dessas mulheres, assim como o de Rainha.

As comemorações do final desse concurso incluíram, entre outras programações, uma missa de ação de graças, apresentação de práticas corporais pelos escoteiros e “entrega de corbeilles á rainha e ás granduquezas” no Jardim Municipal (FESTA DOS ESCOTEIROS, 1928, n. 2414, p. 1):

⁴⁸ Para mais detalhes da família Abranches, sugerimos conferir Massena (1985a).

⁴⁹ Mais detalhes sobre o termo, sugerimos consultar: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/duquesa/>. Acesso em: 24 mar. 2018.

Festejando a coroação da rainha dos escoteiros – a graciosa senhorinha Maria da Gloria Abranches, houve quinta-feira ultima missa em acção de graças, na igreja Matriz, tendo-se realizado ás 18 horas no Jardim Municipal o juramento dos escoteiros novos e entrega do distintivo de 2ª classe aos antigos. Houve depois evoluções e pyramide e entrega de corbeilles á rainha e ás granduquezas, senhorinhas Juracy Moreira e Constança Santos.

O Dr. Brasil de Araujo, Presidente da Associação dos Escoteiros Barbacenenses, fez uma saudação aos soldados de Badem Powel, recordando-lhes varios artigos do Codigo que elles devem ter sempre em vista (FESTA DOS ESCOTEIROS, 1928, n. 2414, p. 1).

Por fim, vale dizer que a participação das mulheres como Rainha em lugares em que a presença de homens eram prevalente não se deu apenas no âmbito das práticas corporais, como no exemplo do escotismo, pois identificamos pistas da participação das cidadinas como Rainha entre os comerciantes locais e seus auxiliares: “Comerciantes de nossa praça e seus auxiliares cogitam de eleger a sua rainha, projectando, segundo nos informaram, levar a efeito imponentes festejos por ocasião de ser ella corõada” (RAINHA DO COMMERCIO, 1928, n. 2415, p. 1).

3.6 Danças

Num baile:

Elle – Porque v. ex. não quis dansar comigo?

Ella (grosseira) – Desculpe, mas sou muito difficil na escolha do meu par...

Elle (mesmo tom) – Pois eu não! contento-me com.... qualquer cousa (CIDADE DE BARBACENA, 1915, n. 1094, p.1).

Neste tópico analisaremos a participação das barbacenenses nas danças, mais especificamente nas programações por elas organizadas. Para tanto apresentaremos alguns dos sentidos acerca das danças no período estudado, e logo, programações promovidas pelas mulheres de Barbacena.

Segundo o *Cidade de Barbacena*, “a dança era nos tempos antigos, uma cerimonia religiosa” (CIDADE DE BARBACENA, 1915, n. 1156, p. 1). Nos anos estudados não foi divulgada a existência de sentido religioso para as danças, mas sim, que as danças, em especial as danças modernas, eram parte constituinte das comemorações de aniversários, festas, programações artísticas e bailes carnavalescos. Também foram práticas centrais nas intituladas *soirée dansante*, *vesperata dansante*, *sorvete dansante*, *chá dansante*, *saráu dansante* e outros congêneres, sediados nos clubes, espaços privados, como *Grande Hotel* e *Pensão Barbacena*, e nas residências.

Charleston, black-botton, maxixe, rag-time, “fox-trot, tango, one-step e shymmy, sem que esta enumeração seja completa” (AS DANÇAS MODERNAS, 1928,n. 2408, p. 2), foram algumas das danças presentes no cotidiano divertido de Barbacena (SOCIAES, 1918, n. 1394, p. 1), sendo que algumas eram tipicamente brasileiras, como o maxixe, outras de origem norte-americana, como o *one-step* e outras espanholas, como o tango (MARTINS, 2012).

Nos momentos de dança as barbacenenses foram destacadas sobretudo como organizadoras. Todavia, nas entrelinhas dos dados analisados percebemos que assim como as danças, consideradas modernas, outra mulher se destacava no dançar do período estudado.

Segundo Martins (2012, p. 28), desde o final do século XIX, “dançar se tornou uma atividade mais simples e descontraída, menos exibicionista e mais prazerosa”, em que as intenções do ver e ser visto eram transpassados por uma maior vontade de dançar. A respeito da participação da mulher, se outrora a ela era exigida graça, leveza e passividade nos salões de dança, desde os anos finais do século XIX a mulher participava de forma mais ativa nos encontros dançantes (MARTINS, 2012).

Na nota seguinte percebemos mudanças de valores em torno de uma certa etiqueta presente no ato das danças, inauguradas pelas danças modernas, assim como o fato de a relação das mulheres com a sociedade e com os divertimentos se resignificarem. D. QUIXOTE, articulista do *Cidade de Barbacena*, sugerindo a existência de um estilo de dança futurista, inspirado nas técnicas do futebol, o “<<foot-ball-step>>”, ressalta que pelos progressos femininos seria a mulher que chutaria o homem para fazer gol, e não o contrário (D. QUIXOTE, 1930, n. 2561, p. 3). Segue:

A dança de hontem e hoje

O minueto e as demais danças do século XVIII eram feitos de ademanes e medidas muito condizentes ás saias, de imensa roda e aos <<jabots>> de renda; deixavam apenas ensejo a breves e leves phrases galantes.

A valsa e suas coévas permitiam a palestra demorada, as longas declarações de amor, em que os projectos de futuro se misturavam ás realizações do presente, em apertos dissimulados de mãos ou compressão discreta da cintura delgada.

Terminada a dança era do bom tom o passeio pelo salão, duas ou tres voltas, durante as quaes o cavalheiro espirituoso dizia coisas amaveis e finas e o imbecil, encontradiço em todos os tempos, falava do calor, ou dizia á dama:

Vossa Excellencia é a rainha do baile!

Após as voltas de estylo pelo salão, a dama era conduzida ao seu logar e o cavalheiro curvava-se e agradecia ao par a honra que recebera.

Nada disso na era do fox e do black-botton – E’ tudo á vontade do corpo, sem cerimonia, <<á bessa>>.

O rapaz, de um canto do salão, faz com o indicador um gesto, que é assim como quem diz: vamos vêr isso?!...

Si ella está disposta, si o par lhe agrada, ella responde:

-Stou lá!

Ou então, si o Zinho não está na conta:

-Dá o fora. Você está <<Off-side>>.

Terminada a choréa, o camaradinho no meio da sala, sem uma palavra de agradecimento. Quando muito comentam:

-Foi um fox bem gosado, heim?

-Da fuzarca!

Cada roca com seu fuso, cada época com a sua dança.

Não tardará que tenhamos o <<foot-ball-step>>, dança futurista; os movimentos estylizados do foot-baal; e finda a contradança, o cavalheiro shootará a dama ao lado oposto do salão, onde ella cahirá sentada, em <<goal>>.

Perdão! Com os progressos femininos, nessas éras porvindouras, a dama é que shootará o cavalheiro.

E é bem feito (D. QUIXOTE, 1930, n. 2561, p. 3).

Ainda nessa passagem lemos a moral que se estabelecia em relação as danças modernas, como o *fox-trot* e o *black-botton*. Não a moral que a sociedade queria instaurar, mas sim a moral que os novos ritmos faziam vigentes por si próprios: “E’ tudo á vontade do corpo, sem cerimonia” (D. QUIXOTE, 1930, n. 2561, p. 3).

A maioria das danças modernas pareceram ser condenados pelos movimentos de suas técnicas, que por apresentarem maior desenvoltura física em relação as danças anteriormente vigentes, permitiam mais contato físico, por isso eram consideradas despudoradas. Nas palavras de Augusto de Lima, escritor e Deputado Federal:

E a dança? Deus nos acuda! Abandonadas as fórmãs antigas das contradanças, principalmente a quadrilha francesa e o lanceiro, tão usuas nos salões brasileiros, esquecida a valsa lenta a vassoviana, o chotisch, a polka e outros passos coreographicos que faziam encanto nos nossos paes e avós, introduziu-se por transplantação de baixo para cima, o tango e o maxixe. E como esses não bastassem para a expansão doentia do saracoteio, veiu o fox-trot, o shimmy, o charleston. Como se dança? Não se póde decrevel-o, sem offender o pudor [...] (A NOSSA DECADENCIA MORAL, 1926, n. 2232, p. 1-2).

Ainda na opinião de Augusto de Lima, os pais e as mães se tornavam cúmplices das obscenidades feitas por seus filhos nas danças, e para as mulheres a participação nessa prática corporal era algo alarmante, pois:

[...] Para completar o quadro e aggravar o perigo, principalmente do contacto das danças, a moda ultrapassou o limite extremo que a decencia impõe á mulher. As vestes decotadas, curtas e transparentes são bem uniforme para as danças colladas.

Que pretendem essas creaturas? Não comprehendem ellas que, no meio desse descalabro de moral são as mais prejudicadas, perdendo os unicos predicados, que ás recommendam á consideração e ao respeito social? Que vale a belleza, essa corôa mysteriosa, que Deus santifica na mulher, e que faz della a noiva dos puros affectos e a rainha da familia?

Já houve quem dissesse que, si a honestidade não fosse virtude, seria excellente calculo [...] (A NOSSA DECADENCIA MORAL, 1926, n. 2232, p. 1-2).

Augusto de Lima conclui seu texto dizendo que o envolvimento das jovens com tais danças se refletia na vida social, pois até mesmo as senhoras que não estavam envolvidas com as danças deixavam de ter respeito na vida cidadina. Por fim, questiona: “Quem hoje se levanta no bonde, para deixar passar uma senhora? Quem lhe cede o logar no banco? O passeio na rua? Onde aquelle respeito outrora tributado ás de todas as idades?” (A NOSSA DECADENCIA MORAL, 1926, n. 2232, p. 1-2).

Fato similar as questões supracitadas por Augusto de Lima percebemos na citação que dá início a este tópico, em que em um baile “Elle” se refere a “Ella” como “qualquer cousa” (CIDADE DE BARBACENA, 1915, n. 1094, p. 1), ou seja, o tratamento dos homens com as mulheres estavam mudando.

Textos condenando as danças modernas como práticas inadequadas afirmavam prevalentemente que essas não tinham pudor físico, e por isso, eram imorais. A participação das mulheres nessas danças ainda ganhava maior destaque, pois era sobretudo para elas que se rompia a moral, já que era desejável que as mesmas tivessem conduta recatada e decente para só assim se tornarem as rainhas de suas famílias (A NOSSA DECADENCIA MORAL, 1926, n. 2232, p. 1-2).

Bispos da Áustria condenaram a promoção das danças modernas, somada a presença das mulheres nessas práticas a partir da publicação de um decreto. A divulgação desse decreto em Barbacena demonstra que o município quis divulgar as sugestões desses representantes da Igreja Católica:

Um decreto colectivo dos Bispos da Austria, assim se refere ás novas danças:

<<com os Papas Bento XV e Pio XI, condemnamos tambem nós bispos da Austria, de modo mais energico, as danças modernas internacionaes.

Entre essas danças veem em primeiro logar o fox-trot, tango, one-step e shymmy, sem que esta enumeração seja completa.

Declaramos estas danças incompativeis com a moral christã, gravemente peccaminosas e escandalosas.

As mães christãs nunca poderão, em consciencia, permitir ás suas filhas tomarem parte nestas danças e os confessores estariam obrigados a negarem ás recalcitrantes a absolvição>>.

Este decreto que já foi publicado em 1923, foi novamente confirmado e publicado na reunião dos bispos no fim do ano passado (AS DANÇAS MODERNAS, 1928, n. 2408, p. 2).

Outro texto, intitulado *A dança facilita os casamentos?*, apresenta considerações que parecem contrapor a imoralidade prevista nas danças modernas, como no tango. Segundo esse texto, “parece averiguado que o volteio rapido de uma valsa ou o passo de um tango é o bastante para fazer com que duas almas se compreendam num instante” (ACOLA’, 1925, n. 2118, p. 1).

A valsa é uma dança romântica conhecida no Brasil desde o final do século XVIII. Sua técnica desperta em quem a assiste ou em quem a pratica, os sentimentos de êxtase e entrega amorosa, e quanto a isso o discurso é unilateral (MARTINS, 2012). Ao passo que, o tango é uma das danças modernas de origem espanhola, que diferentemente da “vertigem romântica e difusa pelo giro e pelo sair de si” proposto pela valsa, “atinge um alto grau de tensão pela intensidade de movimentação”, a qual produz a impressão de movimentos que representam enlace sexual entre os que dançam (MARTINS, 2012, p. 145). O tango argentino é o principal expoente do tango espanhol, por isso, foi citado em Barbacena simplesmente como tango argentino (UMA FESTA DE ARTE, 1917, n. 1319, p. 1):

A postura ereta e altiva da nobreza espanhola, a agilidade rítmica dos pés dos sapateadores e o conflito dramático do homem barroco adicionados ao calor dos trópicos e à *síncopa* dos africanos, resultaram em uma dança rítmica e precisa em que o casal enlaça e desenlaça as pernas em passos que se cruzam, provocando uma espécie de conflito, um jogo de estímulos e respostas por meio de uma luta sutil entre o par dançante (MARTINS, 2012, p. 145).

Desse modo, ao que se deve a publicação de um texto em que é defendido ao mesmo tempo que a prática da valsa e do tango favorecem o casamento? E mais do que isso, esse texto foi publicado no mesmo jornal, *Cidade de Barbacena*, o qual também divulgou críticas sobre as danças modernas. Assim, quais seriam as intenções desse jornal, ou da sociedade local, em permitir a presença das mulheres em danças como o tango. São questões que ainda não temos respostas, contudo, a opinião de que tanto a prática da valsa quanto a do tango facilitam o casamento foi compartilhada pelo “mundo feminino”, segundo o referido texto (ACOLA’, 1925, n. 2118, p. 1).

Ainda percebemos que as danças foram citadas nesse texto como um “passatempo delicioso” da agenda das práticas corporais desempenhadas por todas as idades (ACOLA’, 1925, n. 2118, p. 1):

Em inquerito aberto nas rodas elegantes de Montmartre, trata-se de pesquisar si a dança facilita ou dificulta o casamento, tendo o mundo feminino dado já sua opinião, que é na maioria pela primeira asserção.

Parece averiguado que o volteio rapido de uma valsa ou o passo de um tango é o bastante para fazer com que duas almas se compreendam num instante, passando a se amar consequentemente indo directo á igreja...

<<A dança é a mais divina das artes – accrescentou a sacerdotiza de Terpsychore – e aquella que conduz mais depressa á felicidade do casamento>>. Um professor tambem conhecidissimo nas rodas elegantes de Montmartre, confirmou plenamente a opinião da dansarina, assegurando que <<os que dizem que a dança é immoral não passam de criaturas estupidas>>, <<Ainda hontem servi de padrinho num casamento de dois dos meus melhores discipulos>>. Tambem uma matrona, já entrada grandemente no mysterio do tempo, interviu para rectificar as opiniões ouvidas, dizendo que a dança é um passatempo delicioso, mesmo para os que já não têm, apenas, 18 annos de idade...

São mais ou menos assim as opiniões externadas. Resta agora que se pronunciem os que enxergam inconvenientes, mórmente nas danças de hoje, nas quaes reina – não resta a menor duvida – certa desenvoltura...

Si provado ficar que a dança é a porta aberta para o casamento, podemos desde já garantir, sem receio de contradita – commenta um matutino carioca – que as aulas de dança no Rio terão que ser largas, rasgadamente ampliadas, para conterem a multidão dos pretendentes ao par e... ao noivo (ACOLA', 1925, n. 2118, p. 1).

Diferentemente do que foi citado ao final do texto acima, que aulas de dança aconteciam no Rio de Janeiro, em Barbacena não identificamos a ocorrência de aulas para o ensino dessa prática, e mesmo com opiniões díspares apresentadas pela imprensa acerca da moral acerca das danças modernas, essas não deixaram de compor a agenda das programações de Barbacena. Lugares como *Grande Hotel*, *Pensão Barbacena* e *Club Barbacenense* divulgaram o acontecimento de momentos dançantes. E mais do que isso, se as danças modernas eram práticas imorais à conduta das mulheres, as barbacenenses organizaram diversos encontros dançantes, e demarcamos de antemão que nem por isso foram anunciadas como não aptas para o matrimônio.

As cidadinas organizaram *chás dansantes*, noticiados também como *vesperal dansante*. Ocasões dedicadas às danças em que chás e finos biscoitos eram servidos as pessoas presentes, quais faziam parte do “que Barbacena possui de mais culto e selecto em sua sociedade” (EM BENEFICIO DA ASSISTENCIA Á INFANCIA, 1923, n. 1863, p. 1).

Nos *chás dansantes* aconteciam também apresentações literárias e musicais, o que nos faz perceber que esses momentos tinham formatações próximas aos de um sarau, um tipo de festa em que prevalece o espetáculo, ou seja, demonstrações artísticas improvisadas ou não, que podem ser literárias, musicais, de danças, etc., em uma

mesma programação (MARTINS, 2012). No caso específico de um *chá dansante*, ao que parece, sua diferença estava na oferta de chá durante a programação.

“A talentosa professora Nathalia Santos” juntamente com “diversas senhorinhas conterraneas” foram as responsáveis por promover na cidade no dia 15 de abril de 1922, o primeiro *chá dansante*, no salão do *Grande Hotel*, “devendo o seu resultado pecuniario ser destinado á manutenção da Assistencia á Infancia” (FESTA DE CARIDADE, 1922, n. 1783, p. 1).

O dia 15 de abril de 1922 foi um sábado, um sábado de aleluia. A realização de um *chá dansante* nessa data apresenta que as questões religiosas que queriam se aplicar a prática da dança, mesmo que em data posterior ao do *chá dansante* sediado no *Grande Hotel*, como o decreto publicado em 1923 e novamente em 1928, que a presença da Igreja Católica nos costumes barbacenenses, como nos sugeriu Schpun (2004), poderiam não se evidenciar tanto na região. Isso porque o sábado de aleluia no calendário Católico é uma data em que se aconselha o silêncio, abstinências, etc., como preparações para a comemoração da ressurreição carnal de um dos patronos desse segmento religioso, se não o principal: Jesus Cristo.

A mocidade barbacenense foi o principal público do primeiro *chá dansante* da cidade. As promotoras dessa ocasião foram associadas a sentimentos que uma das representações de mulher vigente pregava, por exemplo, o cuidado, o altruísmo, o estar sempre pensando no bem do próximo, o que pode contrapor a ideia de falta de moralidade conferida a presença das mulheres nas danças, ou que a presença das cidadinas nas danças encontravam alíbe quando associadas a caridade:

O primeiro chá dansante em Barbacena

Sabbado d' Alleluia teve a sua nota *chic*, assignalando-se, distinctamente, por deleitosa festa de caridade no Grande Hotel.

Nós foros do nosso mundanismo elegante foi a *première*, no gênero; ultrapassou, pelo seu exito brilhante, todas as expectativas, confirmando assim, uma vez ainda, a selecção artística desta sociedade culta e aprimorada. Nada foi esquecido que pudesse depôr contra a organização, a ordem e o bom gosto da festa; ao contrario do que geralmente se dá, o menos vislumbre de tédio ou impaciência não foi percebido a intercalar a jovialidade de harmoniosa de quantos lá estavam.

Na garridez polychroma de flores redolentes, na effusão cordial de risos e louçanias, elle foi <<Festa da Mocidade>> – da mocidade esplendorosa e compassiva, que palpita esperançosa e incontida, incentivando a arte em prol do Bem.

Iniciou-a um magnifico tercetto, piano, violino e violoncello, enchendo assim o ambiente uma cascata crystalina de harmonias diversas e suavissimas, caricantes e macias. Era o canto triumphal e enternecido daquellas tres bellas almas de artistas, que se avolvam frementes na delicia puríssima dos sons. E

como sempre, o piano sentimentalizado por Julia Massena derramou poesia, semeou venturas, povoou de sonhos a ebríez dulçurosa dos corações.

Depois eis que sinto o meu pobre ser electrizado: num desvairo fugaz e doce, um arrepio lento e delicioso me arrebatava... Minh'alma comovida s'esvahe em suspiros, o peito se me dilata e, embalada por melodias que ciciam, fluctua desmaterializada no mysterio das divagações...

E' a meiguice dolente di violino de Omar Vianna, a crystalisar caricias na resonancia tépida do ar. O joven e talentoso musicista Op'yr Vianna soube, com aquella maestria que lhe é particular, arrancar do seu violoncello harmonioso, um mundo d'alegrias, num delírio sugestivo e movioso, um chuveiro febril de vibrações.

Entromeando os números de dança, recitaram, no esplendor de sua graça feiticeira e insinuante, as encantadoras Lecticia Savassi e Annita Coutinho, também trouxe-nos enlevados enveludo de melíflua sensação a voz macia e quente de Astréa Brandão rosa garrida e viçosa entre as tímidas linhas de suas mãos.

Ladeando o salão nobre que a fina flora social enriquecia, senhorinhas graciosas sorriam flores, convidando no Chá que a solitudine captivante das duas fadas de graça e bondade. Nathalina Santos e D. Cecy Pinto serviam, desfazendo-se em gentilezas e fidalgas atenções.

Noutra sala o serviço de *buffet* corria animado [...]

Foi uma Idea feliz, portanto esta inspiradíssima do <<Chá-dansante>>, que ficamos devendo ao espírito requintado, á iniciativa intimerata de Nathalina Santos, a [_] Secretaria da Assistencia a Infancia, a jovem adorável e boa, sempre prompta, com sua energia de moça, no altruísmo beneficente. Foi assim que proporcionando-nos o ineditismo dum prazer encantador, acudiu às necessidades urgentes da militante instituição pia.

Um optimo e aqui para nós quasi novo expediente este de recatar dinheiro promovendo <<Chá-dansantes>>; submettidos assim ao molde variado e artístico, satisfazem a todos os gostos, attrahem mais facilmente, sem a exploração de emprezarios gananciosos.

Podendo se contar com a fidalga generosidade do distincto Sr. Francisco Pinto, sempre cavalheiro na gerencia do nosso Grande Hotel, aqui fica a nossa gratidão e o estímulo para a repetição (SENY, 1922, n. 1786, p. 2).

Nathalia Santos promoveu outros *chás dansantes* em Barbacena destinandos a renda da *Assistencia á Infancia* local. Acerca da participação de Nathalia Santos na organização de entretenimentos, novamente identificamos professoras da cidade envolvidas com a promoção de divertimentos que tiveram como intenção a caridade. Isso implica dizer que o “ethos docente” das professoras barbacenenses pareceram realmente estar associado a promoção de divertimentos de caráter beneficente e caritativo.

Na *Pensão Barbacena* também foram organizados momentos dedicados as danças, como *saráu dansante*. Em benefício a *Assistencia á Infancia* de Barbacena um *saráu dansante* foi marcado para o dia 12 de outubro de 1925. Não identificamos a participação de Nathalia Santos, contudo o destino do dinheiro arrecadado era o mesmo que a referida professora e secretária da *Assistencia á Infancia* propunha aos eventos dançantes:

Em beneficio da Assistencia à Infancia, realizar-se-à, amanhã, às 8 horas da noite, no salão da Pensão Barbacena, um saráu dançante, promovido por gentis senhorinhas conterraneas.

Estamos certos de que dessa *sympathica* festa serão colhidos optimos resultados para a util associação, cujos fins todos conhecemos e applaudimos. A commissão promotora do saráu, por nosso intermedio, torna publico, reserva-lhe o direito de vedar a entrada a quem achar conveniente (SARÁU DANÇANTE, 1925, n. 2135, p. 1).

Já o *Club Barbacense* promoveu inúmeras ocasiões voltadas ao entretenimento de seus sócios e de suas dependentes que incluíram a prática das danças, como bailes de máscaras de carnaval, os *bailes masquéé; soirée-litero-musical-dansante; festas artísticas, festas comemorativas e chá dansante*. Muitos desses momentos contaram com a participação de mulheres na organização, assim como com o tango, *rag-time* e *fox-trot* (SOCIAES, 1918, n. 1394, p. 1).

No *saráu dançante* em 1926, intitulado de *Festa do Bem-me-quer*, momento dedicado ao Sr. Bias Fortes, uma comissão formada por mulheres organizou o evento no *Club Barbacense*. Foi requerido às mulheres que nessa festa comparecessem de *toilette branca*. A cor da roupa, somada ao título da festa, *Festa do Bem-me-quer*, apresentam que intenções para a formação de casais podem ter sido engendradas nesse momento, para além do destaque dado a presença de Bias Fortes. Em outras palavras, momentos que promoviam a prática das danças facilitavam os casamentos ao fazerem suas convidadas se trajarem feito noivas:

Festa do Bem-me-quer

A Camara Municipal e o Club Barbacense pretendem offerecer uma festa ao illustre Sr. Dr. Bias Fortes, Secretario da Assistencia e Segurança Publica, tendo para isso organizado uma commissão composta das gentis senhorinhas: Lulú Ferreira, Dilecta Guimarães, Aracy Esteves, Elza Braga e Yayá Moreira.

Trata-se de um saráu-dançante, devendo ser branca a *toilette* das moças.

Reina entusiasmo para essa festa, denominada do <<Bem-me-quer>>, e de cujo brilho não se póde duvidar, entregue que está ella a um grupo de moças de fino gosto artistico (FESTA DO BEM-ME-QUE, 1926, n. 2253, p. 1).

Ainda sobre o *saráu-dançante* de 1926, novamente percebemos que professoras estiveram envolvidas com a organização de divertimentos, como Dilecta Guimarães, mas dessa vez sem a intenção explícita de se promover o benefício a caridade local, como nos eventos que essa participou nos teatros (UMA FESTA DE ARTE, 1917, n. 1319, p. 1).

Já no *chá dansante* beneficente promovido pelo *Club Barbacense* reconhecemos a presença das mulheres novamente como organizadoras, e sua participação foi associada as características da mulher resumida ao espaço privado, como boa vontade, esforço e graça:

O chá dansante, realizado no dia 16 proximo passado, no Club Barbacense, constituiu uma nota de distinta elegância em nossa vida social. Sobretudo, pelo alvo que visava: a caridade.

As senhoras e senhorinhas que a organisaram, acima do prurido de festa, tinham em vista um fim grandioso: beneficiar a Santa Casa de Misericordia, portanto, beneficiar toda essa população doente que, desprovida de recursos, precisa do auxilio publico para curar as suas dores.

E conseguiram plenamente o seu desejo: a renda liquida do festival foi de 1:825\$000 e as despesas de 300\$000.

A boa vontade, o esforço, a graça e o espirito humanitario das promotoras foram suficientes para tornar o capital empregado seis vezes maior.

Vista por seu lado puramente recreativo, o chá dansante foi um dos poucos realizados em Barbacena, tal a sua animação.

A alegria era inquilina de todas as physionomias.

Foram promotoras desse clou elegante de Fevereiro as graciosas senhorinhas Annete, Aurea, Maria Graziela e as Exmas Sras. D. Nininha Magalhães Lourenço e D. Leononor Teixeira de Magalhães, que, por nosso intermédio, agradecem a valiosa cooperação da sociedade barbacense, tão prompta em reconhecer e auxiliar a causa dos necessitados (UMA FESTA ELEGANTE, 1930, n. 2566, p. 3).

3.7 Corridas de cavalos

As corridas de cavalos no Brasil tinham como modelo principalmente as corridas que eram organizadas por ingleses. Foram consideradas como uma das manifestações pioneiras no que diz respeito à constituição do campo esportivo brasileiro, que trazia á tona a intenção de emitir proximidade e identificação com o que se vivenciava em muitos países europeus (MELO, 2001).

Pimenta (2015) nos convida a pensar que as corridas de cavalos existiram em Barbacena em recorte temporal anterior ao da nossa pesquisa e foram sediadas no velódromo construído por Orlando Piergentilli no *Morro de Santa Thereza*.

Em 1915, as corridas de cavalos compuseram a programação das cavalhadas (CIDADE DE BARBACENA, 1915, n. 1126, p. 2), e mesmo que não identificados maiores detalhes da presença das cidadinas, acreditamos que elas foram assistentes, visto que essa forma de participação era comum as mulheres, tanto nas cavalhadas como nas corridas de cavalos (DEL PRIORE, 2009; RODRIGUES, 2006; MELO, 2007).

Já na segunda metade de 1930 foram organizadas em Barbacena corridas de cavalos aos domingos na Avenida do Contorno por “alguns moços locais” (AS

CORRIDAS DE AMANHÃ, 1930, n. 2614, p. 3). Novamente, mesmo que não reconheçamos pistas claras da participação das barbacenenses nesse divertimento, teceremos algumas reflexões sobre a possível participação das cidadinas nessas corridas como assistentes.

Não encontramos trechos que se referissem as corridas de cavalos em Barbacena no ano de 1930 com o nome de turfe, denominação recorrente desse divertimento (MELO, 2011), todavia, a informação de que essas aconteciam no modelo de apostas e que os conduzentes dos animais denominavam-se *jockeys*, nos faz reconhecer que se tratava da prática do turfe.

As corridas de cavalos do ano de 1930 se referiam a formatação desse divertimento em recorte temporal posterior aos primeiros investimentos dessa prática em Barbacena e em outras regiões do Sudeste, como Belo Horizonte nos anos iniciais do século XX (RODRIGUES, 2006; SOUZA NETO; SOUTTO MAYOR, 2017) e no Rio de Janeiro onde a prática se desenvolvia desde o século XIX (MELO, 2001).

Melo (2011) aponta que as corridas de cavalos aconteciam no Rio de Janeiro desde meados de 1810 tendo como organizadores negociantes ingleses, e a partir da metade da década de quarenta dos oitocentos, clubes destinados a promoção dessa prática na cidade entravam em atividade.

Em Belo Horizonte, as primeiras experiências com as corridas de cavalos datam de 1902, mas foi entre 1904 e 1906 que uma sociedade esportiva voltada para a referida prática se constituiu, assim como foi construído um lugar adequado para as competições de turfe - o Prado Mineiro (RODRIGUES, 2006). A primeira corrida no Prado Mineiro data de 1906 (RODRIGUES, 2006).

Mesmo que o turfe *a priori* fosse visto como um divertimento elitista e equiparado aos ideais de modernidade, segundo Rodrigues (2006), homens e mulheres de diferentes classes sociais possivelmente compareciam aos páreos da capital mineira. A autora também apresenta que ainda que considerado a fim com a modernidade que se desejava instaurar na região nos anos iniciais do século XX, a prática não perdurou, possivelmente por não ter muitos adeptos (RODRIGUES, 2006). A última corrida no Prado Mineiro se deu em 1911 e a sociedade responsável pelo lugar foi desfeita em 1912 (SOUZA NETO; SOUTTO MAYOR, 2017; RODRIGUES, 2006).

As belo-horizontinas participaram do turfe principalmente na assistência dos páreos. Era, sobretudo, nos arredores das corridas de cavalos que se notava a presença das mulheres (RODRIGUES, 2006). Tal forma de participação foi evidenciada também

nos primórdios do esporte no Rio de Janeiro entre o século XIX e a primeira década do século XX, pois mesmo que as mulheres não pudessem participar como dirigentes de clubes de corridas ou como organizadoras de competições, elas estiveram nesse divertimento (MELO, 2007):

O turfe foi uma das válvulas de participação social feminina, já que era considerado de caráter aristocrático e familiar. Os hipódromos logo se constituíram em locais adequados para ver e ser visto. Nas instalações e eventos turfísticos as mulheres estavam sempre presentes, acompanhando seus pais ou maridos e, para as que podiam, desfilando seus vestidos de última moda [...]. Não se pode desconsiderar que a presença feminina nos prados era também concebida como mais uma forma de apresentar as mulheres à “nata da sociedade”, tornando-as conhecidas de algum “bom partido”, predispondo-las a um bom matrimônio. Para as solteiras era mesmo uma possibilidade de flertar, algo que afrontava a tradicional estrutura social (MELO, 2007, p. 130-131).

As barbacenenses não foram citadas como organizadoras, integrantes ou espectadoras das corridas de domingo na Avenida do Contorno no ano de 1930, contudo, não podemos afirmar que elas não participaram como assistentes, já que essa era uma posição comum as mulheres no turfe, como nos apresenta o estudo de Rodrigues (2006) e de Melo (2007). Ainda, por se tratar de um divertimento organizado em uma avenida de Barbacena, isso certamente possibilitou o comparecimento de público assistente diverso - homens, mulheres, crianças - e de distintas classes sociais.

Além do argumento sobre a possível participação das barbacenenses nas corridas de cavalos como assistentes, fazemos duas considerações sobre a presença desse divertimento em Barbacena no ano de 1930. A primeira, se essa prática se deu em recorte temporal anterior ao deste estudo e esteve presente na cidade em 1930 (como segunda experiência ou não), a existência da corrida de cavalos no referido ano (e anteriormente) pareceu ter sido uma tentativa efêmera, não chegando a dois meses de duração, o que concatena com a análise de Rodrigues (2006) que diz da não popularidade desse divertimento na capital mineira. Será que também podemos afirmar que em Barbacena as corridas de cavalos não caíram no gosto do público?!

Vale dizer que após 1912, quando a primeira experiência com o turfe em Belo Horizonte chegou ao fim, foi em 1938 que novos investimentos em relação a corrida de cavalos foram feitos na região (SOUZA NETO; SOUTTO MAYOR, 2017), o que nos leva a pensar que na década de trinta, em diferentes lugares de Minas Gerais, tendo como exemplo Barbacena e Belo Horizonte, a corrida de cavalos pode ter retomado as suas rédeas.

A outra reflexão é a de que mesmo que as corridas de cavalos sejam consideradas pela historiografia como uma pioneira prática esportiva dialógica a modernidade que se desejava em meados do século XIX e início do XX (MELO, 2001), essa tentativa de se reinstaurar o divertimento em Barbacena foi organizada no modelo de apostas, qual poderia não mais ter tanta popularidade em meio a outras opções de entretenimentos existentes. Ou seja, as práticas de apostas no ano de 1930 já poderiam não ser mais “a bola da vez”, e por se tratar do turfe, a violência presente na relação entre *jockeys* e cavalos não dialogavam com os ideais de civilidade que se desejava instaurar, mesmo que para a platéia pudesse ser algo esperado:

A corrida de domingo, na Avenida Contorno, teve extraordinária concorrência. A aposta de 1:000\$000 levou muitos curiosos, mais de mil pessoas.

Estava no auge do entusiasmo, quando começou o quarto pareo. Iniciada a corrida, o sellim de um dos jockeys tombou. Os Srs. Garizo Becho Andorinho, industrial nesta cidade, e o Sr. Sebastião Pires da Silva, empregado do Hotel Aliança, foram socorrer o jockey em perigo, enfrentando os cavalos em disparada, sendo ambos alcançados e atirados ao chão e pisados pelos animais. Garizo, que perdeu os sentidos, sofreu contusões e escoriações na cabeça, no rosto e numa das pernas. Sebastião Pires teve partida a clavícula direita e contusões no baço.

Ambos foram socorridos pelo Dr. Theobaldo Tollendal, achando-se em lisonjeiro estado.

A continuarem as corridas, torna-se necessário a organização de um Prado regular, com regras e regulamentos, evitando também a montada de menores de idade.

E' uma diversão que empolgou coisa rara, o povo barbacenense, mas que está sendo praticada de modo irregular. Tal diversão, realmente interessante merece tomar novo rumo com a fundação de um Prado de verdade (CORRIDA DE CAVALLOS, 1930, n. 2623, p. 2).

Em 1931 formou-se em Barbacena o *Derby Barbacenense*, uma associação composta por homens da elite local, interessados em reestabelecer as corridas de cavalos na cidade de forma mais bem organizada - aqui encontramos claramente o termo turfe fazendo alusão a prática das corridas de cavalos em Barbacena (DERBY BARBACENENSE, 1931, n. 2712, p. 2). Por iniciativa desse distinto grupo, deu-se a construção de um *hyppodromo* que pareceu continuar sediando corridas em recorte temporal posterior ao desta pesquisa.

Também não constatamos a presença das cidadinas no espaço do *Derby Barbacenense*, nem mesmo informações mais detalhadas sobre essa associação. Tais ausências podem ter sido evidenciadas pela parcimônia dos próprios anúncios das corridas, pois o *Cidade de Barbacena* pareceu economizar descrições de como essa outra experiência com o turfe acontecia no *Derby Barbacenense*, destacando

principalmente a formação dos páreos, os quais continuavam acontecendo aos domingos.

Ademais, o nome dessa associação rememora o *Derby Club*, clube de corridas formado pela elite urbana do Rio de Janeiro nas décadas finais do século XIX (MELO, 2001), o que nos leva aos seguintes questionamentos: será que alguns limites de informações sobre a continuidade dessa prática em Barbacena por investimentos do *Derby Barbacenense* se deram pela especificidade de um grupo elitista em não querer fazer de seus acontecimentos fatos populares na imprensa local, restringindo-se apenas a um estrato econômico específico da região? E ainda, que o turfe nesse momento se configurou como uma prática estritamente elitista, mostrando-se impermeável a participação de populares? As mulheres eram assistentes? São questões a se investigar.

Fatos esses que nos fazem pensar que o passado e o presente, o antigo e o moderno, o lícito e o ilícito dialogaram no que tange aos divertimentos em Barbacena. Do mesmo modo como refletimos que as formas de participação das mulheres dessa cidade nos divertimentos se coadunaram entre formas prevalentes no passado, formas idealizadas para o presente e futuro, formas lícitas e ilícitas, formas ocultadas ou declaradas, mesmo que às vezes não apresentadas pelas fontes que fizeram parte da narrativa. Mas foram formas de participação pelas mulheres, e por isso práticas; certamente acontecendo.

CONCLUSÃO

[...] completamente estabelecida, a arte é inteiramente separada da vida. Toma dela apenas aquilo que pode usar, criando-se desse modo a si mesma, por assim dizer, uma segunda vez. Ainda assim, as formas pelas quais a arte faz isto, e nas quais realmente consiste, foram produzidas pelas exigências e pela própria dinâmica da vida (SIMMEL, 1983, p. 167).

Assim como a arte, que diz de outra versão da realidade, intentamos apresentar uma possível versão acerca das formas de participação das mulheres da cidade de Barbacena nos divertimentos entre 1914 a 1931. Temos como principais resultados os seguintes achados:

Barbacena é uma cidade que possui no período estudado a característica de ter trazido para o seu cotidiano vários aspectos de modernização de sua infraestrutura urbana e dos modos citadinos. Nesse contexto, foi percebida uma agenda intensa de programações de divertimentos, nos quais as barbacenenses se inseriram das principais maneiras: espectadoras, organizadoras e integrantes.

Foram as barbacenenses das classes mais abastadas as que tiveram destaque nas fontes mobilizadas, contudo, muitos indícios demonstram a participação ou o pedido de participação das mulheres de outras classes, como as pobres.

As professoras normalistas tiveram protagonismo nas programações de divertimentos. Além de espectadoras e integrantes de apresentações artísticas, foram organizadoras de entretenimentos, o que implica dizer que ser professora no período estudado e no contexto de Barbacena permitiu certo trânsito de mulheres em diversos lugares dessa sociedade, o que pode demonstrar emancipação do sexo feminino acerca do que era esperado na profissão que exerciam.

O cinema, um dos principais entretenimentos identificados em Barbacena no período estudado esteve muito presente na agenda da cidade, possibilitando não somente que citadinos e cidadinas de origem brasileira ou não, se envolvessem com a estruturação de negócios acerca da prática, mas também, se caracterizando como um espaço de sociabilidade diversa para as mulheres, seja como espectadoras ou como integrantes de outras práticas que compuseram os cinemas da cidade, a dizer do *footing*.

Alguns entretenimentos, sobretudo os que envolviam o movimento físico, como as práticas corporais, apresentaram restrições impostas ao *bello sexo*, pois no atletismo, por exemplo, apenas uma prova foi destinada às jovens envolvidas. As danças modernas, mesmo com uma série de prescrições impostas para regradar e censurar o

comportamento das cidadinas na desenvoltura física que os novos ritmos exigiam, foram praticadas pelas mulheres, constituindo, também, parte integrante das programações que tiveram organizadoras à frente.

No caso do futebol, percebemos que o amadrinhamento de times possibilitou a forma de participação com patrocínio, ou seja, além de a madrinha ter dinheiro para financiar equipes, o poder financeiro pode tê-la permitido fazer e desfazer escolhas em um divertimento que tinha a sua prática voltada para homens.

Acreditamos que este estudo pode contribuir com a história das mulheres de Barbacena em relação aos divertimentos, fenômeno social que as possibilitou emancipação, visto o caráter público que sua dinâmica requis e as distintas formas de participação que encontraram como espectadoras, organizadoras e integrantes.

Muitos limites perpassam esta pesquisa, evidentes ou ainda não demarcados. Alguns deles reconhecemos, como o fato de termos como principal fonte um jornal, esse que representa uma época, um recorte espacial e temporal, assim como diz da possível representação que se tinha acerca da presença das mulheres nos divertimentos. Ou seja, as mulheres de Barbacena que se divertiam poderiam ser evidenciadas de outras formas nos entretenimentos, ou não, caso adotássemos como metodologia o uso de um maior número de jornais, para, por exemplo, buscar outras formas de participação das barbacenenses nos divertimentos e quiçá, fazer um comparativo de dados. Contudo, esse é um limite qual reconhecemos.

Outro limite da pesquisa, refere-se ao tempo de pesquisa, que permitiu ressaltar apenas duas categorias de análise – Cines-Teatro e Práticas Corporais –, restando as categorias Festas e Encontros, as quais demonstram potencialidade para novas pesquisas.

Assim sendo, acreditamos que elas se divertiram muito no período estudado. Mesmo com a imposição de restrições para as mulheres vindas de estereótipos demarcados, normas estabelecidas e preceitos apresentados, as brechas existiram e existem.

REFERÊNCIAS

- 07 DE SETEMBRO EM BARBACENA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 11 set. 1919, n 1532, p. 1.
- 7 DE SETEMBRO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 10 set. 1916, n. 1256, p. 1.
- ACOLA'... . **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 26 jul. 1928, n. 2114, p. 1.
- ACOLA'. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 9 ago. 1925, n. 2118, p. 1.
- A FESTA DA LIGA FEMININA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 23 ago. 1917, n. 1348, p. 2.
- A JOGATINA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 27 ago. 1922, n. 1821, p. 1.
- A INAUGURAÇÃO DO CINEMA S. JOSÉ. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 30 ago. 1917, n. 1350, p. 1.
- A IRRAGAÇÃO DAS RUAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 6 ago. 1922, n. 1815, p. 1.
- ALCANTARA, Rogerio de. Sociaes. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 3 mar. 1918, n. 1399, p. 1.
- ALCANTARA, Rogerio de. Sociaes. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 6 jun. 1918, n. 1424, p. 2.
- ALCANTARA, Rogerio de. Sociaes. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 20 jun. 1918, n. 1428, p. 2.
- ALCANTARA, Rogerio de. Sociaes. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 26 jun. 1919, n. 1510, p. 2.
- A LIGAÇÃO RODOVIARIA DE BARBACENA A S. JOÃO D'EL-REY. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 16 maio 1928, n. 2395, p. 1.
- ALMANAK LAERMMERT**. Municípios. Rio de Janeiro, ano 1900, edição A00057, p. 299. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/313394/18451> . Acesso em: 27 ago. 2017.
- _____. Liga Feminina. Rio de Janeiro, ano 1914, edição B00070(3), p. 3222. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/cache/1170501203219/I0056314-2Alt=002050Lar=001313LargOri=004322AltOri=006748.JPG> . Acesso em: 31 jan. 2018.
- _____. Barbacena. Rio de Janeiro, ano 1915, edição B00071, p. 3068. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/313394/60729> . Acesso em: 27 ago. 2017.

_____. Liga Feminina. Rio de Janeiro, ano 1915, edição B00071(2), p. 3068. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/cache/1170501203219/I0060729-2Alt=002150Lar=001313LargOri=004107AltOri=006724.JPG> . Acesso em: 31 jan. 2018.

_____. Cervejaria Saxonia. Rio de Janeiro, ano 1916, edição B00072, p. 3315. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=65077&url=http://memoria.bn.br/docreader#> . Acesso em: 6 jan. 2017.

_____. Escola Normal Municipal. Rio de Janeiro, ano 1922, Edição D00078-00079 (1), p. 4152. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/cache/11807934653/I0082427-2Alt=001809Lar=001313LargOri=004425AltOri=006098.JPG> . Acesso em: 6 fev. 2017.

AMERICAN-CIRCUS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 3 março 1928, n. 2375, p. 2.

AMOR Á CASA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 1 jan. 1929, n. 2460, p. 3.

A MULHER E MAÇONARIA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 9 nov. 1922, n. 1842, p. 1.

A NOSSA DECADENCIA MORAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 30 set. 1926, n. 2232, p. 1-2.

A PEDIDOS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 14 fev. 1931, n. 2656, p. 2.

APOLLO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 22 fev. 1925, n. 2072, p. 2.

ARBEX, Daniela. **O holocausto brasileiro**: vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil. São Paulo: Geração Editorial, 2013, 272 p.

A RUA 7 DE SETEMBRO ESTÁ SENDO CALÇADA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 9 out. 1927, n. 2335, p. 1.

AS CAVALHADAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 27 maio 1915, n. 1126, p. 2.

AS CAVALHADAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 30 maio 1915, n. 1127, p. 1.

AS CAVALHADAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 25 jul. 1926, n. 2214, p. 2.

AS CORRIDAS DE AMANHÃ. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 23 ago. 1930, n. 2614, p. 3.

AS DANÇAS MODERNAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 30 jun. 1928, n. 2408, p. 2.

BARBACENA “Á LA MINUTTE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 3 jul. 1919, n. 1512, p. 1.

BARBACENA TERÁ EM BREVE O SEU MERCADO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 21 abril 1928, n. 2388, p. 1.

BARBACENA VAE TER UM APPARELHO DE RADIOTELEPHONIA COM ALTO FALANTE PARA O JARDIM MUNICIPAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 6 maio 1926, n. 2191, p. 1.

BARROS, Cleyton Souza. Luz e progresso: o imaginário da Belle Époque em Juiz de Fora (1889-1914). In: I COLÓQUIO DO LAHES, 13 a 16 de junho de 2005, Juiz de Fora. **Anais do I colóquio do LAHES**, Juiz de Fora: Laboratório de História Econômica e Social, p. 1-13. Disponível em: <http://www.ufjf.br/lahes/files/2010/03/c1-a11.pdf> . Acesso em: 2 out. 2017.

BARROS, Cleyton Souza. Eletricidade como elemento de modernização em Juiz de Fora (1889-1915). **Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada**. Juiz de Fora, v. 3, n. 5, p. 26-52, jul.-dez. 2008. Disponível em: http://www.ufjf.br/heera/files/2009/11/artigo_2.pdf . Acesso em: 16 mar. 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **Memórias de uma moça bem comportada**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. 320 p.

BERNADET, Jean Claude. Acreditam os brasileiros nos seus mitos? **Revista da USP**, São Paulo, n. 19, p. 17-23, set.-nov. 1993. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26870/28651>. Acesso em: 8 jan. 2017.

BICALHO, Maria Fernanda Baptista. A arte da sedução: a representação da mulher no cinema mudo brasileiro. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Entre a virtude e o pecado**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 89-117.

BICYCLETAS DE FAMA MUNDIAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 8 abril 1926, n. 2183, p. 2.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2001. 160 p.

BRAGA, Tanoredo. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 16 abril 1916, n.1216, p. 1.

CAETANO, Raquel Damasceno Gomes Sigaud. **Barbacena: a cidade e jogo político nas páginas dos jornais**. 2008. 125 f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/RaquelDamasceno.pdf> . Acesso em: 13 dez. 2016.

CALVO. Secção Sportiva. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 22 jul. 1926, n. 2213, p. 2.

CALVO. Foot-ball. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 1 ago. 1926, n. 2216, p. 2.

CALVO. Secção Sportiva. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 9 out. 1927, n. 2335, p.2.

CALVO. Secção Sportiva. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 16 out. 1927, n. 2337, p.2.

CALVO. Secção Sportiva. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 22 out. 1927, n. 2339, p.1.

CALVO. Foot-ball. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 8 set. 1928, n. 2428, p. 2.

CALVO. Sports. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 6 jul. 1929, n. 2511, p. 2.

CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano**. 3ª ed. - Petrópolis: Editora Vozes, 1998, 351 p.

CIDADE DE BARBACENA, Barbacena, 5 nov. 1914, n. 1071, p. 1.

CIDADE DE BARBACENA, Barbacena, 22 nov. 1914, n. 1076, p. 1.

CIDADE DE BARBACENA, Barbacena, 10 jan. 1915, n. 1094, p. 1.

CIDADE DE BARBACENA, Barbacena, 4 mar. 1915, n. 1104, p. 1.

CIDADE DE BARBACENA, Barbacena, 27 maio 1915, n. 1126, p. 2.

CIDADE DE BARBACENA, Barbacena, 9 set. 1915, n. 1156, p. 1.

CIDADE DE BARBACENA, Barbacena, 17 jan. 1918, n. 1388, p. 1.

CIDADE DE BARBACENA, Barbacena, 27 jan. 1918, n. 1390, p. 2.

CIDADE DE BARBACENA, Barbacena, 7 março 1918, n. 1400, p. 2.

CIDADE DE BARBACENA, Barbacena, 8 fev. 1925, n. 2068, p. 1.

CIDADE DE BARBACENA, Barbacena, 24 fev. 1927, n. 2274, p. 3.

CIDADE DE BARBACENA, Barbacena, 21 abril 1928, n. 2388, p. 1.

CIMINO, Marli de Souza Saraiva. **Iluminar a terra pela inteligência**: trajetória do aprendizado agrícola de Barbacena, MG (1910-1933). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2007_2-358-DO.pdf . Acesso em: 15 dez. 2016.

CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 14 jan. 1926, n. 2161, p. 2.

CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 20 jun. 1926, n. 2204, p. 3.

CINE-LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 25 jul. 1926, n. 2214, p. 2.

- CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 26 ago. 1926, n. 2223, p. 3.
- CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 19 jun. 1927, n. 2304, p. 2.
- CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 7 jul. 1927, n. 2309, p. 1.
- CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 19 out. 1927, n. 2338, p. 1.
- CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 2 nov. 1927, n. 2342, p. 2.
- CINE LEAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 9 nov. 1927, n. 2344, p. 3.
- CINE LEAL E CINEMA S. JOSÉ. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 14 abril 1927, n. 2287, p. 2.
- CINE MODEARTE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 4 set. 1929, n. 2526, p. 1.
- CINE ODEON. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 23 maio 1928, n. 2397, p. 2.
- CINE S. JOSÉ. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 12 jan. 1922, n. 1761, p. 1.
- CINE S. JOSÉ. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 5 nov. 1922, n. 1841, p. 2.
- CINE-THEATRO-APOLLO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 5 ago. 1923, n. 1916, p. 1.
- CINE-THEATRO-APOLLO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 9 ago. 1923, n. 1917, p.1.
- CINE-THEATRO-APOLLO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 23 ago. 1923, n. 1921, p. 2.
- CINEMA MINEIRO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 13 fev. 1916, n. 1199, p. 1.
- CINEMA PHENIX. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 6 jul. 1916, n. 1237, p. 2.
- CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 24 abril 1924, n. 1988, p. 2.
- CHÁ-DANSANTE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 18 out. 1923, n. 1936, p. 1.
- CLUB BARBACENENSE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 11 jun. 1914, n. 1031, p. 1.
- CLUB BARBACENENSE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 13 out. 1918, n. 1449, p. 1.
- CLUB BARBACENENSE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 6 fev. 1919, n. 1474, p. 1.

CLUB BARBACENENSE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 31 jul. 1919, n. 1520, p.1.

CLUB BARBACENENSE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 17 jan. 1931, n. 2648, p. 2.

COLONIA DE ALIENADOS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 25 jul. 1928, n. 2415, p. 2.

CONFEITARIA APOLLO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 29 dez. 1921, n. 1757, p. 1.

CORRIDA DE CAVALOS. **Cidade de Barbacena**, 24 set. 1930, n. 2623, p. 2.

CUNHA JUNIOR, Carlos Ferreira. Esporte e práticas corporais em Juiz de Fora (1876-1915). In: CUNHA JUNIOR, Carlos Ferreira (Org.). **Histórias e memórias do esporte em Minas Gerais**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011. p. 11-29.

D. PAULA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 22 jan. 1922, n. 1764, p. 2.

D. QUIXOTE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 8 fev. 1930, n. 2561, p. 3.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2011. p.111-153.

DEL PRIORE, Mary. “Jogos de cavalheiros”: as atividades físicas antes da chegada do esporte. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Vitor Andrade de. **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 13-34.

_____. **Histórias e conversas de mulher**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014. 304 p.

_____. **História da gente brasileira: República – Memórias (1889-1950)**. Rio de Janeiro: LeYa, 2017, v. 3. 544 p.

DEMOCRATA CLUB. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 24 fev. 1927, n. 2274, p. 2.

DERBY BARBACENENSE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 5 set. 1931, n. 2712, p. 2.

DIAS, Cleber. Aspectos históricos do esporte e do lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 4, n. 3, p. 1-4, set. - dez. 2017. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/11131/8406> . Acesso em: 16 maio 2018.

DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada. 2.ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011a. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/antonio_carlos_ribeiro_de_andrada . Acesso em: 26 dez. 2017.

_____. Bias Fortes. 2. ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011b. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-francisco-bias-fortes> . Acesso em: 26 dez. 2017.

_____. Belisário Pena. 2. ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011c. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/belisario_pena . Acesso em: 20 fev. 2017.

DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 7 jun. 1914, n. 1030. p. 2.

DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 25 abril 1915, n.1117, p. 2.

DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 9 ago. 1917, n. 1344, p.2.

DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 1 jan. 1922, n. 1758, p. 2.

DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 18 nov. 1923, n. 1945, p. 2.

DIVERSÕES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 22 jan. 1925, n. 2063, p. 2.

DR. BELISARIO PENNA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 21 set. 1919, n. 1533, p. 2.

DR. BELISARIO PENNA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 25 set. 1919, n. 1534, p. 1.

DR. BELISARIO PENNA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 28 set. 1919, n. 1535, p. 1.

DR. BELISARIO PENNA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 5 out. 1919, n. 1536, p. 1.

DUARTE, Regina Horta. **Noites Circenses**: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

ECHOS SOCIAIS. **O Sericicultor**, Barbacena, 12 de agosto de 1917, n. 14, p. 3.

EM BENEFICIO DA ASSISTENCIA Á INFANCIA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 25 jan. 1923, n. 1863, p. 1.

ESTATUTOS DO CLUB BARBACENENSE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 12 nov. 1914, n. 1073, p. 1-2.

FERREIRA, José Cipriano Soares. Resumo histórico do município de Barbacena - Sinopse estatística do município de Barbacena. In: **DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA**. 1948. p. 16-18.

FESTA DE CARIDADE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 2 abril 1922, n. 1783, p. 1.

FESTA DO BEM-ME-QUE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 1926, n. 2253, p. 1.

FESTA DOS ESCOTEIROS. **Cidade de Barbacena**, 21 jul. 1928, n. 2414, p. 1.

FESTIVAL DA ARTISTA DELVAIR SILVA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 13 dez. 1930, n. 2638, p. 2.

FESTIVAL DOS ESCOTEIROS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 2 set. 1931, n. 2711, p. 2.

FESTIVAL INFANTIL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 12 jun. 1927, n. 2302, p. 2.

FIGUEIREDO, Bernardo. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 30 jun. 1928, n. 2408, p. 1.

FIGUEIREDO, Candido de. **Novo dicionário da língua portuguesa**, v. I, 4. ed. Lisboa: Portugal-Brasil, 1925-26.

FOOT-BALL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 28 set. 1919, n. 1535, p. 2.

FOOT-BALL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 26 out. 1919, n. 1542, p. 2.

FRANCO, Kalina Maria Braga. **Uma análise sobre a construção da loucura baseada nos relatos de Daniela Arbex sobre o manicômio de Barbacena**. 2015. 80 f. Monografia (Bacharel em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Federal do Paraná, 2015. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/42154/11.pdf?sequence=1> . Acesso em: 5 dez. 2016.

GALDINO, Márcio da Rocha. **Minas Gerais ensaio de filmografia**. Prêmio Cidade de Belo Horizonte - Ensaio, Editora Comunicação, 1983, 430 p.

GARDEN, C. **Barbacena**. Editora: Oficinas de a noite, Rio de Janeiro, 1940.

GIUMBELLI, Emerson. Caridade, Assistência Social, Política e Cidadania: práticas e reflexões no Espiritismo. In: LANDIM, Leilah. **Ações em sociedade**: militância, caridade, assistência etc. Rio de Janeiro: NAU, 1998. p. 123-171.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. 1999. 180 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999b. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000224373&fd=y> . Acesso em: 6 ago. 2016.

_____. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX”. **Recorde**: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-28, jun. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/790> . Acesso em: 20 fev. 2018.

_____. Mulheres e futebol: entre bolas e bonecas, a dificuldade de inserção. **Revista pré-Univesp**, São Paulo, n. 61, jun. 2014. Disponível em: <http://pre.univesp.br/mulheres-e-futebol> . Acesso em: 16 fev. 2018.

GOMES, Paulo Augusto. Os italianos e o nascente cinema mineiro. **Revista da imigração italiana em Minas Gerais – Ponte entre culturas**, Belo Horizonte, p. 1-8, 2011. Disponível em: http://www.ponteentreculturas.com.br/revista/textos_02.html. Acesso em: 24 set. 2017.

GRANDE FABRICA DE CERVEJA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 7 jan. 1915, n. 1089, p. 3.

GUIMARÃES, Paula Cristina David. **Maria Lacerda de Moura e o “estudo científico da criança patricia” em Minas Gerais (1908-1925)**. 2016. 253 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-AA3ET9> . Acesso em: 15 dez. 2016.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1958-1940/ June E. Hahner; tradução de Elaine Lisboa; apresentação de Joana Maria Pedro**. Florianópolis: Ed: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. 448 p.

JARDIM MUNICIPAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 30 mar. 1924, n. 1982, p. 1.

KERMESSE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 16 out. 1927, n. 2337, p.1.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória** (1924), tradução Bernardo Leitão *et al.* 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. 499 p.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura**. São Paulo: Ática, 1984.

_____. História das mulheres. **Revista USP**, São Paulo, n. 23, p. 56-61, 1994. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/revusp/article/view/26975/28753> . Acesso em: 30 set. 2017.

LICHT, Henrique Felipe Bonnet. **Grupo Escoteiros Guia Lopes: subsídios históricos**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Repositório digital LUMA, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/96745> . Acesso em: 21 fev. 2018.

LIGA FEMININA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 7 fev. 1915, n. 1098, p. 1.

LIGA FEMININA BARBACENENSE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 16 ago. 1917, n. 1346, p. 1.

LISBOA, Jakeline Duque de Moraes. **O divertimento nos espaços associativos de imigrantes alemães e teuto-brasileiros em Juiz de Fora - MG: do último quartel do**

séc. XIX ao fim da II Guerra Mundial. 2017. 210 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/DATA/UserFiles/files/Jakeline%20Lisboa.pdf.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2017.

LISPECTOR, Clarice. Trabalho Humano. In: LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1989.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. O cinema como pedagogia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**, Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 423-442.

LUCAS, Taís Campelo. **Cinearte**: o cinema brasileiro em revista. 2005. 174 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005. Disponível em: http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde_arquivos/6/TDE-2008-01-25T122033Z1217/Publico/Dissert_LUCAS_Tais_Campelo.pdf. Acesso em: 15 jan. 2018.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas – SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001. – Coleção Educação Física e esportes.

MAIA, Cláudia; SANTOS, Patrícia Lessa dos Santos. Maria Lacerda de Moura: crítica à família burguesa e à exploração feminina. In: PUGA, Vera Lúcia; MAIA, Cláudia. **História das mulheres e do gênero em Minas Gerais**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2015. p. 97-122.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: **História da vida privada no Brasil**. Coordenador-geral da coleção Fernando A. Novais; organização do volume Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3.

MARTINS, Marina. **Dança ao pé da letra**: do romantismo à Belle Époque carioca. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012. 220 p.

MASSENA, Nestor. **Barbacena**: a terra e o homem. v. 1, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1985a.

_____. **Barbacena**: a terra e o homem. v. 2, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1985b.

MATCH DE FOOT-BALL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 13 maio 1917, n. 1320, p.1.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

_____. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 127-152, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n54/a08v2754.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2018.

_____. Corpos, bicicletas e automóveis: outros esportes na transição dos séculos XIX e XX. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Vitor Andrade de. **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 71-105.

_____. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de. **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 35-70.

_____. O lazer (ou a diversão) e os estudos históricos. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira, SILVA, Silvio Ricardo da (Org.). **Estudos do lazer: um panorama**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

_____. Uma diversão civilizada: a patinação no Rio de Janeiro do século XIX (1872-1892). **Locus: Revista de História, Juiz de Fora**, v. 23, n. 1, p. 81-100, 2017. Disponível em: <https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/view/2928>. Acesso em: 20 fev. 2018.

MELO, Victor Andrade de; SANTOS, Flavia Cruz. Deslizando rumo ao progresso: a patinação em São Paulo (1877-1912). **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 171-184, jan./ mar. 2017. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/61350>. Acesso em: 20 fev. 2018.

MELO, Victor Andrade de; VAZ, Alexandre Fernandez. Cinema, corpo, boxe: reflexões sobre suas relações e a questão da construção da masculinidade. In: MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício. **Esporte e Cinema: novos olhares**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009. p. 97-143.

MICTORIOS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 13 de julho de 1919, n. 1515, p. 1.

MORENO, Andrea. Ensino Normal em Minas Gerais. In: MORENO, Andrea; VAGO, Tarcísio Mauro. **Do ensino normal depende a eficiência do ensino primário: fontes para histórias da Educação Física em Minas Gerais (1890-1940)**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015. p. 15-48.

MORORÓ, Anderson de Carvalho. **O futebol em Juiz de Fora: uma perspectiva através da imprensa (1904-1914)**. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br:8080/xmlui/handle/ufjf/1654>. Acesso em: 3 fev. 2018.

MOVIMENTO RELIGIOSO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 30 maio 1915, n. 1127, p. 1.

MUITO BEM! **Olympic Jornal**, Barbacena, ano I, 11 jun. 1926, n. 2, p. 2.

NA ESCOLA NORMAL. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 8 maio 1919, n. 1497, p. 1.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. Educação e civismo: movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930). **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, n. 7, jan./jun. 2004. Disponível em: http://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2016/02/Educacao_e_Civismo_Movimento_Escoteiro_em_Min_Gerais.pdf. Acesso em: 21 fev. 2018.

NOFUENTES, Vanessa Carvalho. **Uma guerra que mobiliza a Nação. Todos contra o analfabetismo**. 2008. 163 f. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – Faculdade de História - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=13041@1. Acesso em: 23 jan. 2017.

NORONHA, Gilberto César de. Joaquina do Pompéu: Sinhá Braba ou Dama do Sertão? In: PUGA, Vera Lúcia; MAIA, Cláudia. **História das mulheres e do gênero em Minas Gerais**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2015. p. 213-242.

NOTICIAS DE SITIO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 26 jun. 1927, n. 2306, p. 2.

O JOGO ESTÁ SENDO TENAZMENTE PERSEGUIDO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 15 abril 1926, n. 2185, p. 1.

OLIVEIRA, Luciano Conrado; MARTINS, Carla Denise. O ultramontanismo em Minas Gerais e em outras regiões do Brasil. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 259-269, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/13070/artigo4vol11-2.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 nov. 2017.

OLYMPIC JORNAL, Barbacena, ano I, 11 jun. 1926, n. 2.

ONDE SE DIVERTE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 18 abril 1917, n. 1313, p. 1.

OS DEZ MANDAMENTOS DA HYGIENE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 31 out. 1915, n. 1171, p. 1.

OS NOSSOS JARDINS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 20 jan. 1927, n. 2264, p. 1.

PELA HYGIENE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 13 maio 1915, n. 1122, p. 1.

PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 1 maio 1924, n. 1990, p. 1.

PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 19 jul. 1925, n. 2112, p. 2.

PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 23 jul. 1925, n. 2113, p. 1.

PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 6 ago. 1925, n. 2117, p. 1.

PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 5 dez. 1926, n. 2251, p. 2.

PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 7 ago. 1927, n. 2318, p. 2.

PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 16 nov. 1927, n. 2346, p. 1.

PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 4 fev. 1931, n. 2353, p. 2.

PELOS CINEMAS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 3 jan. 1931, n. 2644, p. 2.

PIC NIC. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 7 nov. 1928, n. 2445, p. 3.

PIMENTA, Everton Fernando. **Duas faces de uma mesma moeda: recepção e circulação do ideário fascista e integralista em Barbacena-MG através do casal Ines e Aroldo Piacesi, 1924-1945**. 2015. 362 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rey, 2015. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/DissertacaoEvertonPimenta.pdf> . Acesso em: 21 set. 2017.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira** por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/diccionario/3/madrinha> . Acesso em: 3 abril 2018.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zelia Lopes. **Cultura Histórica em debate**. São Paulo: USNESP, 1995. Disponível em http://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO_Margareth-as_mulheres_na_historiografia_brasileira.pdf . Acesso em: 1 out. 2017.

_____. Feminizar é preciso por uma cultura filógena. **São Paulo Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 58-66, jul/set. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300009 . Acesso em: 20 dez. 2017.

_____. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 2004. p. 578-606.

_____. Entre o feminismo e o anarquismo: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbrri. **Verve** (PUCSP), São Paulo, v. 21, p. 54-77, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/30719> . Acesso em: 9 dez. 2017.

RAINHA DO COMMERCIO. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 25 jul. 1928, n. 2415, p. 1.

RAINHA DOS ESCOTEIROS. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 23 maio 1928, n. 2397, p. 1.

RATTON, Helvécio. **Em nome da razão** [Documentário]. Grupo Novo de Cinema e Associação Mineira de Saúde Mental, out. 1979. Disponível em: <https://vimeo.com/162724580> . Acesso em: 2 dez. 2017.

RESENDE, Edna Maria. Do debate político à notícia: a imprensa periódica em Barbacena – séculos XIX e XX. **Revista Mal-Estar e Sociedade**, Barbacena, ano V, n. 8, p. 15-40, jan.-jun., 2012. Disponível em: <http://revista.uemg.br/index.php/malestar/article/view/185> . Acesso em 24 dez. 2017.

RICOEUR, Paul. **Memória, História, Esquecimento** [“Memory, history, oblivion”]. Conferência realizada em Budapeste em 8 de março de 2003 no âmbito da “Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism”. Disponível em: http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia . Acesso em: 23 mar. 2018.

ROCHA, Pereira. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 11 ago. 1927, n. 2319, p. 2.

ROCHA, Priscila Viana da. **Nos rastros da Belle Époque mineira**: estrangeirismos franceses em jornais de Belo Horizonte no final do século XIX e início do século XX. 2014. 211 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/3515> . Acesso em: 1 out. 2017.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Antunes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade**: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). 2006. 340 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/VCSA-6XTGT2> . Acesso em: 20 fev. 2018.

ROSA, Maria Cristina. **Da pluralidade dos corpos**: educação, diversão e doença na comarca de Vila Rica. 2005. 309 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252402> . Acesso em: 3 fev. 2018.

SANT’ANNA. Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2014. 205 p.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de Revisão de conceitos: Romanização-Ultramontanismo-Reforma. **Temporalidades**: Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p.24-33, 2010. Disponível em: <https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=https://seer.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/viewFile/3059/pdf> . Acesso em: 4 dez. 2017.

SANTOS, Welber Luiz dos. **A Estrada de Ferro Oeste de Minas**: São João Del-Rei (1887-1898). 2009. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2009. Disponível em: http://repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/5927/3/DISSERTA%C3%87%C3%83O_EstradaFerroOeste.pdf . Acesso em: 5 fev. 2017.

SARÁU DANÇANTE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 11 out. 1925, n. 2135, p. 1.

SAVASSI, Altair José. **Barbacena 200 anos**. Belo Horizonte: Editora Lemi S.A., 1991, v.1, 287 p.

SCHPUN, Monica Raisa. Códigos sexuais e vida urbana: as práticas esportivas da oligarquia paulista nos anos vinte. In: SCHPUN, Monica Raisa (Org.). **Gênero sem fronteiras**: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997. p. 43-71.

_____. Maria Lacerda de Moura: trajetória de uma Rebelde: entrevista com Miram Moreira Leite. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.22, p. 329-342, 2004. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/26183/1/S010483332004000100012.pdf> . Acesso em: 5 out. 2017.

_____. O cinema mudo em São Paulo: experiências de italianos e italianas, práticas urbanas e códigos sexuais. **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 71-81, 2007. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF14/monica%20schpun.pdf> . Acesso em: 8 jan. 2017.

SENNA, Nelson C. de. **Anuario Historico-Chorografico de Minas Geraes**. Belo Horizonte, anno III, 1909.

SENY. Sociaes. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 20 abril 1922, n. 1786, p. 2.

SETEMY, Adrianna. Liga Brasileira Contra o Analfabetismo. In: **Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República**, 2015. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/LIGA%20BRASILEIRA%20CONTRA%20O%20ANALFABETISMO.pdf> . Acesso em: 23 jan. 2017.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da lingua portuguesa**. v.1. 1789. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/2/emancipar> . Acesso em: 28 jul. 2018.

SILVA, Sheyla Pinto da. Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 22, n. 57, p.23-43, agosto/ 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622002000200003&script=sci_abstract&tlng=pt . Acesso em: 6 jan. 2017.

SILVA, Marina Guedes Costa e. **A moral e os bons costumes**: a experiência da cidade nas narrativas policiais (Belo Horizonte, 1897-1926). 2009. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC84VPRK/disserta_o_marina.pdf?sequence=2 . Acesso em: 27 dez. 2017.

SILVA, Luciano Pereira da. **Em nome da modernidade**: uma educação multifacetada, uma cidade transmutada, um sujeito inventado (Montes Claros, 1889-1926). 2012. 212 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS92XNEC/em_nome_da_modernidade_uma_educa_o_multifacetada_uma_cidade_transmutada_um_sujeito_inventado.pdf?sequence=1 . Acesso em: 27 dez. 2017.

SILVA, Igor Maciel da. Lindas, bonitas, gentis e graciosas nos divertimentos, práticas corporais e esportivas (Uberlândia e Uberaba – MG, 1918- 1943). **Vozes, Pretérito & Devir**, Piauí, ano IV, v. VII, n. 1, p. 9-27, 2017. Disponível em: <http://revistavozes.uespi.br/ojs/index.php/revistavozes/article/view/145/164> . Acesso em: 16 maio 2018.

SILVEIRA, Anny Jacqueline Torres. Entre Febres, papudos e brejais: a mudança da capital mineira sob a ótica da higiene. In: CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. **Ciência e cultura na história**, Brasília, DF: CAPES, Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2006a. p. 39-60.

SILVEIRA, Horácio Rodrigues Batista. O discurso civilizatório da Igreja Católica em Juiz de Fora a partir das relações de gênero. In: **Fazendo Gênero**, 10 a 15 de julho de 2006, Universidade Federal de Santa Catarina. **Anais eletrônicos Fazendo Gênero**, 2006b, p. 1-7. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/H/Horacio_Rodrigo_Batista_Silveira_38_A.pdf . Acesso em: 4 dez. 2017.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> . Acesso em: 3 fev. 2017.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. **O cinema e a invenção da vida moderna**. Tradução Regina Thompson. 2. ed. rev. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 95-123.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade, um exemplo de sociologia pura ou formal. In: FILHO, Evaristo de Moraes. **Georg Simmel**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

SOARES, Priscila Gonçalves. **Práticas corporais e diversão em Juiz de Fora/MG**: o discurso do jornal O Pharol (1876-1915). 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2697> . Acesso em: 7 out. 2017.

SOCIAES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 2 ago. 1917, n. 1342, p. 1.

SOCIAES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 10 fev. 1918, n. 1394, p. 1.

SOCIAES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 7 jan. 1931, n. 2645, p. 3.

SOCIAES. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 21 jan. 1931, n. 2649, p. 3.

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 218-237.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/263/26305417/> . Acesso em: 10 dez. 2017.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. **O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940**. 2017. 359 p. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017, 359 p.

SOUZA, Tatiana de. Maria Lacerda de Moura e a Educação das Mulheres para a Liberdade. In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO, 7, Santa Catarina, 28, 29 e 30 agosto de 2006. **Anais...**, Santa Catarina, 2006, p. 1-7. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/T/Tatiana_de_Souza_22.pdf Acesso em: 9 dez. 2017.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)**. 2010. 130 p. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/info/defesas/59/a_invencao_do_torcer_em_belo_horizonte_da_assistencia_ao_pertenciment . Acesso em: 15 abril 2018.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de; SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. Prado Mineiro: do turfe ao futebol – a forja de um espaço esportivo em Belo Horizonte (1904-1920). **Recordes**: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-16, jan./ jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recordes/article/view/10849> . Acesso em: 25 fev. 2018.

T. B. Sociaes. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 17 jan. 1931, n. 2648, p. 3.

TEIXEIRA, Adriano Braga. Viajando pela Vila de Barbacena: possibilidades de história regional para Minas oitocentista sob o olhar dos viajantes. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: ANPUH, 23, Londrina, 2005. **Anais...**, Paraná, 2005, p. 1-8. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1062.pdf> . Acesso em: 26 nov. 2017.

TERRA DE MOÇAS BONITAS! **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 27 abril 1929, n. 249, p. 1.

TOPICOS DA SEMANA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 20 jun. 1928, n. 2405, p. 1.

TRINDADE, Etelvina. Cidade moderna e espaços femininos. **Projeto História**, São Paulo, n. 13, p. 109-120, jun. 1996. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11260> . Acesso em: 29 mar. 2018.

UM CENTRO DE DIVERSÕES EM BARBACENA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 18 jul. 1928, n. 2413, p. 1.

UM LIVRO DE SUCESSO EM BARBACENA. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 16 out. 1919, n. 1539, p. 1.

UMA BELLA FESTA DE ARTE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 23 jun. 1917, n. 1332, p. 2.

UMA FESTA DE ARTE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 9 maio 1917, n. 1319, p. 1.

UMA FESTA DE ARTE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 23 jan. 1919, n. 1471, p. 1.

UMA FESTA ELEGANTE. **Cidade de Barbacena**, Barbacena, 26 fev. 1930, n. 2566, p. 3.

VEIGA, Cynthia Greive. Educação estética para o povo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 399-422.

VIEIRA, Alexandre Sardá. Sessão das moças: sociabilidade por escrito. **Revista Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, São Paulo, n. 6, jan./jun. p. 5-27, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/viewFile/10306/7693> . Acesso em: 24 dez. 2017.

VILHENA, Kellen Nogueira. Entre “sãs expansões do espírito” e “sarrilhos dos diabos”: lazer, divertimento e vadiagem nas representações da imprensa em Belo Horizonte (1895-1922). In: FONSECA, Thais Nilvia de Lima e; VEIGA, Cynthia Greive. **História da educação: temas e problema**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011, p. 359-388.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa - algumas considerações metodológicas. **Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, São Paulo, PUC-SP, v. 4, p. 89-102, 1985. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12410> . Acesso em: 18 nov. 2017.